

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**CAIRO MOHAMAD IBRAHIM KATRIB**

**RETALHOS DA MEMÓRIA**

**Fios, tramas e os avessos da feitura de um docente-extensionista-pesquisador**

**Uberlândia-MG  
2025**

CAIRO MOHAMAD IBRAHIM KATRIB

## RETALHOS DA MEMÓRIA

Fios, tramas e os avessos da feitura de um docente-extensionista-pesquisador

Memorial apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos exigidos para Promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme a Portaria 982/2013 do Ministério da Educação e a Resolução 3/2017 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia-MG  
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

K19r  
2025      Katrib, Cairo Mohamad Ibrahim, 1971-  
            Retalhos da memória [recurso eletrônico] : fios, tramas e os avessos  
da feitura de um docente-extensionista-pesquisador / Cairo Mohamad  
Ibrahim Katrib. - 2025.

            Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -  
Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5148>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

            I. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de  
Uberlândia. Faculdade de Educação. II. Título.

CDU: 378.124

---

André Carlos Francisco  
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### **Banca Examinadora**

---

Profa. Camila Lima Coimbra  
Membro UFU

---

Prof. Helder Eterno da Silveira  
Membro UFU

---

Prof. Artur César Isaia  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Edilece Souza Couto  
Universidade Federal da Bahia

---

Profa. Maria Vieira Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### **Suplentes**

---

Profa. Cristiane Coppe de Oliveira  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Profa. Sônia Maria dos Santos  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Edvaldo Souza Couto  
Universidade Federal da Bahia

---

Profa. Mara Regina do Nascimento  
Universidade Federal de Santa Maria

### **AGRADECIMENTOS**

Contar histórias é relembrar as pessoas que nos ajudaram a caminhar. Por isso, dedico este momento à minha mãe, Iraci Katrib, que abdicou de sua vida para me proporcionar o acesso ao conhecimento;

À minha primeira professora e alfabetizadora, Geilda, por ter me proporcionado o acesso às primeiras letras;

À professora Suleima Nicoletti, que me fez enxergar meu potencial;

À professora Eunice Isaias, que me introduziu no mundo da pesquisa em cultura popular;

Às professoras Eliane Neiva, Delça Calaça, Guida Carolina (*in memoriam*), Wilma Melo e Maria Duarte, do Colégio Estadual Dona Iayá, da cidade de Catalão, Goiás, pessoas que contribuíram significativamente para minha formação docente.

A Maria Clara Tomaz Machado, a quem devo o que sou como profissional da educação superior, pois foi ela quem me estendeu a mão, me acolheu e me ensinou a ser pesquisador das religiosidades e das culturas populares. Grande amiga, mãe, confidente, orientadora, a quem reverencio e sou eternamente grato.

Muitas daquelas que foram espelhos já não se encontram neste plano, mas merecem meu reconhecimento, como Cléria Botelho da Costa (*in memoriam*), orientadora de doutoramento na Universidade de Brasília, e a professora Nancy Alessio Magalhães, com quem aprendi a sensibilidade da escrita e que se faz presente nas reflexões deste memorial, pois foi ela quem me introduziu às leituras sobre memória.

Às minhas mães no Santo, Mãe Selma Souza Silva de Nanã e Mãe Maria das Graças Silva de Oxossi, que, com sua simplicidade, me ensinam todos os dias a me conectar com o sagrado.

À minha madrinha no Santo, Macota Célia Silva, pelo carinho e atenção.

À Isabel Cristina da Costa, amiga-irmã que está sempre ao meu lado, e a Jane Reis, que recuperou em mim o sentido da amizade e da família.

À minha irmã, Amine Ibrahim (*in memoriam*).

## RESUMO

Este Memorial representa mais do que um requisito para promoção da classe de professor associado IV para professor titular na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ele exprime os caminhos trilhados no meu fazer profissional e humano, guiados pela prática da extensão universitária. O Memorial tem como proposta narrar, à luz das reflexões sobre memória, a minha trajetória acadêmico-profissional, evidenciando como fui me fazendo presente nos lugares “ditos para não ocupar”. O fio condutor de todo o processo está no reviver das minhas experiências, pois são elas que me permitem recompor fragmentos da minha história e tecer os fios e as tramas dos retalhos e dos bordados da minha vida. A narrativa contida neste Memorial se desprende do compromisso de contar em linha reta, até mesmo porque “o mais importante do bordado é o avesso, é nele que me reconheço”. A construção dessa narrativa inicia-se com uma introdução guiada pela memória, calçando o memorial em três partes: Parte 1, intitulada “Guizos da memória: reflexões sobre caminhos em (re)construção”, em que me apresento enquanto sujeito-corpo das minhas recordações e, com elas, vou alinhavando e realinhavando os fios das lembranças, evidenciando como a mudança de trajeto da minha vida se deu por meio do contato com a educação, com a cultura e com as questões étnico-raciais. Na Parte II – “Para quais caminhos levam as encruzilhadas?”, narro fragmentos do meu fazer acadêmico na UFU, destacando minha experiência como extensionista e pesquisador. Evidencio os caminhos que pude trilhar na docência e na pesquisa a partir da conexão com a extensão. Na Parte III, intitulada “O celeiro, a bigorna e a forja: ocupando outros espaços no fazer acadêmico”, destaco a importância das experiências e vivências para a ocupação de outros espaços na gestão superior e como essa bagagem me refaz enquanto sujeito-objeto do meu cotidiano acadêmico, seja no campo da extensão, da pesquisa ou da docência. Por fim, teço as considerações deste Memorial, guiado pelas discussões realizadas ao longo do processo, destacando reflexões sobre o papel e o lugar da extensão na promoção de uma educação mais humana no contexto da universidade.

**Palavras-chave:** Memorial acadêmico. Extensão universitária. Pesquisa acadêmica. Memória.

## ABSTRACT

This Memorial represents more than just a requirement for promotion from Associate Professor IV to Full Professor at the Federal University of Uberlândia (UFU). It expresses the paths taken in my professional and human journey, guided by the practice of university extension. The purpose of this Memorial is to narrate, in light of reflections on memory, my academic and professional trajectory, highlighting how I have made myself present in places said to be not meant for me. The guiding thread of this entire process lies in reliving my experiences, as they allow me to reconstruct fragments of my history and weave the threads and patterns of the patches and embroideries of my life. The narrative contained in this Memorial is not bound by the commitment to tell a linear story, especially because “the most important part of embroidery is the reverse side; it is there that I recognize myself.” The construction of this narrative begins with an introduction guided by memory and is structured into three parts: Part I – “Chimes of memory: reflections on paths in (re)construction here”, I introduce myself as a subject-body of my recollections, and through them, I stitch and restitch the threads of memories, highlighting how the changes in my life’s trajectory occurred through my contact with education, culture, and ethno-racial issues. Part II – Where do the crossroads lead? – I recount fragments of my academic journey at the UFU, emphasizing my experience as an extensionist and researcher. I highlight the paths I have been able to take in teaching and research through my connection with university extension. Part III – “The granary, the anvil, and the forge: occupying other spaces in academic work” – I underscore the importance of experiences and life trajectories in occupying other spaces in higher education management and how this accumulated knowledge reshapes me as a subject-object of my academic daily life, whether in the field of extension, research, or teaching. Finally, I weave the conclusions of this Memorial, guided by the discussions carried out throughout the process, highlighting reflections on the role of extension in promoting a more human-centered education within the university context.

**Keywords:** Academic memorial. University extension. Academic research. Memory.

## SUMÁRIO

<b>1 OLHAR NÃO É VER. OUVIR, NÃO É ESCUTAR. NARRAR, É RELEMBRAR HISTÓRIAS: UMA INTRODUÇÃO GUIADA PELA MEMÓRIA.....</b>	<b>09</b>
<b>2 GUIZOS DA MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE CAMINHOS EM (RE) CONSTRUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
2.1 <i>Caminhos foram feitos para caminhar.....</i>	22
2.2 <i>Sou feito de retalhos.....</i>	32
2.3 <i>Um retalho, muitas memórias.....</i>	33
2.4 <i>Outras paragens, muitas histórias.....</i>	44
2.5 <i>Alicerces e processos de transformação.....</i>	51
<b>3 PARA QUAIS CAMINHOS LEVAM AS ENCRUZILHADAS?.....</b>	<b>54</b>
3.1 <i>O extensionista pesquisador.....</i>	55
3.2 <i>Partilhas extensionistas.....</i>	56
3.3 <i>Abrindo as janelas da minha recriação profissional .....</i>	65
3.3.1 <i>As ações de extensão no Campus Pontal em Ituiutaba.....</i>	65
3.3.2 <i>Educação tutorial: Pet Reconectando Saberes: redimensionando práticas e olhares.....</i>	70
3.4 <i>A pesquisa e a extensão promovendo ressignificações.....</i>	77
3.5 <i>Outros caminhos.....</i>	100
<b>4 O CELEIRO, A BIGORNA E A FORJA: OCUPANDO OUTROS ESPAÇOS NO FAZER ACADÊMICO .....</b>	<b>104</b>
4.1 <i>O Labor universitário para além do ensino, extensão e pesquisa.....</i>	106
4.2 <i>Molduras do exercício uma escrita inacabada.....</i>	116
<b>AVESSOS.....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>136</b>



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Fachada da Escola Paroquial São Bernardino de Siena-Catalão-GO.....	34
Imagem 02	Eu criança.....	36
Imagem 03	Coral Vox Populi, Catalão-GO/1990.....	40
Imagem 04	Cartaz defesa de tese UNB.....	43
Imagem 05	Eu e minha tia.....	49
Imagem 06	Reportagem sobre Extensão-Campus Pontal.....	57
Imagem 07	Reportagem sobre projeto de Extensão-Ituiutaba.....	58
Imagem 08	Reportagem sobre Fórum de Extensão em Ituiutaba.....	59
Imagem 09	Reportagem sobre o trabalho da equipe de extensão UFU em Ituiutaba.....	60
Imagem 10	Certificado ações de Extensão UFU.....	61
Imagem 11	Folder do 1º Seminário Étnico-racial de Ituiutaba.....	66
Imagem 12	Chamada para o 7º Congresso Étnico-racial de Ituiutaba..	67
Imagem 13	Reportagem sobre atividades de Extensão em Ituiutaba....	68
Imagem 14	Reportagens sobre ações de Extensão em Ituiutaba.....	68
Imagem 15	Reportagem sobre projeto de Extensão UFU com a Irmandade de São Benedito de Ituiutaba-MG.....	69
Imagem 16	Reportagem sobre projeto de Extensão UFU em Educação e Saúde, Ituiutaba-MG.....	69
Imagem 17	Blog Pet Reconnectando Saberes.....	73
Imagem 18	Card de divulgação do V Seminário de Educação das Relações Étnico-raciais.....	73
Imagem 19	Cards de divulgação ações pet.....	74
Imagem 20	Cards de divulgação ações pet.....	74
Imagem 21	Cards de divulgação ações pet.....	74
Imagem 22	Cards de divulgação ações pet.....	75
Imagem 23	Cards de divulgação ações pet.....	75
Imagem 24	Cards de divulgação ações pet.....	76
Imagem 25	Cards de divulgação ações pet.....	76
Imagem 26	Cards de divulgação ações pet.....	77
Imagem 27	Ações de educação Patrimonial Serra do Facão.....	83
Imagem 28	Ações de educação Patrimonial Serra do Facão.....	83
Imagem 29	Ações de educação Patrimonial Serra do Facão.....	83
Imagem 30	Telas do documentário Projeto Serra do Facão.....	84
Imagem 31	Telas do documentário Projeto Serra do Facão.....	84
Imagem 32	Telas do documentário Projeto Serra do Facão.....	84
Imagem 33	Telas do documentário Projeto Serra do Facão.....	84
Imagem 34	Site Edufu com destaque da obra Sertão de Dentro.....	84
Imagem 35	Portal Comunica.....	85
Imagem 36	Documentário Vértice Agridoce.....	86
Imagem 37	Documentário Vértice Agridoce.....	86
Imagem 38	Documentário Vértice Agridoce.....	86
Imagem 39	Documentário Vértice Agridoce.....	86
Imagem 40	Documentário Vértice Agridoce.....	86
Imagem 41	Prof. Cairo Katrib, durante apresentação do Projeto “Mulheres de Fé” na UFU.....	88

Imagem 42	Reportagem Projeto Mulheres de Fé.....	88
Imagem 43	Reportagem Projeto Mulheres de Fé no Comunica UFU....	89
Imagem 44	Reportagem Projeto Mulheres de Fé no Comunica UFU....	89
Imagem 45	Divulgação Projeto Mulheres de Fé.....	90
Imagem 46	Divulgação Projeto Mulheres de Fé.....	90
Imagem 47	Divulgação Projeto Mulheres de Fé.....	90
Imagem 48	Divulgação Projeto Mulheres de Fé.....	90
Imagem 49	Sensibilização Cecampe Sudeste em Araguari-MG.....	94
Imagem 50	Sensibilização Cecampe Sudeste em Araguari-MG.....	95
Imagem 51	Abertura Cecampe Sudeste UFU 2ª edição.....	96
Imagem 52	Abertura Cecampe Sudeste UFU 2ª edição.....	96
Imagem 53	Edição jornal da UFU.....	109
Imagem 54	Edição jornal da UFU.....	109
Imagem 55	Jornal UFU no Plural.....	111
Imagem 56	Canal Fique por Dentro.....	112
Imagem 57	Canal Fique por Dentro.....	112
Imagem 58	Diversidade Religiosa & História.....	112
Imagem 59	Entrevista TVU.....	113
Imagem 60	Entrevista TVU.....	113
Imagem 61	Atividade CEMEPE Uberlândia-MG.....	113
Imagem 62	Matutando pela Ciência.....	113
Imagem 63	Matutando pela Ciência.....	114
Imagem 64	PodCast Alegria Agora, Agora e Amanhã.....	114
Imagem 65	Divulgação do Curso Trilhas no PDDE.....	114
Imagem 66	Apresentação do Curso Trilhas no PDDE.....	115
Imagem 67	Atividade apresentada no III Colóquio Internacional.....	115
Imagem 68	Obras publicadas.....	119
Imagem 69	Obras publicadas.....	119
Imagem 70	Obras publicadas.....	119
Imagem 71	Obras publicadas.....	119
Imagem 72	Obras publicadas.....	119
Imagem 73	Obras publicadas.....	119
Imagem 74	Obras publicadas.....	120
Imagem 75	Obras publicadas.....	120
Imagem 76	Obras publicadas.....	120
Imagem 77	Obras publicadas.....	120
Imagem 78	Obras publicadas.....	120

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Atividades de extensão por modalidade: 2010 a 2024.....	62
Gráfico 02	Atividades de extensão por ano: 2010 a 2024.....	63
Gráfico 03	Atividades de extensão agrupadas a partir da minha participação.....	64
Gráfico 04	Atividades realizadas no Cecampe (2020-2022).....	97
Gráfico 05	Atividades realizadas no Cecampe (2023-2024).....	98
Gráfico 06	Quantitativo das formações realizadas.....	99

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Quantitativo das formações realizadas.....	98
Tabela 02	Outras ações de pesquisa.....	101
Tabela 03	Produção em jornais e revistas.....	110
Tabela 04	Produção acadêmica do autor.....	121
Tabela 05	Publicações de artigos.....	123
Tabela 06	Capítulos publicados.....	127

## A cabaça da criação<sup>1</sup>

Olorum, senhor do céu, foi quem criou tudo: as árvores, os rios, os bichos. Mas, num certo dia, ele se sentiu muito sozinho e, por isso, resolveu criar seres iguais a ele. Então ele inventou a cabaça da criação.

Usou argila, moldou, fez que fez e refez, tornou a moldar. Até que percebeu que não era capaz de fazer os seres sozinho, que precisava de ajuda para dar vida. E essa ajuda ele pediu às Ya Mi, "as mães ancestrais".

As Ya Mi eram poderosas e temidas feiticeiras, donas de pássaros que cumpriam suas ordens. Elas traziam dentro de si a força feminina, que, assim como a terra, abraça, guarda e protege a semente até que esteja pronta para germinar. E juntos eles trabalharam: as Ya Mi cuidavam da cabaça da criação e Olorum dava o sopro que semeava a vida. Um completava o outro.

É por tudo isso que Olorum decidiu dar a todas as outras mulheres o poder de gerar os seres humanos.

As mulheres, enquanto geravam os seres, brincavam de fazer bonecos. Nessa brincadeira, elas colocavam todos os seus sonhos, pois acreditavam que quanto mais bonitos e bem costurados fossem esses bonecos, mais belos seriam os seres que iriam gerar. Seus bonecos eram de todos os tipos, tamanhos e cores. Foi assim que elas criaram as diferentes raças e nações.

Sentadas, de pernas abertas, elas preservavam a vida.

---

<sup>1</sup> História adaptada pela atriz Erika Coracini e pela cantora Verlucia Nogueira a partir do mito das Ya Mi e da criação do mundo, conforme apresentado no livro *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas>.

## 1 - OLHAR NÃO É VER. OUVIR, NÃO É ESCUTAR. NARRAR É RELEMBRAR HISTÓRIAS: UMA INTRODUÇÃO GUIADA PELA MEMÓRIA

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração, reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos [...] se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (Bobbio, 1997, p. 30-31).

Como destaca Norberto Bobbio (1997), filósofo político italiano, relembrar é uma atividade mental espontânea que nos leva a transitar por caminhos não mapeados. Essas lembranças se formam como palimpsestos, em camadas sobrepostas, carregando, em cada uma delas, traços, imagens e percepções que, ao serem descompostas, apresentam-se não apenas como ranhuras do que foi registrado, mas como marcas daquilo que nos molda como sujeitos.

A memória parece ter sido esculpida para viver dentro de cabaças. Pelo seu formato arredondado e sem bordas, a cabaça guardaria nossas recordações e nos preservaria de lembrar daquilo que não gostaríamos de presentificar. Mas a cabaça, justamente pelo seu formato anatômico, não seria intocável: sofreu o sopro divino, e todos os nossos pensamentos foram lançados ao vento. De vez em quando, eles nos encontram para dizer dos nossos monstros. Só nos esquecemos de que esses monstros somos nós mesmos.

Mesmo assim, tentamos amarrar nossas histórias, nossas boas recordações, tentamos estabelecer um norte para elas – linear, calmo, sereno... Contudo, a memória não obedece a essa linearidade; ela surge, voluptuosa, potente, inflamada de sentimentos e ressentimentos, rebobinando, sem controle, a cabaça da vida.

As recordações que compõem a história da gente revelam um reencontro com o passado, pois, em cada cena recomposta em turbulência, olhamos, mas não

enxergamos; ouvimos, mas não escutamos o que realmente essas narrativas, guiadas pelo ir e vir da memória, insistem em nos dizer.

Nesse ato de relembramento, lugares reaparecem, cicatrizes mal curadas se abrem, e nossas recordações se fragmentam e, ao mesmo tempo, se imbricam em nós mesmos – encorpadas, donas de si – e voluptuosamente derramam nossas histórias sobre nós, porque somos o lugar da manifestação da memória. Como em um desmoronamento indomável, essa manifestação ocorre justamente porque a diferença que define todo lugar não é a da ordem de uma justaposição, mas assume a forma de estratos imbricados (Certeau, 2001, p. 309-310).

A memória, em ebulição, extravasa a cabaça e desconstruindo a ideia de que as recordações seguem uma ordem sequencial e linear. É como se um redemoinho provocasse o desempilhamento de peças que, nas nossas recordações, se arrolam de forma cronológica, fazendo-nos crer que lembramos em linha reta. Mas não é assim que relembremos.

O lugar da memória é o do palimpsesto, e não o da cronologia ou da organicidade sequencial dos fatos e acontecimentos. Portanto, o exercício aqui é o de reaver o que as camadas desse palimpsesto cobriram com a poeira dos meus sentimentos e ressentimentos – lembranças mais internas, que eu pensava estarem adormecidas, mas que vieram à tona nesse exercício de escrita.

Desse modo, neste Memorial, na condição e na tentativa de assumir as rédeas desse processo, sendo o protagonista das minhas recordações e sem a preocupação da racionalidade, procurei reaver as narrativas capturadas na enchente da memória. Elas vieram cheias de rugosidades, imperfeições, mas foram capazes de me proporcionar mergulhos desafiadores pelas minhas histórias.

O fio condutor de toda a narrativa foi a reflexão sobre os “nãos” recebidos ao longo da minha caminhada e como os transformei em incentivo para mudar a rota da minha trajetória. Fui moldado por muitas mãos – algumas que me cobriram de argila, outras que me instigaram a sair da cabaça-mãe – me proporcionando muito mais que o sopro da vida.

Nasci em família humilde, filho de um pai analfabeto e uma mãe com pouca escolaridade. Fui faxineiro, lavador de carros, ambulante, feirante – ocupações que me garantiam o sustento, mas que, aos olhos de muitos, não ofereciam perspectiva de mudança. Ainda assim, sempre me considerei estar no meu lugar de direito. Contudo, sabia que não fui feito para ser aprisionado em uma cabaça, vendo o mundo

passar pelas frestas possíveis. Estive ali, soube aproveitar as oportunidades desses momentos, e isso me permitiu traçar objetivos para a minha caminhada.

Fui faxineiro em uma escola particular. Trabalhei por três anos nessa condição, não em troca de salário, mas por uma bolsa de estudos, projetando concluir o ensino médio e ingressar na universidade. Ao conquistar essa etapa, mais um desafio a ser enfrentado: cursar uma graduação e trabalhar ao mesmo tempo.

Nessa fase, fui feirante e vendedor de frutas em um semáforo da minha cidade. Ocupando esse lugar, tinha um pouco mais de tempo para estudar do que em um emprego com horário menos flexível. Dividia meu tempo entre o trabalho e os estudos. Se o trabalho era na rua, a rua se tornava meu espaço de estudo, para que, à noite, eu pudesse estar na universidade.

Trabalho e estudo sempre caminharam juntos – um me dando condições de alcançar o outro – pois aproveitava cada minuto que a condição de vendedor ambulante me proporcionava para estudar. Foi assim que concluí a graduação e me preparei para ingressar na pós-graduação, sempre com objetivos bem definidos, mas sem desmerecer os lugares que ocupei.

A rua, para mim, era uma grande vitrine. Dela, eu podia acompanhar o movimento da cidade, das pessoas, ouvir histórias, contar as minhas, receber críticas e questionamentos sobre porque estava ali, porque cursava uma graduação para me tornar professor. Aos olhos da maioria, eu deveria permanecer no “meu lugar de direito”, ditado pela minha condição social.

Por mais que tentassem me invisibilizar – ainda que estivesse exposto na rua, no canteiro central que dividia uma das avenidas mais movimentadas da cidade – estar ali, naquela encruzilhada de sensações e possibilidades, me permitia olhar adiante e, a cada negativa, mais me dedicava a sair daquela condição momentânea.

Ali, passei grande parte da minha vida: foram dez anos sob os olhares de toda a cidade, todos os dias, de segunda a domingo. Às vezes, até pensava que havia fincado raízes ali e que não conseguiria sair, talvez porque os olhares que reforçavam minha condição fossem mais poderosos do que aqueles que me apoiavam e incentivavam.

Entretanto, experimentar esses lugares fez-me entender que, a cada olhar que me negava o direito ao sonho, eu me fortalecia para transpor as barreiras que me foram impostas. O lugar onde pensava estar enraizado, sem perspectivas de mudança, nada mais era do que meus “entre-lugares”, como afirma Homi K. Bhabha

(2005, p. 20), esses entre-lugares “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Então, viver a confluência e a turbulência dos entre-lugares hoje me ajuda a lidar com a redescoberta das lembranças e recordações que me propiciam, enquanto sujeito, compreender minhas pertencças, reescrever minha história e revisitar as minhas memórias.

Sei que, por mais que tentassem me impedir de sair de dentro da cabaça, eu aumentava ainda mais as frestas para enxergar o que o mundo lá fora poderia me proporcionar, ainda que essas frestas apontassem sempre para uma encruzilhada de caminhos não definidos.

Hoje, ao reviver esse momento de escrita deste Memorial e reestabelecer fortes vínculos com os meus (não) lugares, exército uma renegociação com minha identidade, com meus pertencimentos, comigo mesmo e com os meus, como bem destaca Stuart Hall (2006, p. 88).

Finalizo mais do que um ciclo da minha trajetória acadêmica e profissional, exercitando a mensagem de um conto iorubá bem conhecido que diz: “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”. Ao perceber, lá atrás, que me encontrava em uma encruzilhada e que havia apenas duas opções – ou continuava parado olhando pra ela ou cortava as minhas raízes, parava de olhar pelas fendas e seguia por qualquer outro caminho que não fosse o da acomodação –, fiz minha escolha. Aqui, mais uma vez guiado pelo sopro da vida, ao som dos ecos do passado em sintonia com as partituras do presente, canto a música que me permite viver o tempo presente.

Esses anos de caminhada se constituíram em um período enriquecedor de troca de experiências, inquietações e muito trabalho. Trago comigo a certeza de ter experimentado boas oportunidades de diálogo com o ensino, a pesquisa e, sobretudo, com a extensão.

Reaprendi a reler cada momento para além de uma simples etapa acadêmica ou profissional, mas como experiências de vida, ouvindo as vozes dos meus silêncios, que me incitam ao exercício de recontar histórias do meu passado.

Essa sonoridade se espalha pela minha cabaça da memória, faz-me reacender histórias de ontem e de hoje – bobinas de um filme em diferentes rotações,



que vão, vêm, se misturam e me permitem reinterpretar as cenas projetadas no meu telão da vida. Assim, as lembranças borbulham e, ao mesmo tempo, se materializam como acontecimentos e experiências, filtrando as leituras que vivenciei para reler as histórias das quais participei.

Nesse viés, trabalhando com a formação de professores educadores, contribui com a formação de inúmeros graduandos e pós-graduandos, apresentando-lhes possibilidades de percepção do fazer acadêmico, profissional e humano, valorizando-os enquanto sujeitos, reforçando a importância do sonho e do acreditar que é possível reescrever nossas histórias.

Ser educador tem suas vantagens, dentre elas a estarmos sempre nos recriando, guiados pelo processo contínuo do aprender-ensinar. Meu mergulho nesse processo me tornou uma pessoa melhor, pois aprendi muito com cada um que pude dialogar nesses anos de docência, sejam colegas de profissão ou estudantes em formação. São essas experiências temporais, porém afetivas, que marcam minha história e reverberam nas histórias daqueles que comigo estiveram, em uma troca contínua de sentidos e significados.

Dessas experiências, tecidas por fios elásticos das minhas memórias, aprendi a respeitar e a lidar com as adversidades da vida e a entender que a construção do conhecimento, quando mediada pela ação-interação respeitosa entre docente e discentes, se concretiza positivamente, contribuindo para a valorização humana de cada sujeito envolvido neste processo. Trata-se de uma situação complexa que requer de nós sensibilidade e olhar afetivo para o exercício acadêmico.

No meu caso, são trinta e três anos de vida dedicados à educação, pois iniciei minha trajetória como funcionário público na área da educação aos dezoito anos de idade. As marcas pedagógicas da educação básica me acompanham, e são elas que me permitem o exercício da alteridade, de me colocar no lugar do outro e entendê-lo em sua complexidade e na interação com as situações vivenciadas. Por meio desse olhar atento, reviso cotidianamente minha trajetória e o meu papel social e acadêmico, repensando minha construção enquanto sujeito e me modificando a cada experiência, uma tarefa complexa e introspectiva, que envolve não apenas uma mudança de olhar sobre a vida e o viver, mas também de atitudes.

O momento de rememoração das minhas histórias não foi tarefa fácil, pois os fios da memória me conduziram por vários caminhos e, ao percorrê-los, situações adormecidas abriram feridas que eu pensava estarem cicatrizadas. Revivê-las me

permitiu novas costuras com minhas histórias, desatar e atar nós e, assim, reacender percepções e sentidos sobre o que pude viver até o momento, permitindo-me também adubar muitas histórias silenciadas.

Tenho que concordar com Paul Ricoeur (2007, p. 48) quando ele diz que “o ato de rememorar ou de acessar as recordações do vivido, materializadas nas lembranças no tempo presente, é a melhor forma encontrada pelos indivíduos de lutarem contra o esquecimento”. Assim, optei por cerzir minhas lembranças e costurá-las com fios miúdos, quase impercebíveis ao olhar do outro, nos fragmentos das minhas recordações despertadas na elaboração deste Memorial.

Não foi um exercício fácil, pois, nos mergulhos, as narrativas borbulharam sem controle. Eleger fragmentos a serem postos à mesa nem sempre trouxe aromas agradáveis do banquete da vida, talvez pelo fato de o prato principal ser eu mesmo e de me ver exposto, com as minhas marcas sobressaltadas e meus sulcos latejando, justamente para fazer eclodir a memória das coisas que eu (não) gostaria de rememorar.

Sim, eu tenho marcas. Elas são parte de mim, e eu, delas. Somos um emaranhado de alinhavos frouxos ou bem conectados que definem o meu DNA identitário. Marcas são identidades. Recompõem-se no íntimo das nossas memórias, mas possuem uma capacidade impressionante de emergir e mexer com a vida da gente.

Tecer este Memorial me permitiu revisitar teóricos da memória e da história e, ainda, lembrar e relembra, sob uma outra lógica, as situações e os momentos vividos. Todavia, a escrita que utilizei parece não obedecer a tempos verbais, pois passado, presente e futuro concretizaram-se no agora e, numa velocidade voraz, somaram-se à sinfonia desenfreada de lampejos e *flashbacks*, reprisando, com novos e antigos desfechos, o filme da minha vida.

Em outros dizeres, nossa vida não é escrita a caneta – e nem deve ser –, pois, ao tentarmos apagar o que escrevemos, corremos o risco de nossa história nada mais ser do que um enorme borrão. Aprendi a escrever a lápis e a ter como aliada a borracha, pois o lápis, como descreve Antônio Biá, personagem central do filme *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé (2003), desliza macio sobre o papel em branco, obedece à condução da mão e nos permite voltar atrás, apagar e reescrever nossas histórias novamente, possibilidade que a dureza da tinta não nos permite realizar. Histórias não são verdades, são narradas a partir do ponto de vista de quem escreve

ou narra. São verossimilhanças do real representado, como bem define a historiadora Sandra Pesavento (2004).

Este texto é vivo, plural, reflexo de minhas escolhas. Para além de um rito formal de passagem, ele ritualiza meu encontro comigo mesmo, com minha ancestralidade, com minhas escolhas – um momento sagrado que revela e desvela partes da minha feitura.

Experimentar tudo isso me fez refletir sobre o papel que os mais velhos têm em nossas escolhas. E, por mais que tenha sentido que meu caminhar tenha sido solitário, nele estiveram – e estão – pessoas que me fizeram repensar minhas práticas e, principalmente, tornar-me o que agora sou: um cadinho de cada um, que me guia no exercício da escrita deste Memorial. Bosi (1979, p. 73) me ajuda no entendimento desse processo quando diz:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita, mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.

A memória é um grande recipiente que fermenta os registros de fragmentos das nossas recordações, que nos mostram os caminhos trilhados e, sem pudor e consequência, chacoalham nossa história de vida, colocando-nos no centro de um grande espiral de sentimentos.

O exercício da memória aqui provocado teve a intenção de realizar a desconstrução dos palimpsestos das minhas rememorações – uma tarefa árdua, marcada por ranhuras que se sobrepõem ao ato de relembrar, reviver e reatualizar as muitas recordações do vivido, sem perder de vista que:

Ao contarmos e recontarmos histórias, damos um sentido dinâmico a elas, pois o ato de contar histórias: [...] sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo (Benjamin, 1993, p. 205).

Walter Benjamin (1993), salienta que o movimento de contar e recontar histórias proporciona a quem lembra um contato com fatos esquecidos, adormecidos ou silenciados, permitindo-nos construir interpretações sobre eles. Tenho a convicção de que a memória inteiriça é inalcançável e, por mais que tentemos recuperá-la integralmente, transpondo-a para o presente, ela vem cheia de ranhuras, fazendo-nos questionar por que lembramos de determinadas situações e não de outras nesse processo de relembramento. Paul Ricouer (2000) nos auxilia nessa compreensão ao afirmar que, ao revivermos lembranças, elas se efetivam como uma ação particular cujas latências não nos permitem atualizar totalmente o passado, posto que o ato de rememorar é um ato constituído por fragmentos, restos de muitas lembranças vividas, esquecidas, adormecidas nos vãos da memória.

Entretanto, novos contornos podem ser dados a ela. Santo Agostinho (2011) nos lembra que não conseguimos captar a totalidade da memória; o que conseguimos são restos, vestígios de memória, e sozinha ela não sobrevive. O ato de lembrar só existe porque tem alguém que rememora, que materializa em linguagem aquilo que vê em quadros imagéticos que formam os fragmentos das nossas rememorações.

Mas quem melhor define essa relação do sujeito com suas lembranças é Guimarães Rosa (2006, p. 88):

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que real tive, de alegria ou pesar, cada vez daquela que hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto.

E na efusão de tantas lembranças, exército os relampejos provocados pelas minhas memórias. Mas o curioso é que todos os baús se abrem ao mesmo tempo e, de lá, são expulsas as recordações – algumas delas liberando fortes cargas sentimentais que me fazem lembrar, de forma desenfreada e dinâmica, lembranças de perto e de longe, possibilitando-me reler a reconstrução da memória e, conseqüentemente, da história vivida em flashes.

Lembrar é um ato solitário. Dessa forma, corroboro Alessio Magalhães e Marta Litwinczik (2000, p. 13), que, ao analisarem as memórias em torno das histórias

sobre a construção de Brasília-DF, dos que ajudaram a erguer a capital do país, vão nos dizer:

Eu não tenho a pretensão de ter a minha imagem preservada para a eternidade; eu não quero é ser silenciado. Eu desejo poder escolher o que guardar ou o que registrar, mas também não quero descartar o que não foi selecionado, pois elas são partes das minhas memórias pessoais e sociais.

(Re)contar histórias é ressignificar palavras em imagens. Em *Matéria e Memória*, Henri Bergson (2010, p. 14) diz que a imagem que, mesmo de forma vaga, é expressão do movimento. Ela atua como as outras imagens, “recebendo e devolvendo movimento”. Assume contornos próprios e “parece escolher, em certa medida, a maneira de devolver o que recebe”. A junção delas – palavras e imagens – nos permite “extrair inicialmente da percepção para reencontrar a pureza da imagem” (Bergson, 2010, p. 60). Mas qual seria essa pureza? A do sentir? A da interpretação dos quadros dessa memória?

Difícil dizer, pois a memória não faz parte de uma ação objetiva. As lembranças fluem impulsionadas por sentimentos, às vezes incontrolláveis, que se reavivam ao contato com sons, cheiros, sabores, odores e imagens. Mas nunca vêm em sua totalidade; sempre fica algo, uma surpresa a ser revelada.

Nesse grande espiral das minhas memórias, fui lançado num emaranhado de teias cujos fios me proporcionaram acesso a memórias vivas que, como filmes, projetaram em minha mente cenas de vários momentos, agrupando-se e permitindo-me reler o passado e até me reencontrar sob outros pontos de vista. Ou seja, essas teias são híbridas, elásticas e me possibilitaram mergulhar, emergir, mudar a rota e reescrever as narrativas que aqui comungo com cada leitor.

Exercendo a liberdade autoral na escrita, procurei adubá-la com a memória do afeto e, assim, pela ação-sujeito-memória, narrar fragmentos de minhas histórias. Nelson Olokofá Inocêncio (2006, p. 53), no ensaio “Sujeito, corpo e memória”, enfatiza que, para que possamos exercer o protagonismo das nossas experiências, a pessoa-sujeito precisa ter a consciência de que é reflexo da sua formação identitária, das suas vivências e experiências. Precisamos entender que o sujeito é corpo em movimento e que a memória é viva, seja ela individual ou coletiva. Então aqui me apresento como sujeito-corpo em (re)construção (in)consciente e (des)construído.

Paolo Rossi (2010) enfatiza que a memória funciona como um possível exame de consciência; é por meio dela que buscamos as origens de nossa construção identitária. Esse processo é uma necessidade de nossa própria existência. Contudo ao reinvocarmos nossa memória, recuperamos muito mais que uma lembrança esquecida. A memória vem picotada, movida por um turbilhão de sentimentos, e a consciência nos auxilia no processo de sua (re)invenção. Como bem disse Sandra Pesavento (1995, p. 17), o passado nos chega enquanto discurso, pois não somos capazes de restaurá-lo; o que tentamos fazer é reconstruir o real e reimaginar o imaginado.

Minhas inquietudes são frutos das minhas (re)imaginações conscientes e inconscientes do sujeito inacabado. Às vezes, o que mais nos move é não perder as rédeas da nossa caminhada. Planejamos, definimos prioridades, como se tivéssemos controle cartesiano sobre nossas vidas. Esquecemos que o que nos move não é a razão pura, mas uma racionalidade conectiva, embebida de emoção, sentimentos, ousadias e inconstâncias da vida. São esses fatores que nos fazem questionar se a nossa história sobreviveria sem estar atrelada à história dos outros.

Vivemos, rememoramos, encenamos no palco da vida. Somos atores, enredo, figurantes das nossas recordações e, nelas, encontramos outras pessoas com as quais contracenamos. São elas que nos ajudam a tecer nossas memórias e nossas histórias.

O cineasta espanhol Luis Buñuel (2009) destaca que a memória é essencial para a existência, assim como a inteligência perde seu significado se não puder se expressar. Nossa memória sustenta nossa coerência, guia nossa razão, impulsiona nossas ações e dá forma aos nossos sentimentos. Esse processo se constrói pelas relações humanas, nas quais cada pessoa se nutre dos afetos e ressentimentos partilhados nas encruzilhadas da vida. Compreendo que as afetividades são pulsantes, vivas, dinâmicas, refletindo nossas experiências históricas e culturais, ao mesmo tempo em que revelam os rastros deixados pelos caminhos que trilhamos.

Nesse sentido, a construção dessa narrativa foi guiada pela memória, calçando o memorial em três partes: Parte I, intitulada “Guizos da memória: reflexões sobre caminhos em (re)construção”, em que me apresento enquanto sujeito-corpo das minhas recordações e, com elas, vou alinhavando e realinhavando os fios das lembranças, evidenciando como a mudança de trajeto da minha vida se deu por meio do contato com a educação, com a cultura e com as questões étnico-raciais. Na Parte

II – “Para quais caminhos levam as encruzilhadas?”, narro fragmentos do meu fazer acadêmico na UFU, destacando minha experiência como docente, extensionista e pesquisador. Evidencio as trajetórias percorridas na docência e na pesquisa a partir da conexão com a extensão. Na Parte III, intitulada “O celeiro, a bigorna e a forja: ocupando outros espaços no fazer acadêmico”, destaco a importância das experiências e vivências para a ocupação de outros espaços na gestão superior e como essa bagagem me refaz enquanto sujeito-objeto do meu cotidiano acadêmico. Por fim, teço as considerações deste Memorial, guiado pelas discussões realizadas ao longo do processo, destacando reflexões sobre o papel e o lugar da extensão na promoção de uma educação mais humana no contexto da universidade.

## 2 - GUIZOS DA MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE CAMINHOS EM (RE)CONSTRUÇÃO

Quando não souberes para onde ir, olha pra trás e saiba pelo menos de onde vens (Provérbio Africano).

### A grande árvore<sup>2</sup>

Ao lado da entrada do vilarejo havia uma árvore enorme. Era diferente de todas as outras árvores no bosque. Tinha um tronco muito forte e grosso. No seu topo havia alguns galhos muito finos com poucas folhas. O povo dizia que havia algo de muito errado com aquela árvore. Apesar de ser tão forte, dava muito pouca sombra. Sua madeira macia quase não tinha utilidade. No entanto, era a maior árvore na região. É verdade que tinha algumas frutas, mas não eram muito saborosas. Pobre árvore! Deve ter sido um erro da natureza!

Em uma noite de primavera, logo depois da chuva, as crianças se reuniram ao redor da fogueira como de costume. Watiri veio juntar-se a elas segurando Mama Semamingi pelo braço. Sentou a avó em um banquinho, enquanto Kamalo atçou o fogo e todas as crianças se aproximaram.

– Que história querem ouvir hoje, crianças? – perguntou a avó.

– O que a senhora quiser nos contar! – respondeu Wakai.

Mama Semamingi olhou a sua volta. Quando seus olhos avistaram a grande árvore tão alta e forte em contraste com o céu africano, ela sorriu e disse:

– Já sei qual será nossa história de hoje!

– Qual? – todos perguntaram.

– A história da grande árvore. Vocês sabem como ela se chama?

Não sabiam. Então a avó ensinou:

– Chama-se baobá!

– Conte-nos a história do baobá! – gritaram, então, as crianças e Mama Semamingi começou...

---

<sup>2</sup> Conto Kikuyu da África Oriental, traduzido por Renata Moerbeck a partir do texto original: Dresser, Cynthia The rainmaker's dog: international folktales to build communicative skills (1988).



No começo dos tempos, quando as pedras ainda não tinham endurecido, o grande deus Mungu fez os animais e as plantas. Alguns animais tinham pernas e outros tinham asas, e todos podiam ir e vir de alguma forma. Para eles escolherem um lugar onde viver era fácil. Era só eles se moverem.

Com as plantas já era bem diferente. Elas eram firmemente presas à terra por raízes, e precisavam ficar onde Mungu as colocava pelo resto de suas vidas. Por essa razão, o grande deus teve pena das plantas e permitiu que escolhessem onde queriam viver.

Uma das árvores mais poderosas criadas no começo dos tempos era o baobá. Era uma árvore linda, tinha um tronco forte e sua copa parecia uma grande e bela cabeleira feita de folhas verdes e brilhantes.

– Onde você quer viver, baobá? – perguntou Mungu.

– Coloque-me no baixo vale, onde é mais quente. Não quero que minhas belas folhas morram congeladas – respondeu a árvore.

– Muito bem!

E o grande deus levou o poderoso baobá e plantou suas raízes no solo do baixo vale, onde o clima era mais aquecido. As chuvas vieram e o baobá cresceu. Sua copa tornou-se ainda mais densa e bela.

Então veio a época da seca. Cada novo dia era mais quente que o anterior. As belas folhas começaram a murchar e muitas caíram ao solo. Então a árvore olhou em direção ao alto da montanha e gritou bem alto:

– Mungu, me ouça! Estou morrendo de calor. Não posso mais viver no baixo vale onde a brisa fresca não sopra. Aiiiii! Aiiiii! Não aguento mais.

O grande deus ouviu o baobá:

– O que eu faço? – Mungu perguntou.

– Tire-me daqui, por favor. Leve-me para o alto da montanha onde é mais fresco. Não consigo viver aqui nem mais um dia. Aiiiii! Aiiiii!

Então Mungu teve pena da árvore, mandou um forte vento levá-la do solo e levá-la ao alto da montanha onde era mais fresco, e replantou-a. Por algum tempo o baobá sentiu-se feliz. Suas folhas pararam de murchar. E a brisa fresca soprava a seu redor...

Depois, vieram as chuvas novamente. O céu escureceu, e o sol não apareceu por vários dias. O baobá tremia de frio, suas folhas verdes começaram a congelar. Mais uma vez, ele gritou bem alto:

– Mungu, ouça-me. Estou morrendo de frio. Não posso viver no alto da montanha onde o sol não brilha e o vento e a chuva são tão frios que congelam minhas folhas. Aiiiii! Aiiiii! Não aguento mais!

Mais uma vez Mungu ouviu o baobá. Mas desta vez quando apareceu, Mungu estava com uma cara muito feia:

– O que você quer agora? – Mungu perguntou à árvore

– Por favor, ó grande deus, me leve de volta para o baixo vale. É melhor o calor do que o frio. Aiiiii! Aiiiii! Estou congelando

– Muito bem, mas será pela última vez! – disse Mungu bravo.

Ele então enviou um vento muito forte que arrancou a enorme árvore de onde estava e a levou novamente até o vale. Lá ele cavou um buraco enorme e replantou o baobá de cabeça para baixo com suas raízes retorcidas agora no alto de seu tronco.

– O que está fazendo? – perguntou o baobá ao ver o solo fechar sobre suas belas folhas.

– Estou replantando-o com sua boca pra dentro da terra, para não ser mais perturbado por tantas reclamações, disse Mungu.

E a avó terminou dizendo:

– Por isso os baobás crescem de cabeça pra baixo até os dias de hoje...

## **2.1 Caminhos foram feitos para caminhar**

A vida é feita de escolhas. As escolhas nos direcionam por caminhos. As encruzilhadas podem parecer caminhos sinuosos, mas são possibilidades de ressignificação do andar e do fazer-se sujeito de nossas histórias. Transitar por elas nos permite entrecruzar nossas sabedorias ancestrais, perceber a transgressão como norte da nossa caminhada, ofertar, partilhar, sacrificar-se, renovar-se e perceber os (não) caminhos da nossa própria história.

O que seria das nossas histórias sem nossas memórias? Seriam nossas lembranças o combustível vital de nossas vidas? A força motriz do grande espiral no qual nos encontramos inseridos? Talvez muitos de nós não tivéssemos respostas para tais questionamentos. Ainda assim, é possível afirmar que elas se recriam no fluir do tempo e no exercício do contar e recontar nossas histórias, construídas e reconstruídas pelas encruzilhadas que nos ligam aos nosso relembramentos solitários

e às nossas histórias mais íntimas, ou àquelas compartilhadas em flashes.

Somos sujeitos históricos. Nos constituímos daquilo que vivenciamos e experimentamos. Refazemo-nos de nossas próprias inquietações. Somos o verso e o anverso de tudo que movimentamos do nosso arsenal vivente. Estamos sempre realocando nossas inquietudes e ambivalências, cujas efervescências aquecem as dobras e os avessos de tudo que somos. Nessas tentativas, almejamos desvencilhar-nos das rugas entranhadas em nossas memórias, que exprimem quem somos e nos desnuda perante nós mesmos.

A memória rasga nossas vestes sociais e, a todo instante, nos chama a olhar para dentro de nós, pois lá estão enclausurados nossos “eus”, nossas múltiplas faces e olhares, que descortinam quem de fato somos e o que queremos dar a ler.

De todo modo, somos sujeitos em movimento. Se vivemos, é porque caminhamos em nossas próprias encruzilhadas e, sem elas, não reencontraríamos nossos “eus”, tampouco nossas próprias histórias. Nesse reencontro, pouco importa se elas foram ou são redesenhadas a todo momento, pois vivemos em constante transformação. Nossas memórias e histórias vêm aguçadas por sentimentos, ressentimentos, aromas, imagens, situações... Um movimentar-se contínuo, que, no meu caso, é guiado pela energia vital do axé, do fogo, das águas, da alegria, da insurgência... das máscaras que somos obrigados a assumir no jogo da vida. O mais instigante nisso tudo é poder experimentar quebrar o espelho que nos envolve e nos enxergar nos estilhaços lançados ao chão.

O exercício de recompor esse espelho é humanamente impossível, pois o que dá liga, o que o funde, é a memória que carregamos das nossas trajetórias vividas. Muitas vezes, nem mesmo ela é capaz de manter-se intacta, pois, a todo instante, é estilhaçada por nós. Mas, às vezes, insiste em ser a fênix que se recompõe das cinzas daquilo que tentamos apagar e, em silêncio, toma novos contornos, lembrando-nos de que a encruzilhada da vida tem vários caminhos. No entanto, nunca devemos esquecer que, ao pararmos, precisamos sempre olhar para trás, para termos a oportunidade de experimentar em nós outros corpos, outras sensações, outras possibilidades.

Mas como enlaçar tudo isso? É válido tentarmos:

Amarrar a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano; o registro e a invenção; a história e a ficção; revelação e ocultação de fatos, acontecimentos vivenciados e presentificados na memória dos sujeitos sociais (Neves, 1998 *apud* Delgado, 2006, p. 40).

Sempre existirá uma interrogação a nos mover. É válido dizer que os acontecimentos da vida em comunidade, as experiências compartilhadas ou as mais solitárias são reflexos exteriores, estímulos para o reavivamento das lembranças. Estas seguem uma dinâmica própria, fazendo dos indivíduos, sujeitos capazes de reconstruir, com o vivido, um referencial, uma base para a (re)atualização das suas histórias (Delgado, 2000).

As histórias e as memórias do que somos, se colocadas em uma encruzilhada, provocam um grande redemoinho de relembramentos que trazem à cena as latências temporais suscitadas pela memória e, junto delas, “as pessoas que se ausentaram, mas que se fazem presentes” (Bosi, 1992, p. 28). Um tempo de latências que permite aos sujeitos narrarem as histórias herdadas, pois, de acordo com Bosi (1992, p. 27), a “memória vive do tempo que passou e, dialeticamente, o supera”.

Michael Pollack (1989) nos ajuda a compreender que as narrativas advindas do exercício da memória propiciam a construção de uma ação histórica ancorada no ponto de vista dos seus interlocutores. Aqui, procuro externar minhas vivências, meus sentimentos mais íntimos, tanto os que querem falar quanto os que insistem em silenciar. Mas, enquanto sujeito dessa condução, não consigo coibi-los, pois, quando expresso minhas histórias, com elas vêm toda uma carga dramática: a complacência e o rancor, as flores e os espinhos do viver coletivo e do sentir individual que sempre me arremetem ao centro da minha encruzilhada.

A encruzilhada, neste Memorial, assume uma dimensão polissêmica e metafórica ao compreender minha caminhada pelo viés do pensamento africano e afro-brasileiro. Elejo duas dimensões que se imbricam: as leituras e releituras do vivido sem a presunção da linearidade, mas das interseções e cruzamentos de lembranças, vivências e experiências acumuladas das minhas relações-interações comigo e com os outros. Desse modo a encruzilhada não é sinônimo de limites; ela é provocadora de novos olhares para os encontros de perto, de longe e para aqueles que ainda estão por vir.

A encruzilhada é também instigadora da ebulição das minhas histórias

adormecidas, que agora falam e me movem no entendimento das ranhuras que ela mesma provocou. São essas ranhuras que me fazem perceber que minha história não é de mão única, não é escrita a lápis para ser simplesmente apagada e substituída por outra narrativa, tampouco escrita a tinta para ser preservada intacta. Minhas histórias possuem rasuras. E são justamente essas marcas que fazem com que minhas identidades culturais e diaspóricas e minha realidade sócio-político-cultural-racial não sejam fins ou meios determinantes do que sou, mas sim o entorno que fomenta quem sou e me aduba para que eu seja todos os outros que desejo ou desejarei ser. A encruzilhada é o inacabamento.

Leda Martins (1997, p. 26) referenda meu posicionamento a afirmar:

[...] é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira, num processo móvel, identidade esta que pode ser pensada como um tecido e uma textura, nos quais as falas e os gestos mnemônicos dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transformam-se e reatualizam-se continuamente, em novos diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando a singularidade e alteridades negras.

Foi experimentando os diversos caminhos possíveis que fui compreendendo as lacunas da minha história, dentre elas a tentativa de compreender minhas origens, minhas escolhas, minhas inquietudes e o meu refazer-se enquanto pessoa e profissional. Teci colchas de retalhos inacabados, mas que, ao serem reunidos a outros pedaços, redesenharão novas possibilidades de travessias, de reencontros, de desencontros, de chegadas e de partidas.

Talvez pelo fato de minhas encruzilhas se moverem em espiral, consigo ir, voltar e transitar pelos caminhos das minhas escolhas, construir linguagens, definir as coreografias que darão sentido ao meu caminhar, sem perder de vista que pegadas ficaram e que elas podem me trazer ou me levar a experimentar trajetórias incertas.

São caminhos construídas pela poética do encanto, pela desafinação métrica dos desencontros, mas sempre serão caminhos... Neles, codifico e decodifico minhas experiências. Por que penso assim? Porque,

A encruzilhada, *locus* tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam via diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, é o lugar radial de centramento e descentramento, interseções, influências e

divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergências, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção, as noções de sujeito híbrido, mestiço e liminar, articulado pela crítica pós-colonial, podem ser pensadas como indicativas de efeitos de processos e cruzamentos discursivos diversos, intertextuais e interculturais (Martins, 1997, p. 28).

O bom disso tudo é que não caminho só... Meus caminhos são plurais e seguem o tempo espiralado. A encruzilhada alimenta esse tempo, que não é linear. Seguindo a visão cíclica do tempo nas africanidades, é nele que o passado e o presente se arrolam de forma espiralar, produzindo sentidos e significados sobre as nossas vivências.

Segundo Martins (2003, p. 79), “o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado”. O tempo espiralado, como referenda a pesquisadora, é o tempo da ancestralidade, que pode ser compreendido como o tempo da memória coletiva, da tradição viva.

Eu trago em mim a força do movimento, a energia do tempo espiralar, a representação do vigor, da energia circular e simbólica constante na figura de Exu na cultura Africana e religiosidade afro-brasileira. Os Exus são os “senhores” que atuam no mistério da criação. São eles que lidam com as energias, abrem caminhos e transitam pela dualidade presente na intimidade de cada um de nós, reabrindo os caminhos daqueles que evocam suas forças. Exu é o grande mensageiro!

A figura de Exu se compõe de múltiplas ressignificações. Somos Exu, Exu somos nós... Essa conexão expressa, simbolicamente, que somos sujeitos incompletos, inacabados, prontos a nos reinventarmos, justamente porque “alimentamos as incertezas humanas frente ao debate com os limites do tempo, com as condições sociais estabelecidas, afirmando sua liberdade frente às imposições” (Trindade, 1985, p. 80).

Diante de tantos trânsitos possíveis e inimagináveis, comungo com as reflexões de Luiz Rufino (2019), que, ao abordar a *Pedagogia das Encruzilhadas*, referenda que ela exprime potências que nos permitem questionar a lógica colonial e confrontar o conhecimento amalgamado como algo único – ponto de partida para compreender os sujeitos e a própria sociedade.

Talvez tenha feito isso impensadamente sob a lógica cartesiana, mas

potencializei e presentifiquei sonhos em realidades percorridas, pela lógica da positividade, pela vontade da conquista, pelos sentimentos de busca e pelos desafios de recriar não em sim!

É nessas encruzilhadas que encontramos múltiplos caminhos que nos permitem o movimento interno. Ela é início-fim-início de outras tantas portas que nos levam a adentrar e reinventar fronteiras, preenchendo vazios deixados, pois somos sujeitos em transformação, continuamente redefinidos pelos laços afetivos, sociais e identitários que fazem parte de nós.

São esses caminhos sinuosos que constroem o entendimento de uma educação reinventada por meio da valorização dos saberes, dos fazeres e das práticas, respeitando a individualidade e a potencialidade dos sujeitos, comprometida com a justiça cognitiva e social, e com a vida em sua diversidade e imanência (Rufino, 2010). Isso expressa bem a minha caminhada de extensionista-pesquisador-extensionista.

Essa caminhada me permitiu transitar entre a academia e os movimentos populares, bem na lógica do movimento e da troca perpetuada pela concepção filosófica da figura de Exu.

Por que essa escolha? Porque Exu é caminho, é energia vital, é o axé que nos permite reinventar-nos e transformar-nos. Eu me transformei. Foram vários reencontros comigo mesmo e com minha ancestralidade; várias batalhas com meus monstros, várias lutas que me fizeram enxergar minha trajetória sob múltiplos olhares. Exu é essa potência que me permitiu implodir os caminhos predestinados e buscar outros, levando-me a travar confrontos comigo mesmo, a questionar-me e a interrogar minhas escolhas e os caminhos a mim predestinados.

Não deixei que esses caminhos se amalgamassem apenas com pegadas em uma única direção ou que ditassem até onde eu poderia chegar. Foram as ambivalências, os inacabamentos e as ranhuras das fendas que me oportunizaram abrir outros caminhos como possibilidades. Talvez porque, ao longe, escutava as gargalhadas de Exu, suas zombarias provocativas que, ao mesmo tempo que me freavam, permitiam-me desprender da corda que me amarrava. Não sei se fui transgressor como ele, mas sei que não me acomodei e, mesmo pegando muitas vezes carona no grande redemoinho da vida, não me deixei levar.

A pluralidade que me (re)fez e me (re)faz é a que procuro trazer à tona – não como um fio rígido que me controla, mas como um condutor elástico que tem me

permitido transitar por tantos (não) lugares, dar voltas, retroceder, ir e voltar, para frente, para traz, para os lados... ir!

Meus caminhos também são feitos de fios de contas, cores e cheiros, vestimentas e adornos que revelam e desvelam minha ancestralidade, meus encantamentos e minhas feitura enquanto sujeito em (re)construção, pois, não só vivenciei, como pratico, pesquiso e exerço a extensão nesses espaços como forma de aproximação e valorização de sujeitos, retirando suas histórias e memórias do anonimato, evidenciando que podem e devem estar onde queiram estar, seja na universidade, nos espaços sociais, na política...

A academia ainda nutre certa desconfiança em relação a pesquisas que procuram compreender os sentidos e os significados de muitas práticas, sem a preocupação de um engessamento teórico, metodológico e acadêmico. A extensão, não. Ela me permite ver possibilidade de diálogo em tudo, e, a partir disso, a percepção de que extensão é pesquisa.

Se me proponho a entender o corpo incitado a movimentar-se ao ritmo das palmas, dos atabaques e dos pontos cantados em um espaço religioso, como nos terreiros de Umbanda, preciso exercitar a equidade enquanto princípio orientador; preciso compreender respeitando a mística e o sagrado do local; preciso reler os cheiros dos incensos emanados pela defumação; necessito provar o gosto do “ajeum” e saber qual é o seu sentido religioso; e, ao sentir o toque dos tambores, vendo meu corpo – mesmo que inerte – captar os acordes do sagrado emanando das minhas entranhas, preciso perceber que aquilo é uma experiência individual, que cada um sente ao seu tempo, movido pela conexão tecida com o lugar.

Minha caminhada também foi feita de batuques. Os tambores sempre me trouxeram mensagens. Seus sons são linguagens cifradas de um tempo ido, vozes ancestrais e histórias cimentadas nas minhas recordações. O som que deles emana me guia até hoje e me envolve em inúmeras lembranças. Esse processo sonoro só se torna possível pelo encontro das mãos com o couro de animal envolto na madeira esculpida, produzindo sons que tocam a alma e falam de perto e de longe, reavivando lembranças e histórias, trazendo à tona vivências tramadas e reconectadas com os lugares de fé e de festa – como os terreiros de Umbanda e os quintais das casas das famílias congadeiras. São nesses espaços que esses sons me seduzem, permitindo-me reinventar-me enquanto pesquisador, acadêmico, extensionista e ser humano, e propiciando vencer meus monstros e seguir adiante.



Caminhos, por mais que os tracemos e escolhamos percursos, jamais estão distantes uns dos outros, pois sempre existirão as fissuras que, sem controle, triscam, sem roteiro estabelecido, o chão da vida, dialogando com as tensões e os conflitos, cujas tramas desvelam de maneira dinâmica, nossas conexões com os nossos monstros e nossos “eus”.

É no exercício contínuo dessas experiências que nos refazemos e reconstruímos nossas histórias. A partir delas, reelaboramos valores sobre o mundo e sobre nós mesmos, construindo sentidos e, com isso, tecemos novos olhares para as nossas histórias.

Paul Zumthor (1993), ao analisar a memória tradicional, destaca que os laços de comunicabilidade que os grupos sociais teceram ao longo de sua trajetória criaram entre si o reconhecimento dos indivíduos como mensageiros, guardiões da memória coletiva, transmitida de geração em geração por meio da linguagem.

A memória é a bússola no mapa da vida, que me dirige sem controle nessa caminhada. É ela que delinea, de forma híbrida, minhas identidades plurais. E quando, aqui, procuro narrar minhas lembranças e vivências, esse narrar é tomado como prática social, que me permite criar laços, estreitá-los, distanciá-los e conectar-me a outros, dentro da dialética da manutenção e da resignificação das minhas narrativas, pois, como disse Guimarães Rosa (2006, p. 363), “a gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde”.

A memória é também a palavra emprestada de muitas pessoas que estão e estiveram cominho na redescoberta dos sentidos desta minha encruzilhada. É a palavra emprestada de meus antepassados, de minha avó materna negra, de meu pai libanês, das minhas goianidades, das minhas mineiridades. É o eco das vozes emanadas dos tambores congadeiros, que me permitiram chegar aonde cheguei, pois mesmo que o:

Tambor está velho de gritar  
 ó velho Deus dos homens  
 deixa-me ser tambor  
 só tambor gritando na noite quente dos trópicos.  
 Nem flor nascida no mato do desespero  
 Nem rio correndo para o mar do desespero  
 Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero  
 Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.  
 Nem nada!  
 Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra  
 Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra  
 Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra.  
 Eu!  
 Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala  
 Só tambor velho de sangrar no batuque da minha terra  
 Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.  
 Ó, velho Deus dos homens  
 eu quero ser tambor.  
 E nem rio  
 e nem flor  
 e nem zagaia por enquanto  
 e nem mesmo poesia.  
 Só tambor ecoando como a canção da força e da vida  
 Só tambor noite e dia  
 dia e noite só tambor  
 até à consumação da grande festa do batuque!  
 Ó, velho Deus dos homens  
 deixa-me ser tambor  
 só tambor! (Craveirinha, 1982, p. 124).

Seus sons modificaram minha forma de perceber o mundo e os outros, pois a memória, responsável pela manutenção das histórias do Congado – em especial daquelas que se entrelaçam com as histórias dos congadeiros –, recria sentidos e significados para a prática do Congado. Hoje, essas histórias são parte das minhas recordações, compõem este corpo sujeito e são marcas da cultura afro-brasileira, a minha cultura. Servem também como processo de relembramento, do aguçar de minhas/nossas memórias e do recuperar de novas e velhas impressões do vivido e do praticado ao longo das várias pesquisas realizadas. Elas podem até estar datadas pela cronologia do Lattes, mas, para mim, estão sempre vivas, pulsantes na reconfiguração da oralidade em palavras escritas. Essas palavras, hoje, são tentativas de compreender os significados do meu viver.

Meu caminho também se calça, parafraseando Manoel de Barros (1993, p. 287-288), de descobertas, pois “descobri novos lados da palavra, novos lados de ser”,

iluminando o silêncio das coisas anônimas. Dessa forma, nossas experiências promovem encontros individuais, transcendentais, entre mundos... Posto que, entre tantos mundos e tantas caminhadas, é possível trilhar um único caminho? Decerto que não. Mas a resposta não é simples assim.

Nas nossas encruzilhadas muitos (não) caminhos nos orientam a não temer o retorno ao passado para a compreensão do presente e do agora. Os esquecimentos e os relembramentos são frutos dos nossos entrecruzamentos identitários, como bem nos lembra Martins (1997), em seu livro *Afrografias da Memória*, quando ao reportar-se ao povo africano Akan, afirma que a sabedoria herdada é a impulsionadora para compreendermos quem somos, nossas relações sociais e culturais, nossas experiências, reinvenções e adversidades.

A encruzilhada é vida; é movimento contínuo. São nelas que nossas vidas se conectam a outras; são nelas que nossas histórias são desveladas, que os fios se fazem e se desfazem em nós e na nossa própria existência. Podemos ser quem quisermos ser nas nossas encruzilhadas.

Desse modo, a encruzilhada nos oferta a possibilidade de compreensão não linear das nossas vivências, experiências e dos saberes que nos constituem, permitindo-nos ser portadores e mensageiros de conhecimentos. A encruzilhada é um grande espelho que projeta imagens dinâmicas da nossa realidade, mostrando-nos que há sempre outros caminhos a percorrer, depende das escolhas que fazemos.

Mas a encruzilhada é também o território das trocas, dos acordos, onde os jogos de negociação estão sempre presentes. Sejam jogados no singular ou no plural, independentemente da forma como se jogam, haverá sempre o conflito e o cruzamento da palavra falada com a palavra escrita, da memória com a narrativa, do silenciamento com a visibilidade, do protagonismo com a figuração.

A encruzilhada é um território movediço, cuja forma de escape é o fio elástico do movimento que conecta passados, presentes e o agora, mostrando-nos que somos frutos de todos aqueles que vieram antes de nós e daqueles que cruzaram nossos caminhos, indicando novas formas de ler e perceber o mundo – o nosso mundo e o mundo a ser descortinado por nós.

A partir daqui, serão apresentados alguns fragmentos desses “eus” que compõem o mosaico da minha feitura.

## 2.2 Sou feito de retalhos...

[...] Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.  
 Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.  
 Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...  
 Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...  
 Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.  
 E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.  
 E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...  
 Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma  
 (Cris Pizziment, 2013, n. p.)

A vida da gente é feita de muitos (re)encontros. Nossa feitura é uma montagem inacabada de diversos pequenos retalhos de histórias e encontros com inúmeras pessoas. A essas pessoas, minha gratidão, pois foram e são elas que me ajudaram e me ajudam a caminhar e a persistir. São todas essas pessoas personagens principais do enredo da minha vida, e, junto comigo, costuraram lembranças, formando um *patchwork* de rememorações e experiências que me tornaram o que sou: um sujeito feito de retalhos. Outros encontros virão, outras pessoas encontrarei pelas encruzilhadas da vida.

Cada retalho que se fixa às lembranças me permite conectar-me a muitas histórias, transformando pedaços embebidos em fragmentos de múltiplas vivências em um *quilting*, dando novos contornos às histórias que insistem em emergir do avesso.

Meus retalhos não se constituirão em uma peça final, acolchoada e bem-acabada, pois sempre haverá novos retalhos, fiapos a se soltar, a costurar e a refazer. A linha que amarra tudo isso foi cardada pela dinâmica da vida, pois, por mais que o bordado do tempo e da memória possa servir como liga de tantas histórias, os fios que tecem cada retalho são feitos de (in)certezas – talvez porque a vida da gente se faça de memórias guardadas em trechos diversos.

O primeiro retalho desse *patchwork* me propicia um retorno às minhas origens. Esse retalho tem muitas memórias.

## 2.3 Um retalho, muitas memórias

Sou o caçula de três irmãos. Filho de pai libanês e mãe brasileira. Meu pai, nascido no Líbano, veio para o Brasil em 1960, fugitivo das guerras e dos conflitos armados em sua terra natal. Analfabeto, tornou-se comerciante – profissão que o ofício de mascate, exercido desde que chegou a este país, descortinou.

Minha mãe, filha de uma mulher negra e de um descendente de alemães, oitava entre doze irmãos, desde cedo sentiu na pele a realidade da pobreza e da miséria familiar. Trabalhou na roça e, junto com os irmãos, independentemente da idade que tinham, foi o esteio da cadeia produtiva do trabalho braçal nas lavouras de milho e arroz do pai, que plantava em terras de terceiros, dividindo com o dono do lugar a colheita obtida. Nem por isso viveu em um seio familiar estruturado e próspero, até porque o pai não colocava a família entre suas prioridades.

Diante das dificuldades da vida na roça e sonhando com um futuro melhor para si e para os irmãos, minha mãe tornou-se empregada doméstica na casa de uma família libanesa em Catalão, Goiás. Inicialmente, parecia uma oportunidade para sair da condição de miséria, pois teria um lar, poderia estudar e prosperar. Ledo engano. Foi explorada, não recebia salário e não pôde estudar – mais uma vez, experimentava as agruras da vida que sua condição social e econômica lhe impunha.

Aos 18 anos, casou-se. Mais uma vez, pensava ser a oportunidade de uma vida digna. No entanto, os percalços da vida a dois assolaram sua história, e ela teve que aprender, diante das dificuldades enfrentadas, a tomar as rédeas da família e seguir adiante.

Minha mãe conheceu meu pai durante uma ida a uma pequena loja de aviamentos de sua propriedade. Trocaram olhares, mas cada um seguiu seu caminho. Meses depois, reencontraram-se, e meu pai expressou o desejo de namorá-la. Foi até a família com a qual ela morava e pediu a devida autorização. Seis meses depois, noivaram e se casaram em 1962.

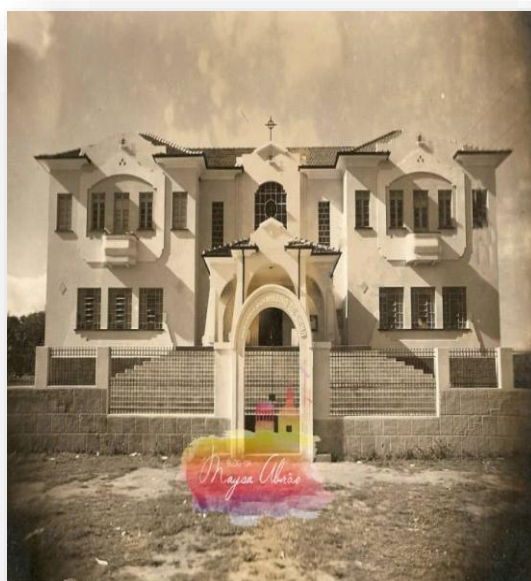
No mesmo ano, nasceu o primeiro filho e, um ano depois, mais uma filha. Eu não fui fruto de uma gravidez planejada e nasci em meio a um turbilhão de problemas familiares, doenças e crises financeiras – uma verdadeira montanha-russa de emoções. Tivemos muito e perdemos tudo. No dia 8 de dezembro de 1971, às 11h30, no Hospital Vila Nova, na cidade de Goiânia, Goiás, eu nascia, com 3 quilos e 800 gramas.

Nem havia caído o umbigo e já estávamos percorrendo caminhos em busca de melhores condições de vida. Minha mãe conta que viemos todos chacoalhando na boleia de uma caminhonete, que levava nossa mudança de Goiânia para Catalão, local escolhido para recomeçar. Voltamos para onde toda a minha história começou.

Ali, em Catalão, meu pai abriu um pequeno comércio no centro da cidade – uma mistura de bar, lanchonete e mercearia. Tudo ia bem até que, em uma manhã, um desmaio mudou nossa história. Esse episódio trouxe à tona um problema de saúde grave para a época, o que fez minha mãe assumir as rédeas do comércio enquanto meu pai procurava tratamento fora da cidade.

Entre uma internação e outra, minha mãe tentava acompanhar o tratamento do meu pai e, ao mesmo tempo, cuidar do nosso único meio de sustento, administrando o armazém e os filhos pequenos. Ela conta que me colocava embaixo do balcão, em um berço apelidado de "chiqueirinho", e, se eu chorava, logo ganhava um pedaço de pão, uma fruta... Não era fácil cuidar de três filhos pequenos e ainda administrar um comércio.

Parece que, desde muito cedo, andar em linha reta sempre foi um desafio para mim. Sempre me senti em uma corda bamba, tentando atravessar o buraco da agulha que conduziria a linha capaz de unir os retalhos dessa história. Coser as dobras desses retalhos não foi tarefa nada fácil.



**Imagem 01**

Fachada da Escola Paroquial São Bernardino de Siena - Catalão - GO

Fonte: [Bloghttps://www.maysabiao.com.br](https://www.maysabiao.com.br)

Não tive muito tempo para viver minha infância. Não tive brinquedos, mas tive imaginação de sobra. Lembro-me de que, dos 5 aos 13 anos, minha maior distração

era selecionar verduras para serem comercializadas nas feiras da cidade, pois meu pai foi feirante e comerciante por muitos anos. Eu sempre o acompanhava, montando e desmontando barracas, escolhendo frutas e verduras e vivenciando a movimentação das feiras. Foi nesse contexto que tive contato com outro mundo: o da leitura.

Adorava ler os jornais velhos usados para cobrir os tabuleiros de madeira onde colocávamos as verduras. Também me fascinavam aqueles que vinham protegendo as verduras nos caixotes. Enquanto trabalhava, aproveitava o tempo para observar as pessoas e, ao mesmo tempo, ajudar no sustento da família. Ali, aprendi a ler o mundo para além daquilo que vivia.

Aprendi a sonhar e a me imaginar parte de outras histórias. Só fui alfabetizado aos oito anos, e isso fez com que eu viajasse nas descobertas que a leitura me proporcionava, lendo os jornais velhos. Talvez por isso tenha me tornado um bom estudante.

Estudei da pré-escola à oitava série na Escola Paroquial São Bernardino de Siena, uma escola de freiras agostinianas bastante rígida, na cidade de Catalão, Goiás. Meus irmãos também estudavam lá. Pela manhã, iam para escola, enquanto eu ficava em casa – ou melhor, nas feiras da cidade.

Voltava às 11h, almoçava e esperava a chegada de meus irmãos. Assim que adentravam à casa, minha mãe pegava a camiseta do uniforme da minha irmã para que eu pudesse vesti-la e ir para a escola, já que não tínhamos condições ter uma para cada um. Caso estivesse suja, ela a lavava imediatamente e a secava a ferro para que eu pudesse usá-la.

**Imagem 02**

Eu criança

Fonte: arquivo pessoal

Fui alfabetizado pela professora Geilda Alves, que, a princípio, tentou me fazer traçar as primeiras letras com a mão direita. Relutei, mesmo sendo forçado a ser destro. Ao perceber que não teria êxito em seu intento, ela cedeu e me alfabetizou com a mão canhota, permitindo-me escrever conforme minha natureza. Foi meu primeiro alinhavo com a escrita – e com a conquista de ser eu mesmo. Da alfabetização, fui promovido diretamente para a segunda série, segundo a direção da escola, por conta do meu bom desempenho.

Quando fui para a quinta série, descobri um lado não tão agradável da escola: a discriminação e o preconceito. Sempre fui uma criança acima do peso, e as aulas de Educação Física passaram a ser meu tormento.

A escola não possuía quadra de esportes; as aulas aconteciam em uma rua paralela à escola, onde eram realizadas atividades de atletismo – a única opção esportiva ofertada. Eu não tinha destreza física, tampouco interesse por corridas, até porque me faltava habilidade. Sempre arrumava uma desculpa para chegar atrasado ou não ir, justamente para evitar as chacotas dos colegas, os xingamentos e as piadas desagradáveis. Aquilo me doía muito.

A alternativa para não ser reprovado na disciplina era participar dos desfiles comemorativos no aniversário da cidade e do Centro Cívico Escolar. Adorava assistir aos desfiles na avenida principal da cidade, que parava para ver as escolas



desfilarem. Era tradição haver desfiles temáticos, e minha escola sempre era muito elogiada por suas apresentações.

Eu sempre desejava participar, mas não era escolhido. Uma cena que nunca foge de minha memória é a de um desfile que representaria o Brasil Colônia. Fui selecionado para participar, mas teria que convencer minha mãe, pois não tínhamos dinheiro para a confecção da roupa.

Minha mãe foi chamada à escola, e disseram a ela que a roupa era simples, que nem sapatos seriam necessários. Fui escolhido, junto com outros colegas pobres e pretos, para representarmos os escravizados no desfile.

No dia do desfile, vi os colegas com roupas de época, cabelos ornados com chapéus e penteados impecáveis. E eu, lá, no fim do desfile, acorrentado, descalço, servindo de chacota para toda a cidade.

Hoje, entendo que a escolha não foi por acaso. Selecionaram os alunos negros e pobres. Naquele momento, comecei a perceber minha condição na escola. Era bolsista, já que, naquela época, pagava-se para estudar. A escola era ligada aos padres franciscanos e dirigidas pelas madres agostinianas. As salas de aulas eram separadas conforme a condição financeira dos alunos. Os de melhor poder aquisitivo estudavam nas classes mais arejadas, tinham os melhores professores, participavam das atividades festivas com lugar de destaque e eram vistos como filhos de moradores ilustres. Nós, os outros, vivíamos à sombra da educação pensada para eles e precisávamos provar que éramos capazes de acompanhar e ter êxito. E foi isso que fiz para lutar contra o preconceito e a invisibilidade: me destaquei com boas notas.

Na sexta série, a professora Áurea, da disciplina chamada Moral e Cívica, selecionou alguns estudantes para disputar a eleição do Centro Cívico da escola, e eu fui convidado. Meu grupo foi eleito, e passei a transitar por diferentes espaços da escola, descobrindo lugares que até então desconhecia. Passei a ser notado pelos professores. Alguns sempre tentavam me lembrar de que aquele não era o meu lugar; outros, porém, percebiam meu potencial.

Na oitava série, a professora de História, Suleima Nicoletti, me perguntou onde eu estudaria no ano seguinte, já que a escola só oferecia até a oitava série. Respondi que iria para uma escola pública. Então, ela me disse que tentaria conseguir uma bolsa em um colégio particular tradicional da cidade, onde também lecionava. Expliquei que não poderia aceitar, pois teria que trabalhar e, por isso, optaria pelo ensino noturno. Ela, então, me falou sobre um curso técnico de Segundo Grau

(equivalente ao Ensino Médio Profissionalizante atualmente) oferecido nesse colégio e acrescentou que poderia me ajudar a conseguir um emprego, o que prontamente aceitei.

Trabalhava como feirante durante o dia e, à tarde, ajudava minha mãe a faxinar a casa dessa professora em troca da bolsa de estudos. Fizemos isso durante todo o meu Segundo Grau. Não ganhávamos muito, mas era uma ajuda valiosa. Minha mãe nunca mediu esforços para manter-me na escola. Quando não tínhamos dinheiro, ela passava roupas em casa de família para comprar livros usados para que eu pudesse estudar, já que, naquela época, não existiam políticas públicas educacionais como as de hoje, que fornecem livros didáticos.

Ficava sempre na expectativa pela compra dos livros usados, pois havia todo um ritual. Quando eles chegavam, eu me sentava e, com cuidado, apagava as respostas impressas nas atividades com a borracha. Fazia questão de não deixar vestígios das respostas anteriores para que não influenciassem nas minhas. Depois de apagar todos os livros, selecionava as embalagens plásticas que vinham com alimentos para encapá-los. O melhor de tudo eram as capangas (sacolas) feitas por minha mãe com as pernas de calças usadas – nossas mochilas.

Ao final do Segundo Grau, um professor nos falou sobre prestar vestibular. De início, eu não entendia o que aquilo significava. Mas, desde criança, sabia que queria ter uma profissão. Sonhava em ser engenheiro. Saía medindo tudo com o rolo de papel higiênico, o que me rendeu algumas surras.

Acabei deixando esse sonho de lado por falta de condições financeiras de meus pais para custearem minha estada em outra cidade durante o curso.

Optei, então, por fazer um curso que existia na minha cidade. Em 1988, havia sido instalado um Campus Avançado da Universidade Federal de Goiás (UFG), com vários cursos – a maioria de licenciatura.

Escolhi o curso de História, mas logo vi que era no turno matutino. Como precisava ajudar no sustento da casa, trabalhando nas feiras e vendendo frutas na porta de um supermercado, escolhi um curso próximo: Geografia, por gostar da disciplina durante minha trajetória escolar. Em 1990, prestei vestibular e fui aprovado.

Em 1991, iniciei o curso de licenciatura e bacharelado em Geografia. Um mundo completamente novo. Um turbilhão de novos olhares se abriu diante de mim, assim como inúmeros desafios a serem vencidos – entre eles, a grande carga de

leituras, as atividades acadêmicas e as disciplinas que precisavam ser conciliadas com o trabalho, que começava às quatro da manhã e só terminava no fim do dia.

Na universidade, aprendi que teria oportunidades, mas que elas não seriam fáceis. Também percebi que precisaria aprender a administrar meu tempo.

No primeiro ano do curso, uma professora lançou um desafio à turma: realizar pequenas pesquisas sobre a realidade local. Dentre os temas propostos, estava o Congado – uma prática festivo-devocional afro-brasileira em homenagem aos Reis Negros, incorporada ao cotidiano do catolicismo popular e muito presente na cultura de Catalão, cidade localizada no sudeste do estado de Goiás.

Naquele momento, tudo era novidade. Eu não sabia que aquela proposta de pesquisa modificaria completamente meu olhar sobre o curso e sobre a universidade.

Para a concretização do trabalho proposto, eu e meus colegas tivemos que fazer o levantamento bibliográfico dos temas, selecionar materiais de pesquisa, realizar leituras, conduzir a pesquisa em campo e preparar a apresentação. Ao desenvolver o trabalho, deparei-me com vários livros na biblioteca da cidade que abordavam a festa do Congado, especialmente aqueles escritos por memorialistas locais. Logo percebi que as narrativas se repetiam, pois todas as descrições seguiam um mesmo fio condutor. No entanto, ao fazer uma busca mais atenta nos livros sobre a cidade, um título me chamou a atenção: *A Festa do Santo Preto*, de Carlos Rodrigues Brandão, que pesquisou as Congadas de Goiás e Minas Gerais, incluindo a de Catalão.

Ao ler esse material, percebi que ele destoava significativamente das colocações dos memorialistas, o que me instigou a compreender melhor o tema. Naquele momento, porém, eu ainda não possuía os subsídios teóricos e metodológicos necessários para aprofundar essa investigação, mas a questão não saía da minha mente.

Decidimos refazer parte do percurso apresentado por Brandão em seu livro. Visitamos alguns grupos de dançadores do Congado para coleta de dados e depoimentos. O resultado do trabalho chamou a atenção da professora, que nos incentivou a dar continuidade à pesquisa, inclusive indicando novas leituras para aprofundarmos o entendimento.

Os demais colegas não demonstraram muito interesse, mas eu fiquei instigado a continuar. A correria da vida acadêmica acabou adiando um estudo mais aprofundado sobre o tema, que só foi retomado no final da graduação, quando fui

motivado a participar de um evento nacional e apresentar os resultados da pesquisa em parceria com um colega.

Fizemos nossa primeira apresentação em um evento científico, na modalidade comunicação oral. Pensávamos que haveria poucas pessoas na sala, mas, para nossa surpresa, ela estava lotada. Lá fomos nós, na nossa simplicidade de graduandos, apresentar o resultado da pesquisa.

Ao final de nossas falas, dois participantes começaram a nos questionar sobre o tema, fazendo uma série de perguntas, às quais respondemos dentro de nossas limitações, interagindo com a dinâmica do evento. Descobrimos que se tratava dos professores Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, ambos renomados pesquisadores da Geografia Cultural. A professora, com vasta produção na área dos estudos culturais e da religiosidade, nos presenteou com alguns livros, e acabamos mantendo contato por um longo período.

A vida universitária nos permite experimentar espaços que jamais imaginávamos ocupar. Foi na universidade que pude vivenciar o teatro amador. Fiz comédia, dirigi, criei cenários e figurinos, fiz rir, contei histórias e até ganhei um prêmio de melhor ator.



**Imagem 03**

Coral Vox Populi, Catalão-GO/1990

Fonte: arquivo pessoal

Particpei do Coral Vox Populi, que me proporcionou meu primeiro contato com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Foi por meio do canto coral que, nos anos de 1994-1995, o Coral Vox Populi, da cidade de Catalão, foi convidado a integrar o elenco da primeira montagem da ópera Cavalleria Rusticana, de Pietro Mascagni.

À época, o coral era regido por Poliana Alves, atualmente professora de canto na UFU. Sob a batuta da professora Edmar Ferretti, participamos da montagem e viajamos para vários encontros de corais. Essas vivências me fizeram crescer como pessoa e profissional, além de me ajudarem a superar a timidez que sempre me rondou.

Ao terminar a graduação, fui aprovado em concursos públicos estadual e municipal e atuei na Educação Básica por 14 anos. Iniciei minhas atividades no Colégio Estadual “Dona Iayá”, na cidade de Catalão. Minha primeira função foi de auxiliar de secretaria, cargo no qual permaneci por pouco tempo. Da secretaria, fui para a biblioteca e, em seguida, passei a auxiliar o supervisor pedagógico em suas demandas.

Em 1994, ao concluir a graduação em Geografia, recebi um convite para assumir a coordenação pedagógica do turno noturno da escola. Para isso, precisaria me exonerar do cargo administrativo e firmar um contrato temporário, o que não hesitei em fazer.

Em fevereiro de 1995, assumi a coordenação pedagógica do turno noturno do colégio. Foi uma época de muito aprendizado e desafios. Durante minha gestão, conseguimos um feito notável: a escola recebeu o selo de referência nacional do Ministério da Educação em educação de qualidade – uma conquista coletiva e colaborativa.

Permaneci no cargo de coordenador pedagógico até 1999, quando me efetivei como docente, permanecendo na mesma escola e assumindo diversas funções, como coordenador pedagógico, dinamizador de tecnologias e gerente de merenda, entre outras. Paralelamente, trabalhei na rede municipal de ensino como docente da Educação Básica, atuei no polo Catalão da Universidade Estadual de Goiás (UEG), em uma faculdade particular da cidade e em um curso pré-vestibular mantido pela prefeitura local.

Em 2006, com a expansão universitária no país, tive a oportunidade de prestar concurso para o ensino superior. No mesmo ano, fui aprovado como docente da UFU. Fazer parte do corpo docente dessa instituição sempre foi um sonho que persegui. No entanto, só compreendi, de fato, o que era a UFU quando já havia concluído a graduação e trabalhava em uma escola pública. Foi quando chegou um cartaz anunciando uma especialização em Educação para a Ciência. O ano era 1998. Eu e um grupo de dez colegas nos inscrevemos nesse curso de formação.

Quando pisei pela primeira vez na UFU, foi no Campus Santa Mônica, Bloco U, para realizarmos a matrícula, que, naquela época, era presencial. Fomos informados de que o curso funcionaria com aulas aos sábados e um período intensivo de quinze dias ininterruptos durante as férias.

O grupo se desesperou, pois seria oneroso ir e voltar diariamente, percorrendo mais de 200 km (ida e volta). Quase desistimos. Ao caminhar pelo Campus Santa Mônica, encantei-me mais uma vez pelo lugar e senti que, um dia, trabalharia ali. Além disso, desejava profundamente concluir a especialização.

No dia em que viemos para as aulas, já pensando em desistir por causa do intensivo, comunicamos nossa decisão à secretaria do curso. Foi então que a professora Sônia Santos, coordenadora do programa, nos chamou e disse que não precisávamos nos preocupar, pois ela havia solucionado nosso problema de hospedagem e alimentação durante as aulas concentradas. Ela nos acolheu em sua casa durante toda a especialização, permitindo-nos concluir o curso. À professora externalizo minha profunda gratidão.

Mesmo me ocupando com tantos afazeres, fui amadurecendo a ideia de dar continuidade à pesquisa e resolvi me inscrever no processo seletivo para pleitear uma vaga na Pós-Graduação em História da UFU, onde ingressei em 2002.

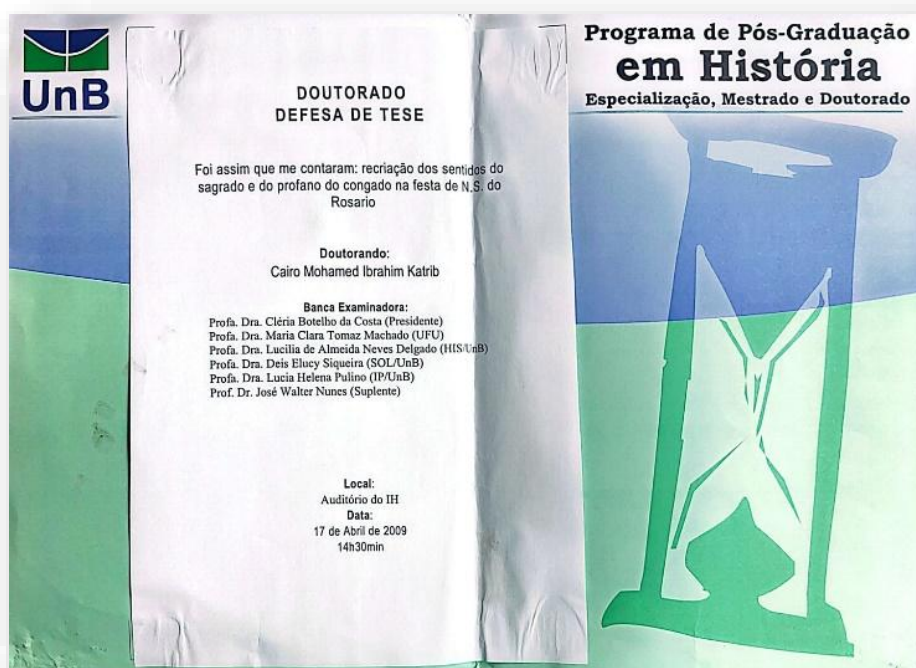
Tive o privilégio de ser orientado pela professora Maria Clara Tomaz Machado. Pude dar vazão às minhas inquietações, refletir sobre elas e enveredar pelo universo da História, da Religiosidade e da Cultura Popular – temáticas novas para mim, mas que me fascinaram. Dediquei-me ao estudo da religiosidade presente no Congado sob o viés da História Cultural. Foi uma tarefa desafiadora devido à minha formação inicial, o que me exigiu aprender os primeiros passos para dialogar com o conhecimento histórico por meio da teoria e do exercício da pesquisa historiográfica. Tive, em Maria Clara, uma mestra na arte dessa compreensão. Ela pegou em minha mão e me conduziu, proporcionando-me segurança e uma escrita sensível.

Concluí o Mestrado em História no ano de 2004, pesquisando a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão, Goiás. Nesse mesmo ano, inscrevi-me na seleção do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB), iniciando o doutorado em 2005 e concluindo-o em 2009, sob a orientação da professora Cléria Botelho da Costa (*in memoriam*), pesquisando os sentidos do sagrado e do profano no Congado.



Ao realizar essas pesquisas, também me redescobri, pois precisei conciliar as aulas nos cursos de História e Pedagogia no Campus de Ituiutaba da UFU com as viagens semanais a Brasília para as disciplinas e as orientações.

Nesse processo, fiz muitos amigos, dentre os quais sou especialmente grato ao casal Giselda e Vandeir Silva – não apenas pelas caronas semanais até a rodoferroviária de Brasília, mas também pelas discussões dos textos, pela troca de ideias e pelo aprofundamento no entendimento dos temas e teorias estudadas.



**Imagem 04**  
Cartaz defesa de tese UNB  
Fonte: arquivo pessoal

Defendi minha tese no dia 17 de março de 2009. Até hoje, guardo o cartaz-convite da banca. Foi um momento significativo, complexo e de crescimento, pois tratava de uma temática dinâmica, com uma proposta que associava duas linguagens diferentes – a escrita e a visual –, justamente tentando colocar em prática o que discutimos nas disciplinas cursadas. Foi necessário muito diálogo diante dos questionamentos da banca em relação ao uso desse formato. A defesa começou às 14h30 e terminou às 20h, reflexo da interdisciplinaridade da banca, da dinamicidade do tema dinâmico e da inovação na abordagem das linguagens para um processo de doutoramento naquele momento.

Olhava para a sala de defesa e não via meus familiares e amigos presentes, por inúmeros fatores, seja pela distância, seja pelos compromissos com o mundo do trabalho. Mesmo assim, o que me acalentava era saber que não estava só, pois, ali, representando todas as pessoas que gostaria que estivessem presentes, estava amiga Luciane Ribeiro Dias Gonçalves, que, com seu olhar sereno, me transmitia calma para enfrentar as tempestades de perguntas a cada arguição realizada.

## **2.4 Outras paragens, muitas histórias**

Em 2006, com a expansão universitária, abriram-se inúmeras vagas para o Magistério Superior no Brasil. Participei do concurso para as vagas da expansão da UFU, que abriria um campus avançado na cidade de Ituiutaba, no Pontal do Triângulo Mineiro, com nove cursos.

Concorri às vagas destinadas ao curso de graduação em História com trinta e três candidatos. Nessa época, estava cursando o doutorado. O edital previa três vagas imediatas. Após passar pelas etapas – prova, aula didática e avaliação do currículo – aguardei uns dias pelo resultado: fiquei classificado em quarto lugar, ou seja, fora das três vagas, mas com chances de ser chamado. Passados alguns dias, fui comunicado que a banca havia se equivocado na somatória das etapas do concurso e que, na verdade, seriam chamados apenas dois docentes. Mais uma decepção. Contudo iniciei uma verdadeira via-sacra de ligações, até que, em um desses contatos, fui informado de que seria publicada uma errata com a nova classificação e de que eu havia sido aprovado em terceiro lugar. Para mim, ter sido aprovado foi um grande feito, já que era apenas mestre, concorrendo com doutores.

A partir desse comunicado, tudo aconteceu muito rápido. Em menos de dez dias exonerei-me dos cargos de docente das redes municipal e estadual de ensino, pedi demissão da faculdade particular onde trabalhava, organizei minha mudança e ingressei como docente de nível superior no serviço público federal.

Em 22 de setembro de 2006, na antiga Reitoria, situada na região central de Uberlândia, tomei posse e, em seguida, mudei-me para a cidade de Ituiutaba. Cheguei afoito para iniciar minhas atividades, mas fui comunicado pela instituição que o início das atividades docentes aconteceria provisoriamente em espaço alugado na cidade.



Quase toda semana eu passava na porta do local para ver se havia alguma movimentação. Três meses se passaram, até que finalmente fomos comunicados de que teríamos nossa primeira reunião. Éramos trinta e três docentes para atuar nos nove cursos que iniciaram suas atividades em 2007. Passamos todo o primeiro semestre daquele ano participando de reuniões, estudos e montagem das propostas pedagógicas. No Curso de História, éramos três docentes. Foram meses de muito trabalho, e as atividades foram iniciadas no segundo semestre de 2007.

Quando concebemos os cursos de forma colaborativa, idealizávamos uma proposta educativa diferenciada. No entanto, em grande parte, nos deparamos com questões burocráticas e legais que não dominávamos, o que nos levou a ajustar nossa proposta e nossas ações dentro da Unidade, considerando sua complexidade.

A efetivação de um campus da UFU na cidade de Ituiutaba é fruto de um esforço político coletivo, conforme podemos perceber no trecho<sup>3</sup> abaixo:

Em reunião do Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia, no dia 27 de fevereiro de 2004, um dado nos mostra que um processo estava em curso: nas suas comunicações o Reitor, Prof. Arquimedes Diógenes Ciloni, disse “que a pedido dos deputados da cidade de Uberlândia e região, deverá ocorrer, no mês de março deste ano, uma reunião do Conselho Universitário e demais membros dos Conselhos Superiores, como convidados, para tratar da questão específica do crescimento da Universidade Federal de Uberlândia, analisando, assim, a proposta da ANDIFES de Expansão e Modernização do Sistema Público Federal de Ensino Superior.” (Ata do CONSUN, item 2.9, L. 122) Havia uma confluência de anseios, projetos e políticas públicas.

A reunião mencionada pelo Reitor ocorreu somente no dia 12 de janeiro de 2005 e foi discutida uma “Proposta de implementação de *campi* avançados da UFU, na região, de acordo com a contrapartida governamental (recursos novos aprovados no P.P.A. – Plano Plurianual)” (Ata do CONSUN, item 3.2., L. 105). Na ocasião, estavam presentes o Deputado Federal Gilmar Machado e o Deputado Estadual Ricardo Duarte, bem como, a Diretora de Ensino da UFU, Profa. Marisa Lomônaco de Paula Naves, na ocasião, “Presidente da Comissão para estudos e apresentar proposições sobre as possibilidades e condições de expansão da oferta de vagas nos cursos de graduação da UFU, criação de novos cursos na UFU, assim como abertura de cursos fora de sede”. Iniciando a discussão desse ponto da pauta, a Professora Marisa apresentou resultados parciais de uma consulta que havia sido feita às Unidades Acadêmicas e que

---

<sup>3</sup> Esse trecho foi extraído documento apresentado pela comissão de elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Serviço Social das Faculdades de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia ao CONFACIP, visando à aprovação para execução no Ano Letivo de 2010. Disponível em: [https://faces.ufu.br/system/files/conteudo/ss\\_projetopedagogico\\_0.pdf](https://faces.ufu.br/system/files/conteudo/ss_projetopedagogico_0.pdf). Acesso em: 10 jan. 2025.

evidenciavam a disposição da UFU para o crescimento, especificamente à criação de cursos fora de sede ou criação de *campus* avançado, desde que garantidas as condições necessárias para a implantação e funcionamento dos cursos (Ufu, 2010).

Minhas atividades na UFU não se resumiram apenas a ministrar aulas no curso de História. Atuei de forma ainda mais intensa no curso de Pedagogia, do qual me orgulho pelas aprendizagens partilhadas e pelo respeito dos colegas ao meu trabalho. Foi toda a bagagem adquirida ali que me permitiu alçar novos voos e pleitear, em 2015, uma vaga na Faculdade de Educação (FACED), por meio de um processo de remoção via edital.

Fui classificado em primeiro lugar e, em dezembro de 2015 assumi minhas funções laborais na FACED. Os primeiros anos de atuação nessa unidade não foram fáceis. Muitos colegas não viam com bons olhos a escolha de novos profissionais por remoção interna. Percebi esse desconforto no primeiro dia em que fui chamado à Faculdade para a escolha das disciplinas que ministraria no semestre seguinte, quando o profissional à frente da Unidade me questionou mais de três vezes se eu realmente iria efetivar a remoção. Na visão dele, o melhor lugar para mim era onde estava, por já estar integrado e familiarizado com a rotina do lugar e, além disso, não possuía formação acadêmica em Pedagogia. Fui enfático ao afirmar que estava ali por mérito, por ter sido selecionado e aprovado para ocupar a vaga, atendendo a todos os requisitos do Edital de Seleção.

Mesmo assim, outro discurso ecoava com frequência nas reuniões sempre que o assunto eram as vagas a serem preenchidas, até que, em determinado momento, manifestei-me em uma reunião da Unidade, expondo meu desconforto com a situação e reafirmando a qualidade do meu trabalho e meu conhecimento teórico, metodológico e humano sobre o trabalho que realizava.

Conquistar espaços e credibilidade dentro da academia é um trabalho contínuo, que envolve não só formação, mas também nosso comprometimento com a educação pública, gratuita e de qualidade e com a formação humana e profissional de estudante matriculado em nossas disciplinas. Atualmente, ministro aulas nos cursos de Pedagogia e Enfermagem e atuo nos programas de pós-graduação em Educação e em Comunicação, Tecnologias e Educação.

Nessa perspectiva, a atuação na UFU não se restringe às atividades de ensino. Ocupamos funções administrativas, realizamos pesquisas e desempenhamos uma série de outras atribuições que, em minha visão, foram fundamentais para que eu vivenciasse outros espaços na instituição.

Se o labor acadêmico se constitui como um exercício que envolve ensino, pesquisa, extensão e gestão, no meu caso, sempre tive minhas preferências. Construí minha trajetória na extensão e aprendo muito com ela, sendo essa dimensão um dos pilares centrais deste Memorial.

Nesses quase 20 anos de docência no ensino superior, procurei consolidar minha trajetória na instituição enfrentando diversos desafios e ocupando diferentes posições, sem jamais fragmentar minha atuação como docente – não me limitei a apenas ensinar em sala de aula, nem a pesquisar exclusivamente para meus próprios interesses, tampouco a atuar apenas na extensão ou em funções administrativas. Para mim, todas essas dimensões fazem parte de um todo que compõe meu entorno e proporciona vivenciar a universidade em sua multiplicidade e complexidade de situações, sujeitos e espaços.

A título de entendimento, a extensão é minha paixão, e até mesmo meu estágio pós-doutoral nasceu de uma ação de extensão: o “Programa Proext-MEC: Mulheres de Fé”, que me possibilitou realizar, na universidade, uma série de atividades com o povo de matriz africana. A partir dessa experiência, resolvi aprofundar meus estudos sobre a temática das religiosidades afro-brasileiras na Universidade Estadual de Maringá (UEM), entre os anos de 2017 e 2018, sob a supervisão da professora Solange Ramos.

A oportunidade desse estágio pós-doutoral abriu novos horizontes e parcerias. Pude ter contato com outras realidades que contribuíram para minha trajetória e me fortaleceram na convicção da importância da temática de pesquisa à qual me dedico. Desde então, tenho sido parceiro da professora Vanda Serafim Fortuna em diversas atividades, como bancas, palestras e oficinas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudo e História das Religiões e das Religiosidades, que têm sido fundamentais para retroalimentar meu fazer acadêmico e religioso.

Minha caminhada formativa seguiu o fluxo das (in)certezas vivenciadas, mas sempre me apropriando de tudo aquilo que a mim chegava. Hoje, olhando para trás, percebo que minha trajetória tem sido uma viagem com partida e múltiplas chegadas,

pois, como dizem Fernando Brant e Milton Nascimento, na canção “Encontros e Despedidas” (1985),

São só dois lados da mesma viagem  
O trem que chega é o mesmo trem da partida  
A hora do encontro é também despedida  
A plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar  
É a vida desse meu lugar, é a vida...

Nessa minha viagem pelas encruzilhadas da universidade, finquei raízes profundas na extensão, meu baobá da memória, das minhas histórias e do meu fazer-se enquanto profissional e ser humano. Além disso, vejo a extensão como uma forma de retribuir à sociedade aquilo que a educação pública e o serviço público me proporcionaram e continuam proporcionando.

É importante ressaltar que a vida acadêmica só tem sentido múltiplo quando, por meio dela, buscamos possíveis respostas para aquilo que vivenciamos na prática. Esse processo é síncrono e guiado por uma via de mão dupla, na qual tenho caminhado continuamente.

As pesquisas no campo das religiões e religiosidades, que permeiam toda a minha trajetória acadêmica e extensionista, oportunizaram-me experimentar os dois lados dessa moeda sem que eu me desfizesse em duas partes, pois, desde o início, tive a preocupação de incentivar essa conexão. Por isso, hoje sou professor universitário, extensionista, pesquisador e praticante da Umbanda.



**Imagem 05**  
Eu e minha tia.  
Fonte: arquivo pessoal

Tive contato com o universo religioso muito cedo, acompanhando minha tia Maria Ita nas suas práticas religiosas de matriz africana e interagindo com suas entidades espirituais. Com o passar do tempo, fui me distanciando desse contato mais direto tanto com minha tia quanto com as práticas religiosas afro-brasileiras, mas reencontrei o significado delas em minha vida ao pesquisar as festas de Congado para a conclusão do mestrado e do doutorado.

Em 2002, comecei a frequentar espaços religiosos dedicados à prática da Umbanda em Uberlândia. Em 2008, iniciei meu processo de iniciação nessa religião, aprofundando minha relação com o Sagrado. Em 2014, decidi fincar raízes em uma casa religiosa e fazer minha feitura. Comecei como cambono – nível iniciante nos terreiros, cuja função é auxiliar as entidades e ajudar na gira mediúnica – e, hoje, me encontro na condição de Pai Pequeno, responsável por auxiliar os sacerdotes na condução das giras

Estando nesse espaço, compreendi que o mais importante é a conexão com o Sagrado estabelecida entre o médium e sua espiritualidade. Além disso, percebi que a Umbanda, independentemente do município onde é praticada, se materializa em

espaços distintos. Alguns incluem imagens de santos católicos ao lado de Orixás africanos; outros possuem símbolos estampados nas paredes; há também aqueles que destacam apenas a imagem de Jesus ou outro santo de devoção. Entretanto, o que mais me chama a atenção são as rezas, as defumações, as incorporações, os cheiros, as velas e a simplicidade dos espaços, que carregam uma expressividade singular e permitem conexões profundas com nossa ancestralidade.

É esse mosaico, ao mesmo tempo diverso e comum, que concretiza o lugar e o papel da religiosidade afro-brasileira na vida dos sujeitos sociais – e na minha trajetória não foi diferente. Fios de contas, cores, cheiros, vestimentas e adornos, revelam e desvelam curiosidades e encantamentos, trazendo a estética do Sagrado, a mística e a magia para o Terreiro. Esses elementos fazem aflorar a potência da Umbanda na vida de seus praticantes. A musicalidade, ressoada pelos atabaques e pontos cantados, dita o ritmo do fazer religioso. Todos cantam, rodopiam, se misturam, compartilham das mesmas energias, ainda que as experimentem de formas distintas.

Ou seja, na Umbanda, os sons, os cheiros, os sabores e os toques se integram à nossa expressão religiosa. É por meio da experiência dos sentidos, partilhada no chão do Terreiro, que experimentamos o Sagrado. Esse processo pode, sim, ser fruto de registros acadêmicos, mas o texto escrito jamais conseguirá transmitir plenamente as interações energéticas que o contato com o Sagrado proporciona aos seus praticantes.

Na minha vivência e na minha experiência, o movimento circular desse espaço me proporcionou, além do meu encontro comigo mesmo, a possibilidade de reacender minhas memórias, reencontrar histórias vividas, praticadas, silenciadas e reinventadas. Para mim, esse processo tem sido uma seiva propulsora das minhas caminhadas. Por que não dizer que funciona como um alicerce testemunhal do tempo e da memória, elementos fundantes das minhas escolhas de vida?

A Umbanda se constrói na simplicidade ritualística e na essência das pessoas que dela fazem parte. Mesmo que muitas dessas pessoas não frequentem o universo acadêmico, elas possuem um profundo conhecimento, sabendo recuperar a memória ancestral por meio dos saberes e práticas. No Terreiro, a memória é viva e se manifesta por meio das recordações daqueles que ali estão. Ali, aprendi a aprendizagem não se dá apenas na complexidade de um processo formativo

tradicional, mas, sobretudo, no experimentar da transmissão oral dos saberes e costumes herdados.

Essa perspectiva tem guiado o meu fazer acadêmico, pois entendo que só há produção de conhecimento se houver troca e essa troca não deve ser vista como uma relação hierarquia vertical, mas com um exercício de horizontalidade, no qual todos os envolvidos se encontram na mesma condição de sujeitos que ensinam e aprendem ao longo de suas trajetórias.

## **2.5 Alicerces e processos de transformação**

A temática racial sempre esteve presente em minha caminhada, mas um contato mais estreito com ela se deu com minha ida para Ituiutaba, no Pontal do Triângulo Mineiro, quando fui efetivado como docente da UFU para atuar no *campus* dessa cidade.

Lá, seja por meio da extensão, do ensino ou da pesquisa, pude ter contato com as práticas, os saberes e os fazeres do movimento negro local, além de participar de várias ações formativas voltadas para a formação continuada de professores na implementação da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que tornava obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica brasileira.

Aprofundar-me no entendimento dessa legislação também me proporcionou vivenciar momentos importantes de tentativa de validação da temática na universidade, como a participação em comissões de assessoramento e acompanhamento da inserção da legislação nos currículos da graduação; em movimentos formativos dentro e fora da UFU; e como membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) em diversos projetos, como “A cor da cultura”, realizado em parceria com a Fundação Roberto Marinho (2010-2011). Além disso, integrei diferentes comissões de heteroidentificação na universidade, tanto para ingresso na graduação e na pós-graduação quanto para concursos públicos.

Essas experiências ampliaram a lente do meu fazer acadêmico, levando-me a refletir sobre o lugar da diferença, da diversidade e da pluralidade na instituição, tendo o recorte racial como balizador das minhas pesquisas, de meus projetos e da minha atuação profissional.

Compreendemos que é preciso combater a visão linear e hierarquizante de sociedade, de cultura e de produção e acesso ao conhecimento, fortalecendo a valorização do pertencimento étnico-racial no ensino, na extensão e na pesquisa. Entretanto, mesmo com o arcabouço legal existente para a Educação das Relações Étnico-Raciais, nem sempre há um comprometimento efetivo do poder público em garantir sua aplicação, tanto no que se refere às ações pedagógicas quanto às políticas de gestão que asseguram o cumprimento da Lei nº 10.639/2003 e suas formas de regulamentação.

Nessas incursões, o contato com a legislação e seu entendimento me permitiram compreender como a inclusão, o exercício da diversidade e a manutenção de ações afirmativas nos diferentes espaços formativos podem romper com o modelo eurocêntrico de conhecimento e sociedade. A difusão desse modelo não contribui para o fortalecimento da pluralidade de pensamentos e concepções que colocam as questões raciais em condição de igualdade no cenário da produção de conhecimento

A partir disso, abriu-se um leque de possibilidades para estudos, pesquisas, ações de extensão e de ensino, voltadas não apenas à produção de conhecimento antirracista no meio acadêmico, mas também à ampliação dessas reflexões para a educação básica, as casas religiosas e outros espaços com os quais dialoguei ao longo desses anos de luta antirracista.

Essas possibilidades que se descortinaram apenas acenderam o farol do questionamento, evidenciando a carência de ações afirmativas pontuais nas universidades, com a UFU se inserindo nesse contexto, pois a equidade sequer faz parte de seus princípios diretivos, assim como não há políticas institucionais voltadas para a permanência de estudantes negros na universidade.

Pretos e pardos, muitos deles alunos trabalhadores, precisam se sentir representados pelas políticas afirmativas. Necessitam ter suas histórias e suas culturas valorizadas e ensinadas, e sua realidade socioeconômica levada em consideração. É preciso que se reconheçam nos docentes que os ensinam. São necessárias ações institucionais efetivas que ressignifiquem o espaço acadêmico, rompendo com um modelo de universidade que, embora se apresente como democrática, ainda se estrutura de forma excludente e discriminatória.

É nítido que as estruturas pedagógicas hegemônicas ainda continuam a direcionar a identidade da educação no país. As universidades ainda são reticentes em aprovar mudanças em sua estrutura, rever sua concepção pedagógica e



administrativa para atender à entrada e a permanência das camadas populares. Muitas delas preferem seguir por um caminho já consolidado tradicionalmente. Entretanto, fissuras começam a emergir nessa base conceitual, seja por pressão popular, seja pela atuação de grupos dentro das universidades que cobram o cumprimento da legislação vigente.

Por mais que a atual conjuntura política reconheça o valor da temática étnico-racial nas mais diferentes perspectivas e situações educacionais e os dados estatísticos apontem para um aumento do número de estudantes pretos e pardos no ensino superior, a ausência de políticas de permanência desse grupo no ambiente universitário é um problema grave. A entrada de pretos e pardos nas universidades, por si só, não resolve uma desigualdade histórica, ou seja, o da garantia de oportunidades equitativas entre pretos, pardos e brancos.

Atuando em diversas frentes antirracistas na UFU desde 2007, um dos maiores desafios que enfrentei foi a sensibilização docente para as questões raciais. A legislação está posta, integra o arcabouço normativo a ser seguido, mas a negação ou o silenciamento da temática racial dentro das salas de aula e no próprio contexto universitário ainda são realidades latentes.

A luta antirracista na universidade é um embate constante contra as práticas racistas, sobretudo pela banalização do racismo aos olhos daqueles que se recusam a enxergar a importância do debate racial nas salas de aulas e na universidade. Quando essa invisibilização é orquestrada dentro da universidade, os estudantes negros continuam a ter suas vivências e experiências apagadas, submetidos ao discurso meritocrático que ignora as desigualdades estruturais que assolam a educação superior.

No meu fazer cotidiano, em sala de aula ou fora dela, tenho promovido não só a educação antirracista, mas também a valorização de pesquisas e projetos essa temática, oportunizando aos estudantes da graduação o contato com essas reflexões de forma mais aprofundada em sala de aula. Esse movimento é fruto das minhas percepções, que abrem caminhos, me colocam em encruzilhadas e me fazem refletir constantemente sobre o meu lugar e o meu papel na construção de uma universidade mais humana.

### 3 - PARA QUAIS CAMINHOS LEVAM AS ENCRUZILHADAS?

Ventou bem forte a mangueira nem tremeu!  
(ponto de Exú Mangueira).

#### Todos dependem da boca<sup>4</sup>

Certo dia, a boca, com ar vaidoso, perguntou: — Embora o corpo seja um só, qual é o órgão mais importante?

Os olhos responderam: — O órgão mais importante somos nós: observamos o que se passa e vemos as coisas.

— Somos nós, porque ouvimos — disseram os ouvidos. — Estão enganados.

Nós é que somos mais importantes porque agarramos as coisas, disseram as mãos. Mas o coração também tomou a palavra: — Então e eu? Eu é que sou importante: faço funcionar todo o corpo!

— E eu trago em mim os alimentos! — interveio a barriga.

— Olha! Importante é aguentar todo o corpo como nós, as pernas, fazemos.

Estavam nisto quando a mulher trouxe a massa, chamando-os para comer. Então os olhos viram a massa, o coração emocionou-se, a barriga esperou ficar farta, os ouvidos escutavam, as mãos podiam tirar bocados, as pernas andaram... mas a boca recusou comer. E continuou a recusar.

Por isso, todos os outros órgãos começaram a ficar sem forças... Então a boca voltou a perguntar: — Afinal qual é o órgão mais importante no corpo?

— És tu boca, responderam todos em coro. Tu és o nosso rei!

#### 3.1 O extensionista pesquisador

Quem sou eu? Que importa quem?  
Sou um trovador proscripto,  
Que trago na fronte escripto  
Esta palavra – Ninguém!  
(Augusto Emílio Zaluar, 1851)

<sup>4</sup> GOMES, Aldónio. **Eu conto, tu contas, ele conta... Estórias africanas**. Lisboa: Mar Além, 1999. (Coleção Espuma do Mar v. 1). Disponível em: <http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto5.html>.

Fazer extensão é uma ação contínua e complexa, que se aprende na prática. E vai além da teoria, dos conceitos tradicionais, do domínio de excelência de um conhecimento que pensamos ser importante de socializar. Na extensão, só há transformação se houver troca, se a escuta for ativa, se houver colaboração na construção e na recriação dos saberes, dos fazeres e das práticas, sem imposições academicistas. Não se trabalha, na extensão, pensando na verticalização do conhecimento em ação, mas na sua circularidade de intenções e interações.

Para o exercício extensionista, precisamos nos despir, nos desgarrar das teorias tradicionais, pois a extensão é troca, é partilha, é um contínuo ir e vir de vivências e experiências partilhadas. Tenho a convicção de que foi essa dinamicidade que impulsionou a me tornar extensionista quando me ingressei como docente na UFU. O que mais me incomoda na academia é o distanciamento ou a não valorização dos conhecimentos produzidos e reelaborados pelos grupos sociais, por entender que eles são fundamentais para as leituras de mundo em suas dimensões social, cultural, humana, religiosa, entre outras.

Os saberes construídos pelos grupos sociais não se restringem a uma visão reducionista pautada no senso comum; ao contrário, possuem a mesma relevância e legitimidade, está no mesmo patamar de importância. São processos embebidos de experiências que nos permitem reler, reinterpretar a sociedade de maneira múltipla e ampliada.

Assim, compreendo que a extensão universitária é um desafio constante, um campo de redescobertas e de novas aprendizagens. Como nos lembra Paulo Freire, na *Pedagogia da Autonomia*, “precisamos diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, para que nossas práticas sejam falas e nossas falas sejam práticas (Freire, 2003, p. 61).

Se extensão é uma prática viva e dinâmica, uma via de múltiplas bifurcações, ela nos permite assumir a figura do flâneur, conforme a concepção de movimento apresentada por Walter Benjamin (1989) em *Obras Escolhidas III*. Aqui, assumo a figura do sujeito observador, mas não passivo, pois, no exercício extensionista, interajo, questiono, estabeleço outros olhares à situação vivenciada, percebo os lugares e seus fluxos e, atento às minúcias impregnadas aos acontecimentos, percebo

o valor dessas ações. Assim, referendo que a extensão não apaga os indivíduos, pelo contrário, confere-lhes protagonismo no processo de releitura da realidade.

Em *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, Paulo Freire (2000) enfatiza que os sujeitos, homens e mulheres, aprendem que é no próprio ato de aprender que se cotidianamente, pois são pessoas capazes de aprender-ensinar constantemente, por conta da interferência das suas vivências e experiências diárias. O exercício extensionista tem me permitido isso, ressignificar olhares, percepções, práticas e teorias pré-concebidas, desde quando fui a ele apresentado, em 2007.

### 3.2 Partilhas extensionistas

Ingressei na UFU em 22 de setembro de 2006, exercendo minhas atividades no *campus* Pontal, localizado cerca de 150 km da sede, em Uberlândia. Um *campus* que teve início com trinta e três docentes, doze técnicos administrativos e nove cursos de graduação. Lá, passei a integrar a Comissão de Extensão, cuja finalidade era dar início às atividades extensionistas na cidade de Ituiutaba-MG. Nosso desafio foi introduzir a filosofia extensionista na comunidade local. No entanto, nem mesmo nós sabíamos exatamente como fazer, mas fizemos. Aproximamo-nos da sociedade por meio da extensão e, ao mesmo tempo em que apresentávamos a universidade, realizávamos um diagnóstico dos movimentos sociais presentes na área geográfica de inserção do primeiro *campus* fora de sede da UFU.

Na Comissão, havia docentes de diversos cursos de graduação, a maioria sem experiência com extensão. Entre os membros desse grupo estavam o professor Antônio Carlos “Flash”, do curso de Química; a professora Alessandra Epoglou, também da Química; o professor Peterson Gandolfi, da Administração; a professora Vanessa Suzuki, das Ciências Biológicas; eu, docente de História/Pedagogia; a técnica e administradora do setor de extensão à época, Cássia Bisinoto; e a técnica em Assuntos Educacionais, Valesca Pereira. Juntos, de forma colaborativa, juntamos todas as peças e construímos o caminho da extensão no *campus* Pontal, dando o pontapé inicial para as ações extensionistas na cidade de Ituiutaba-MG.

Ao estruturarmos o início da extensão no *campus* Pontal, cada um de nós se debruçava sobre os documentos oficiais para compreender o que era a extensão, como funcionava e de que forma poderíamos concretizá-la em Ituiutaba.

Desde o começo, a preocupação era estabelecer qual seria o papel da extensão, o formato queríamos dar a ela e como envolver a população local em nossas ações, afinal, naquele momento, a universidade não possuía ainda espaço físico próprio, não era reconhecida como uma instituição pertencente à cidade de Ituiutaba. Ainda assim, já tínhamos o entendimento da importância da extensão para os grupos sociais e culturais daquela localidade, especialmente no enfrentamento das diversas formas de exclusão de sujeitos e práticas em seus diversos sentidos (social, religioso, racial, de gênero, dentre outros).



**Imagem 06**

Reportagem sobre Extensão-Campus Pontal.  
Fonte: Jornal do Pontal, Ituiutaba (ago. 2007)

Constituímos um fórum local de deliberação participativa, incentivados pela Diretora de Extensão à época, professora Gercina Santana Novais. Nesse espaço, a

comunidade validava e escolhia os projetos mais significativos a serem acompanhados pela extensão da UFU, com suporte de recursos financeiros. Ali, os membros da comunidade apresentavam suas propostas, as defendiam em plenária e, caso fossem eleitas, eram ranqueadas conforme eixos predefinidos. As mais votadas eram executadas com nosso acompanhamento, enquanto as menos votadas entravam em uma lista de espera e prioridades para atendimento posterior.

Cada membro da comissão tinha a responsabilidade de auxiliar na redação e na construção das propostas, considerando temáticas como Cultura, Meio Ambiente, Educação, Empreendedorismo, entre outras, além de acompanhar sua execução. O coordenador de cada eixo monitorava todos os projetos, desde a concepção até a finalização. Nosso trabalho foi amplamente reconhecido localmente, chegando a estampar diversas capas de jornais e revistas da cidade.



**Imagem 07**

Reportagem sobre projeto de Extensão-Ituiutaba  
Fonte: Jornal do Pontal Ituiutaba (out. 2007)





Imagem 08

Reportagem sobre Fórum de Extensão em Ituiutaba  
Fonte: Fonte: Jornal do Pontal, Ituiutaba (abr. 2007)

Nosso maior desafio foi desconstruir a visão assistencialista que a comunidade tinha sobre extensão universitária e promover a compreensão de que ela é um processo formador, integrador e potencializador de mudanças e transformações, tanto na comunidade em que está inserida quanto na vida dos envolvidos.

A entrevista publicada na *Revista Impacto*, em setembro de 2010, exemplifica bem a interação e os resultados das ações extensionistas bem-sucedidas realizadas em Ituiutaba, demonstrando a conexão entre a extensão da UFU e a comunidade local.



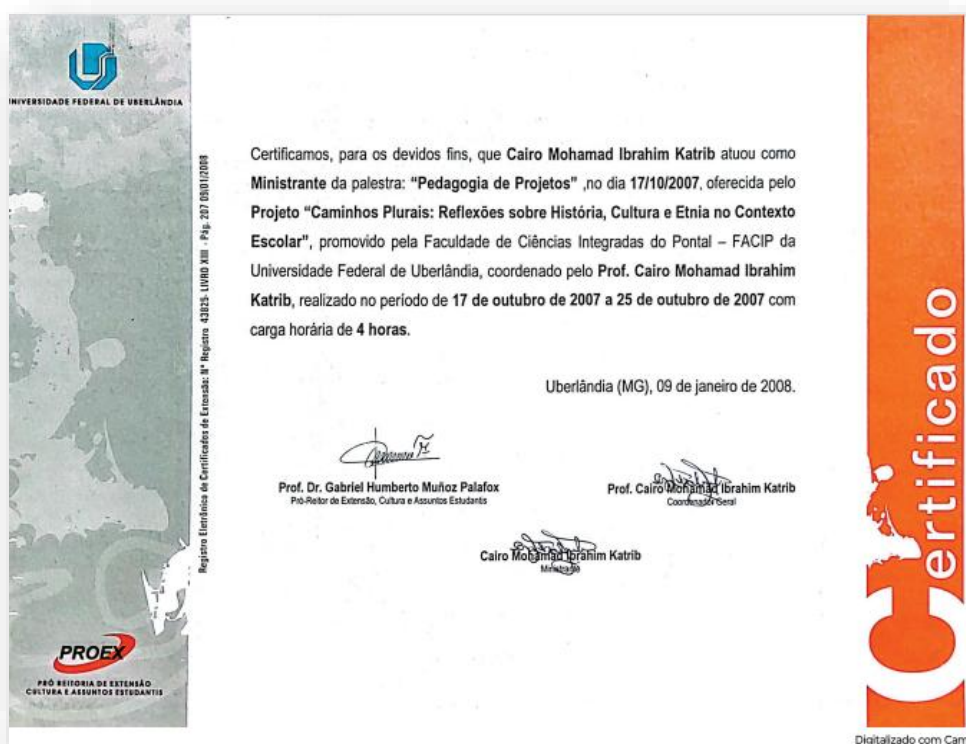
**Imagem 09**

Reportagem sobre o trabalho da equipe de extensão UFU em Ituiutaba.

Fonte: Fonte: Revista Impacto (2010)

Aprendi muito com a extensão universitária. Nela, iniciei minha trajetória e, guiado por ela, cheguei até aqui. Sou um extensionista-pesquisador, um pesquisador-extensionista que, desde meu ingresso na UFU, tem atuado na extensão e ocupado espaços na universidade graças à minha experiência com ações de extensão, o que me proporcionou reconhecimento institucional.





**Imagem 10**  
 Certificado ações de Extensão UFU  
 Fonte: Arquivo pessoal

Foram mais de 300 ações de extensão realizadas, entre atividades formativas, culturais, projetos, programas. Segundo o Sistema de Informação de Extensão (SIEX/UFU), foram 332 ações em 2024. Entre os anos de 2007 e 2009, participei de cerca de 80 ações, essas não registradas, porém certificadas.

Os gráficos apresentados computam as atividades extensionistas desenvolvidas a partir implementação do SIEX/UFU. O primeiro gráfico ilustra minha participação por modalidade, destacando a realização de eventos de extensão, cursos, oficinas e projetos diversos. O segundo gráfico não inclui os projetos de extensão realizados em Ituiutaba entre os anos de 2007 à 2009, uma vez que, nesse período, tais atividades ainda não eram registradas institucionalmente em sistemas de verificação. No entanto, ressalto que, entre os projetos sob minha autoria e coordenação, foram mais de vinte, e, ao somar aqueles em que atuei como membro, esse número chega a aproximadamente oitenta ações de extensão. No gráfico 2, o destaque recai sobre os anos de 2013 e 2022.

Entre 2010 e 2013, houve um volume significativo de recursos financeiros destinados à extensão, provenientes dos Programas Proext-MEC, financiados pelo

governo federal. Nesse período, participei de projetos e programas, cujas ações se desdobraram em iniciativas que foram concluídas a partir de 2013.

Nos anos de 2020 e 2022, o número de ações extensionistas aumentou consideravelmente, impulsionado pelas minhas atividades junto ao Centro Colaborador de Gestão e Monitoramento dos Programas Educacionais do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) – Cecampe. Esse centro, sob minha coordenação, atuou na região Sudeste, promovendo dezenas de ações de extensão voltadas aos gestores escolares, em um projeto vinculado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFU.

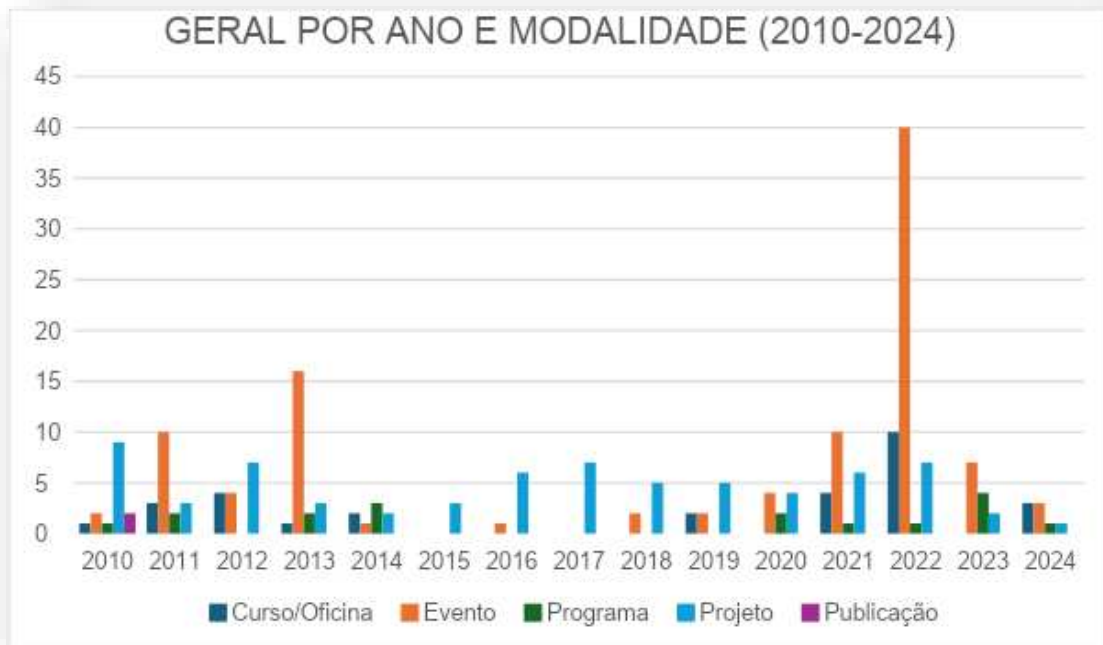
Em 2024, foram 112 ações de extensão realizadas, todas devidamente registradas e certificadas pela UFU.

Gráfico 1



Atividades de extensão por modalidade: 2010 a 2024  
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Gráfico 2

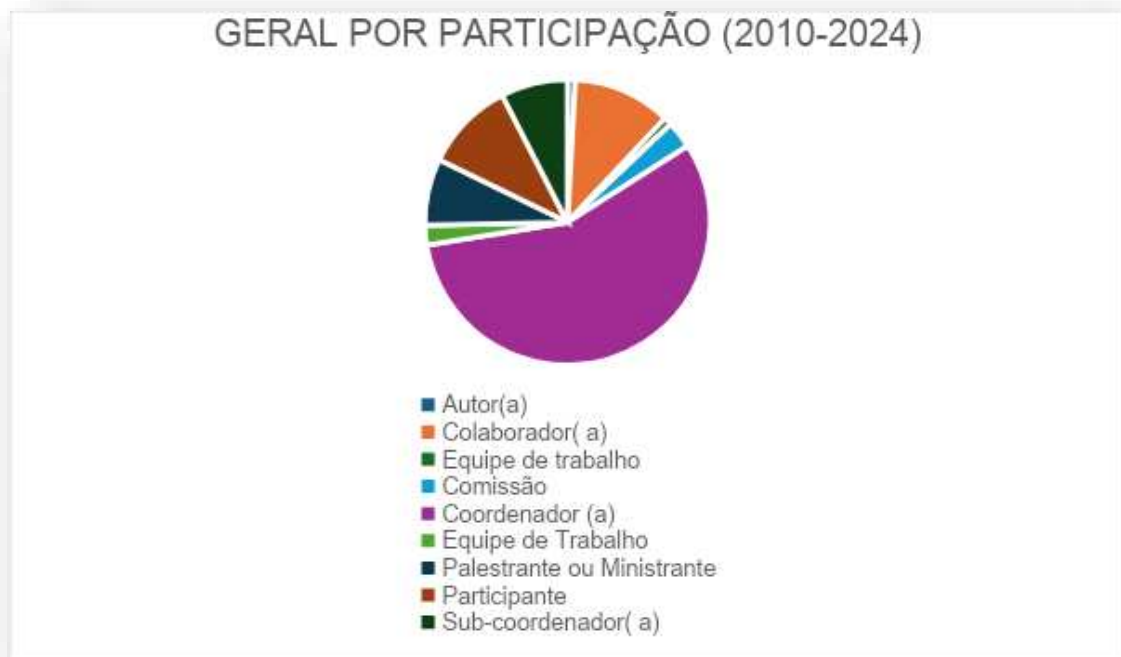


Atividades de extensão por ano: 2010 a 2024  
 Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No gráfico 3, as atividades de extensão foram agrupadas de acordo com minha participação. Destaco que mais de 60% delas correspondem a ações que coordenei, seguidas por uma combinação de atuações como colaborador, membro de equipe, ministrante ou palestrante. Esses dados reforçam a dinâmica da extensão em nossa prática docente e universitária.

Os números apresentados confirmam e referendam minha trajetória como um extensionista-pesquisador, evidenciando o papel central da extensão na minha atuação acadêmica.

Gráfico 3



Atividades de extensão agrupadas a partir da minha participação  
 Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Os números apresentados referendam minha trajetória como extensionista-pesquisador, evidenciando que meu percurso na extensão foi se refazendo a partir de um contínuo processo de reinvenção da universidade. Esse caminho reafirma a compreensão de que a conexão entre extensão, ensino e pesquisa não pode ser pensada de forma isolada, pois essas dimensões são indissociáveis para a prática docente na universidade. Vivenciá-las de maneira integrada possibilita um novo olhar sobre a sala de aula, sobre a pesquisa e sobre a valorização da extensão como uma prática essencial para a formação acadêmica e para a transformação social.

### 3.3 Abrindo as janelas da minha recriação profissional

#### 3.3.1 As ações de extensão no *campus* Pontal

Quando temos a oportunidade de revisitar nossa trajetória, saímos em busca de comprovações de que vivenciamos nossas experiências de maneira singular – experiências cuja materialização na escrita, por vezes, não consegue expressar plenamente sua real significância. Recorrermos às imagens como referencial comprobatório daquilo que tentamos traduzir em palavras é um caminho possível. Tecer compreensões, estabelecer suposições, construir mediações e conferir veracidade àquilo que narramos não é tarefa fácil.

O exercício dessas leituras surge guiado pelas cenas que se atualizam em nossas recordações. O grande desafio está em nos projetarmos além da condição de meros espectadores ou reprodutores de uma cena ou uma narrativa, assumindo o papel de condutores efetivos de nossas histórias – histórias cujo tempo de contar, nem sempre obedece a uma cronologia. Como nos adverte Gaston Bachelard (1986), o tempo inserido na imaginação é um tempo material, contudo, a percepção do instante é descontínua e facilmente captada.

Desse modo, o exercício que envolve esse processo memorial se construiu a partir do experimentar constante de diversas narrativas, muitas das quais foram refeitas, guiadas por imagens que se traduziram em texto escrito. É nítido que os referenciais da nossa trajetória se edificaram por contornos ágrafos, interferindo na mensagem que buscamos narrar, copiar, reproduzir ou ressignificar. Palavras e imagens se transformam, assim, em filmes que conduzem o nexos das nossas recordações, assistidas na solidão da memória e expressas em palavras e textos.

Seria, então, a imagem um processo visual que não é absorvido ou dado a ler senão pela subjetividade ou pela capacidade criativa? Uma mera tendência estética? Nesse sentido, “a imagem é [de fato] apreendida não como construção subjetiva sensório-intelectual, como representação mental, fantasmática, mas como acontecimento objetivo, integrante de uma imagética, evento de linguagem” (Bachelard, 1986, p.13).

Não tenho resposta formulada para tal questão. No entanto, o que posso afirmar é que nosso olhar sobre as coisas, os objetos, os lugares e as pessoas – assim como nossas relações pessoais e profissionais – não se dá de forma fragmentada,

destoadas umas das outras. Não somos meros espectadores de nossa caminhada. Somos nós que traduzimos gestos e imagens em linguagens idealizadas ou ressignificadas a partir dos fragmentos que juntamos pelas lentes de nossos olhos.

Trago, assim, algumas imagens-lembranças desse meu trânsito pela extensão, que exprimem bem minha relação com ela, reiterando o que nos lembra Yvan Izquierdo (1989): “Somos aquilo que lembramos”.

Recordo-me dos Seminários Étnico-Raciais que criamos e realizamos anualmente, em parceria com a professora Luciane Dias, representante da Prefeitura Municipal de Ituiutaba na época. O evento tornou-se uma referência na discussão étnico-racial na região e continua sendo realizado. Nesse espaço, pudemos debater a implementação da Lei 10.639/2003 na educação básica e superior, repensar as práticas afrodescendentes, valorizar a cultura negra e reforçar a importância do combate à discriminação, ao preconceito e ao racismo. Esses encontros nos proporcionaram subsídios, experiências e vivências que ampliaram nossas ações extensionistas, alicerçadas no pilar das questões raciais.



Imagem 11  
Folder do 1º Seminário Étnico-racial de Ituiutaba  
Fonte: acervo do autor (2007)



**Imagem 12**

Chamada para o 7º Congresso Étnico-racial de Ituiutaba  
 Fonte: acervo do autor (2022)

Ouso dizer que a extensão foi a grande responsável pela visibilidade da UFU em Ituiutaba e região. Foi por meio dela que movimentamos a cidade com diversas ações extensionistas e promovemos a aproximação entre a comunidade externa e a universidade.

Foram os projetos de extensão que nos permitiram conquistar as primeiras bolsas para os estudantes do *campus*, possibilitando que muitos deles permanecessem na cidade graças aos recursos financeiros obtidos. Dessa forma, não apenas garantimos a continuidade acadêmica desses discentes, como também os engajamos ativamente nos projetos que ajudamos a construir.

Abaixo, apresento um compilado de imagens das ações de extensão realizadas em Ituiutaba entre 2007 e 2015, evidenciando a trajetória e o impacto das atividades extensionistas no município ao longo desse período:



# JORNAL PONTO

Correio Povo, 28 de outubro de 2007

ANO XIX - EDIÇÃO 384 - R\$ 1,50

15 minutos

100% interesse

FÓRUM DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E CULTURAS POPULARES / SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

## A Questão do Racismo no Brasil, Saúde e Meio Ambiente foram temas discutidos dentro das duas programações

**Leila Buarque**  
discute o racismo no Brasil  
na programação da UFPA

Foram os temas de Saúde, Meio Ambiente e Cultura, discutidos no Fórum de Educação, Saúde e Culturas Populares, realizado no dia 27 de outubro, no auditório da Universidade Federal do Pará (UFPA). A programação foi realizada em dois dias, com o tema de Saúde e Meio Ambiente no primeiro dia e o tema de Cultura no segundo dia. O Fórum foi organizado pela Universidade Federal do Pará, em parceria com o Conselho Nacional de Saúde (CNS) e o Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA).

Entre os participantes, estavam representantes de diversas instituições, incluindo a Universidade Federal do Pará, o Conselho Nacional de Saúde, o Conselho Nacional de Meio Ambiente, o Conselho Nacional de Cultura, o Conselho Nacional de Educação, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o Conselho Nacional de Economia, o Conselho Nacional de Estatística, o Conselho Nacional de Geografia, o Conselho Nacional de História, o Conselho Nacional de Letras e o Conselho Nacional de Matemática.

**Reunião de especialistas**

Os especialistas em educação, saúde e cultura discutiram a importância da educação para a saúde e o meio ambiente, bem como a importância da cultura para a educação e o desenvolvimento humano. Eles também discutiram a importância da participação da comunidade na tomada de decisões sobre educação, saúde e cultura.

**Participantes do fórum**

**Encontro de Educação, Saúde e Cultura**

**Participantes do fórum**

**Imagem 14**  
Reportagens sobre ações de Extensão em Ituiutaba-MG  
Fonte: acervo do autor (2007-2015)



## Irmandade São Benedito continua preservando e difundindo tradição da Congada em Ituiutaba



Atividades desenvolvidas com as crianças da Congada na Fundação Palmares

Tiveram início no dia (7) de fevereiro as tradicionais "Campanhas" para a realização da Tradicional Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que este ano terá a culminância no dia 10 de maio. Esta campanha consiste em levar a imagem peregrina de São Benedito em vários lares de nossa cidade, onde é feita a reza do Terço e um pequeno leilão de prendas. Estas campanhas acontecem geralmente aos sábados e domingos com encerramento previsto para o dia (25) de abril.

A Irmandade São Benedito tem desenvolvido ações que visam promover, preservar e divulgar as manifestações dos grupos de Congadas de Ituiutaba que é saber cultural encontrado em várias cidades brasileiras, principalmente em Minas Gerais. Essa tradição que tem suas origens nos interiores das senzalas era formada em sua maioria por adultos e idosos, hoje o que se constata é um número cada vez maior composto de crianças, jovens e adolescentes envolvidos nestas manifestações. Partindo da afirmativa de que o "Brasil" desconhece a si mesmo, o grande desafio proposto é levar às crianças, jovens e adolescentes a conhecer a si mesmos por intermédio da complexidade que envolve a problemática social, cultural e étnica. Nesse sentido a Irmandade concorre com entidades do Brasil todo e foi contemplada com a aprovação em duas iniciativas: A Petizanda na Congada - Construção e manutenção de uma Congada e a Congada de São Benedito, onde se faz um leilão para arrecadar fundos para a manutenção da Congada de São Benedito.



Atividades desenvolvidas com as crianças da Congada na Fundação Palmares

material, instrumentos, ritos e procedimentos variados de sua tradição, experimentando-os e reconhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais, usando-os como instrumentos de transformação social, voltados para a construção da cidadania plena e para o bem comum e a multiplicação de conhecimento de forma sistematizada e prazerosa.

O Projeto: A petizanda na Congada Construindo Saberes e Prazeres terá início no dia 23, das 13h às 17h, na Biblioteca Comunitária São Benedito situada na rua 32 nº 2007 fone: 3444-1111. Para a inscrição pode-se uma doação de um quilo de alimento não perecível ou uma publicação literária (livro) infanto-juvenil.

Para a inscrição pode-se uma doação de um quilo de alimento não perecível ou uma publicação literária (livro) infanto-juvenil.

### Imagem 15

Reportagem sobre projeto de Extensão UFU com a Irmandade de São Benedito de Ituiutaba-MG

Fonte: acervo do autor (2007-2015)

**DIÁRIO Cidades** JORNAL DO PONTAL

Ituiutaba-MG - Sábado/Domingo, 15 e 16 de dezembro de 2007 ANO XIII - EDIÇÃO 2500 - R\$ 1,50 Dir. Responsável Eduardo Maia

do Município entra em segunda votação Leia Diário Cidades - P

## Programa Itinerante de Educação e Saúde

### Qualidade de vida nas famílias de pessoas com necessidades especiais

**ITUIUTABA**

O presente projeto de extensão universitária, que surgiu da parceria entre APAE-Ituiutaba e UFU - Pontal, completou sete meses de atividades envolvendo cerca de 150 pessoas entre alunos, professores, profissionais e comunidade. Foi idealizado com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das famílias de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE), a partir de uma abordagem de trabalho baseada em equipe interdisciplinar (assistente social, psicóloga, psicopedagogo, fisioterapeuta e comunidade acadêmica). As diretrizes estão embasadas na nova política de atenção à Pessoa com Necessidades Especiais e nas modalidades de atendimento que objetiva assegurar a estas pessoas a inclusão no convívio social, comunitário e familiar buscando garantir-lhes melhor qualidade de vida.

Ao longo dos sete meses de trabalho iniciou a equipe do projeto fez mais de 200 visitas às famílias envolvidas, percorreu cerca de 600 km pelas ruas da cidade, foram 400 horas entre oficinas de fisioterapia e psicopedagogia para "Formação de Cuidadores Domiciliares" junto ao membro da família responsável pelo PNE, em geral, suas mães. Os quase 40 alunos da UFU que participam do projeto, dedicaram cerca de 300 horas de visitas, somando-se a participação individual de cada um deles. Também foram realizadas atividades de Hidroterapia e um Ciclo de Debates do projeto, ambas nas dependências da APAE.

**OMBI** (emiliana (psicopedagoga da APAE) e Jael (fisioterapeuta do projeto) estão para uma das visitas nas famílias com PNE's

social dos PNE's, com o objetivo de se auxiliar na melhoria da qualidade de vida dessas famílias. Pelo levantamento inicial feito pelos PSF's de Ituiutaba, hoje existem cerca de 400 famílias com PNE's, sem nenhuma tipo de atendimento domiciliar especializado, tais como fisioterapeuta e nutricional, por exemplo. Assim, por meio desse diagnóstico sobre a realidade de centenas de famílias da cidade, verificamos que a grande maioria delas vive em bairros de baixa renda e com grandes carências. A maior dificuldade apontada por elas está na locomoção. Quase todas as famílias participantes do projeto não possuem veículo próprio, dependem de transporte público ou de serviços especiais, o que limita o acesso dessas famílias aos serviços públicos de saúde e educação, por exemplo. Em muitos casos, os familiares apostaram para os be-

Plataforma assistindo o ciclo de Debates com a presença da profa. Leila (diretora do campus UFU) e da Diretora da APAE (Ledy), além de alunos e famílias do projeto

Assim, os participantes do projeto entendem ser necessário atingir algumas metas: 1.) Estabelecer uma comissão formada pela comunidade e poder público para discussão dos problemas relacionados a essas famílias; 2.) Buscar recursos federais para adequação de prédios públicos às leis de acessibilidade; 3.) Implantação de transporte público adaptado para PNE's, buscando proporcionar a locomoção desses indivíduos e suas famílias, a exemplo do serviço que existe em Uberlândia; 4.) Em função da alta demanda, criar equipe domiciliar composta por Fisioterapeuta, Nutricionista e Psicopedagogo para atendimento dessas famílias junto aos PSF's da cidade.

Visita de alunos a Casa de família de uma das atendidas pelo projeto com alunos da UFU

Prof. Dr. Sauloebert T. de Souza  
Coordenador do Projeto (UFU)

Jael Teixeira de Carvalho  
Fisioterapeuta do Projeto

### Imagem 16

Reportagem sobre projeto de Extensão UFU em Educação e Saúde, Ituiutaba-MG

Fonte: acervo do autor (2007-2015)

Vivenciar essa experiência permitiu-me amadurecer meu compromisso com as questões raciais e compreender sua importância. Quando surgiu a oportunidade de conectar essa temática à extensão, ao ensino e à pesquisa, submeti uma proposta ao Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), para a criação de um grupo de Educação Tutorial dedicado à discussão dessa temática.

### **3.3.2 Educação tutorial – Pet Reconectando Saberes: redimensionando práticas e olhares**

A Educação Tutorial foi um divisor de águas em minha trajetória acadêmica, pois impulsionou discussões muito além da temática racial. Além do desafio do trabalho interdisciplinar – já que o grupo deveria ser composto por estudantes de diversos cursos de graduação – abordamos temáticas historicamente invisibilizadas dentro da universidade, como as questões raciais, religiosas e de gênero. Ao mesmo tempo, tínhamos como público estudantes de baixa renda, majoritariamente negros, justamente aqueles que não tinham acesso às mesmas oportunidades que outros grupos possuíam dentro da universidade para vivenciar a extensão e a pesquisa, vivenciando o universo acadêmico da produção do conhecimento.

Em 2010, submeti um projeto ao Ministério da Educação, pleiteando a criação e a concessão de bolsas de Educação Tutorial para o PET “Conexões de Saberes”, que, à época, tinha como filosofia o trabalho interdisciplinar com temáticas da diversidade. Obtive êxito na aprovação do grupo, que iniciou suas atividades ainda em 2010, acolhendo estudantes em situação de vulnerabilidade racial e social.

Começamos com oito estudantes bolsista e dois voluntários. Seleccionamos os participantes, formamos o grupo e iniciamos o trabalho, enfrentando inúmeros desafios. O primeiro deles foi o atraso de quase um semestre no pagamento das primeiras bolsas. Muitos estudantes cogitaram desistir, pois não tinham condições de se manterem sem o recurso financeiro, e ser bolsista do PET os impedia de ter outra fonte de remuneração. Foram meses difíceis... sem bolsas e sem espaço físico para nossas atividades. Utilizávamos salas de aulas ou espaços coletivos da universidade para desenvolver nossas ações.

De acordo com as diretrizes do Programa de Educação Tutorial, os estudantes, junto ao tutor, deveriam desenvolver um conjunto de atividades articuladas entre ensino, pesquisa e extensão. Além disso, os bolsistas não podiam ter reprovações, precisavam manter um bom rendimento acadêmico, participar de eventos e produzir artigos, resumos e relatos para permanecer no grupo.

Se faltava infraestrutura, não faltaram garra e persistência dos estudantes envolvidos. Realizamos tantas ações que começamos a incomodar outros grupos da universidade, que seguiam a filosofia tradicional dos PET. Muitos diziam que não tínhamos o “perfil” de um grupo de Educação Tutorial. Seria pelo fato de os estudantes serem, em sua maioria, pobres e negros? Fomos apelidados de “PET Favelão”, mas isso não nos abalava; pelo contrário, nos fortalecia. Seguimos firmes, mesmo diante dos boicotes perceptíveis da Comissão de Acompanhamento Local (CLA), que sempre nos avaliava sob os critérios dos grupos tradicionais. Tradicionais? Não éramos mesmo.

Somente no terceiro ano de funcionamento conseguimos um espaço próprio: uma sala pequena, mas que comportava nossos sonhos. Contudo, as dificuldades persistiam, já que conseguimos a sala, mas não os equipamentos. Foi então que iniciei, dentro da UFU, uma verdadeira via sacra para obter doações de móveis, computadores e materiais de consumo para viabilizar nossas ações. Aos poucos, conquistamos mobiliário, impressora e computadores, enquanto outros grupos contavam com o privilégio de serem atendidos diretamente pelas instâncias superiores.

Realizamos grupos de estudo, fomos às escolas promover atividades formativas e oferecemos aulas gratuitas de língua estrangeira para estudantes. Além disso, disponibilizamos espaço, computadores e internet para que os petianos pudessem realizar estudos, pesquisas e trabalhos acadêmicos. Movimentamos a universidade e a cidade com eventos e atividades culturais. Como conseguimos fazer tudo isso? Estabelecendo parcerias com a Pró-reitoria de Extensão e Cultura e com os movimentos negros da cidade.

Nessas feitura extensionistas, fui adquirindo bagagem e sensibilidade, não apenas para lidar com temáticas que me instigavam a reelaborar minha prática, mas também para incentivar os discentes a acreditarem em seu potencial humano e acadêmico. Durante os cinco anos em que estive na educação tutorial, pude contribuir para a formação de diversos estudantes de diferentes cursos de graduação. Como a

proposta era interdisciplinar, o grupo agregava alunos de várias áreas interessados na discussão étnico-racial.

O mais gratificante foi perceber que valeu a pena acreditar naqueles estudantes desacreditados em sala de aula, aqueles que não possuíam uma bagagem acadêmica consolidada para acompanhar as reflexões do ambiente universitário. Eles se tornaram referências em seus cursos, adquiriram um excelente repertório de saberes e passaram a participar de congressos locais, nacionais e internacionais, produzindo textos completos e resumos, demonstrando segurança para dialogar sobre seus temas de pesquisa com qualquer especialista da área.

Muitos exercitaram a docência bem antes do estágio obrigatório, por meio das ações formativas que realizávamos. Experimentar a sala de aula definiu a escolha de muitos pela profissão. O maior orgulho é perceber que pude fazer a diferença na vida desses estudantes. Hoje muitos são professores efetivos nas redes estaduais e municipais, concluíram mestrado e doutorado ou atuam na gestão de escolas e órgãos públicos. Isso me alimenta e me revigora, fazendo-me seguir adiante, com a certeza de que, mais importante do que proporcionar uma bagagem intelectual, é formar pessoas para cuidar de pessoas, de forma sensível e acolhedora. Eles conquistaram seus espaços – espaços que, por vezes, nem imaginavam ser seus, pois sempre foram confrontados com as barreiras impostas por aqueles que, em algum momento, resolveram definir até onde seria sua linha de chegada.

Abaixo, um registro das ações desenvolvidas pelo PET “Reconectando Saberes” entre 2010 e 2015, evidenciando a trajetória do grupo e seu impacto na formação acadêmica e social dos estudantes envolvidos.





Imagem 17

Blog Pet Reconectando Saberes  
 Fonte: <https://www.instagram.com/petreconectando>

## V SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

<b>Abertura</b> 05 de Dezembro Hora: 19h 30min	<b>Conferência de abertura:</b> Religião de Matriz africana como possibilidade de implementação da Lei 10.639/03. Profª Msc Mariana Ramos de Moraes - BH Local: FUMZUP - Av: 25 - Praça 13 de Maio				
<b>06 de Dezembro</b> das 8h as 12h	<b>Roda de conversa</b> Religião de matriz africana Profª Msc Mariana Ramos de Moraes - BH Local: UNOPAR - R: 18				
<b>06 de Dezembro</b> das 8h as 12h Local: UNOPAR	<b>Oficina 1</b> Preconceito Juciene Apda de Costa Silva Valquíria Almeida Nascimento	<b>Oficina 2</b> Boneca preta Renata Costa Nízia Fátima	<b>Oficina 3</b> Contos Africanos Hestênio Xavier	<b>Oficina 4</b> Escravidão através de registros. Pedro Affonso de O. Filho Tatiane Helena da Costa	<b>Oficina 5</b> Sobre Anemia Falciforme Dr. Ricardo Duarte
<b>07 de Novembro</b>	<b>RecCine- Matutino</b> Local: Escola Municipal Aida Andrade Hora: Das 8h as 12h		<b>RecCine- Vespertino</b> Local: Escola Municipal Rosa Tahan Hora: Das 13h as 17h		

\*Símbolo Adinkra GYE NYAME Simboliza a supremacia e imortalidade de Deus.

**Inscrições pelo e-mail: [seminarioetnicoracial@hotmail.com](mailto:seminarioetnicoracial@hotmail.com)**

**Realização:** (RE)CONECTANDO Saberes, Fazeres e Práticas RUMO A CIDADANIA CONSCIENTE

**NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS**

**PROEX** MEC/SESU/SECADI

**UFU** FACULDADE DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DO PONTAL

**Apoio:** FUMZUP

**IRMANDADE DE SÃO BENEDITO**

**UNOPAR**

Imagem 18

Card de divulgação do V Seminário de Educação das Relações Étnico-raciais  
 Fonte: <https://www.instagram.com/petreconectando>

**O SABER NÃO TEM COR**

Aos sábados  
Horário: 14:00hs às 17:00hs

Inscrições pelo e-mail:  
[osabernaotemcor@hotmail.com](mailto:osabernaotemcor@hotmail.com)

**Certificação de 20hs**

Realização:

**Local: BLOCO D SALA 10**

Data	Tema trabalhado
05/11	Abertura – Griôs : contação de histórias. Introdução - Conhecendo a África. Exibição do documentário “Brasil-Uma História Inconveniente”. Roda de conversa.
12/11	Exibição do filme “O contador de Histórias” e discussão texto REIS, M. C. O processo civilizador na construção da identidade negra.
19/11	Exibição do filme “As filhas do vento” com discussão a cerca de gênero e identidade negra.
26/11	Exibição da animação “ Kuruku e a Feiticeira” Discussão e trabalho da temática.
03/12	Exibindo o filme “Besouro” com foco na cultura, religiosidade e pertença identitária. Encerramento com apresentação dos trabalhos produzidos.

**CONVITE**

O Pet (Re) conectando Saberes, fazeres e Práticas, da Universidade Federal de Uberlândia-Campus Pontal, convida para o evento:

**A importância da extensão e da pesquisa na formação do acadêmico**

Palestrantes:

**Profa. Dra. Geni de Araújo Costa**  
Diretora de Extensão-UFU e tutora Pet Educação Física

**Prof. Dr. Carlos Roberto dos Anjos Candeiro**  
Curso de Geografia FACIP-UFU

A atividade é destinada aos docentes e técnicos administrativos UFU, bolsistas de extensão, Petianos, acadêmicos e comunidade em geral

**Local: Bloco D FEIT – ala 1 / Salas 10-12**  
**Dia 28 de setembro de 2011**  
**Horário: 14:00hs**  
Será emitido certificado – C.H : 4 horas

Realização:

**(RE)CONECTANDO**  
SABERES, FAZERES E PRÁTICAS:  
RUIM É O QUE NÃO SE CONECTA

**RODAS DE CONVERSA**  
COM MIGRANTES DE ORIGEM NORDESTINA

**02/10 AS 15:00**

Local: Av:Francisco Saviano Pinto nº813  
B:Universitário (Antiga quadra da escola Raio de Sol)

**SERÁ EMITIDO CERTIFICADO**

Realização:

**(RE)CONECTANDO**  
SABERES, FAZERES E PRÁTICAS:  
RUIM É O QUE NÃO SE CONECTA

Apoio:

**UFU**  
Curso de História  
FACIP/UFU

Imagens 19, 20 e 21

Cards de divulgação ações pet

Fonte: <https://www.instagram.com/petreconectando>



### IV Festival de Teatro de Formas Animadas - AS QUATRO CHAVES

02/09/2011 às 21:47 | Publicado em Evento, Uncategorized | Deixe um comentário



### Formação e Nucleo de estudos / PET (re)conectando saberes.

29/08/2011 às 12:37 | Publicado em Evento, Informativo, Uncategorized | Deixe um comentário



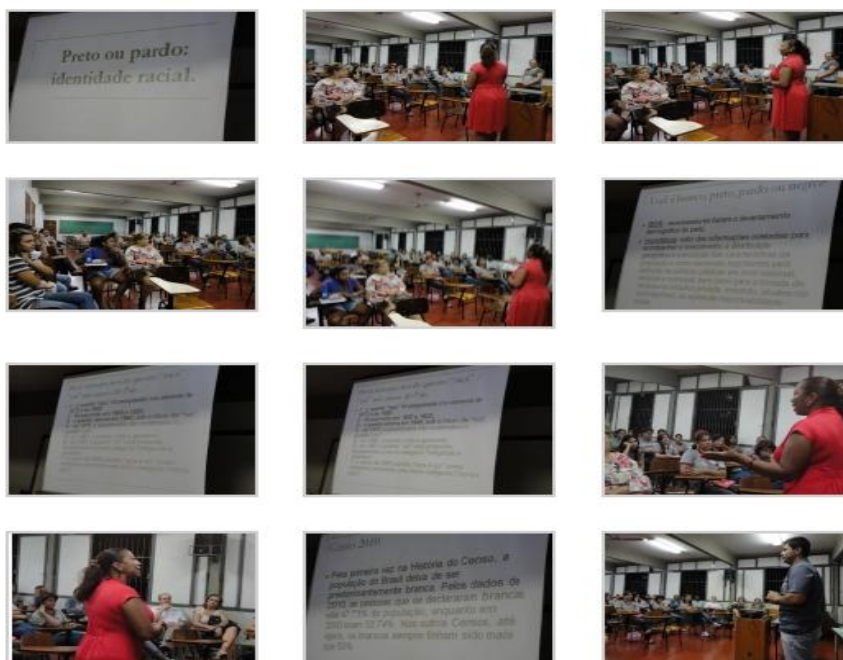
### Imagens 22 e 23

Cards de divulgação ações pet

Fonte: <https://www.instagram.com/petreconectando>

## PREVEST visita o PET

19/09/2011 às 19:52 | Publicado em Evento, Informativo | Deixe um comentário



## Fotos do evento com o Prof. Dr. Guimes

28/05/2011 às 10:00 | Publicado em Evento, Informativo, Uncategorized | Comentários desativados

Tags: Fotos do evento com o Prof. Dr. Guimes



## Imagens 24 e 25

Cards de divulgação ações pet

Fonte: <https://www.instagram.com/petreconectando>





**Imagem 26**

Card de divulgação ações pet

Fonte: <https://www.instagram.com/petreconectando>

### 3.4 A pesquisa e a extensão promovendo ressignificações

O ato de pesquisar propicia ao pesquisador a possibilidade de criar e recriar conhecimento sobre um dado assunto. Mais do que isso, no caso da pesquisa historiográfica, ela tem me permitido enveredar por caminhos voltados para repensar minha prática, minhas percepções e meu universo de estudo, ressignificando as explicações sobre o cotidiano. Esse processo ocorre sempre alicerçado em referenciais teóricos e metodológicos que me auxiliam na análise de uma determinada problemática. Como destaca Michel de Certeau (1982, p. 67): “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural e não deve dele ser alijado, de modo a evitar leituras distorcidas e negacionistas dos fatos”, mas sim entendida como um campo de possibilidade para a reinvenção da compreensão de uma dada realidade pelo viés da pluralidade, libertária de hierarquias.

A pesquisa historiográfica permite ao pesquisador explorar diversos caminhos sem perder de vista sua temática de estudo. Quando essa temática possibilita uma conexão entre pesquisa e extensão, o processo torna-se ainda mais envolvente, pois projeta o pesquisador para o centro da efervescência das ações, das tensões e das relações que emergem na tentativa de compreender determinada realidade. A pesquisa associada à extensão amplia ainda mais esse campo de possibilidades, reforçando o compromisso social da pesquisa como ferramenta transformadora de realidades.

Quando refletimos sobre os caminhos percorridos pelo historiador ao longo dos estudos e pesquisas realizadas, percebemos que, para além da escrita, outras linguagens representativas, como a audiovisual, tornam-se essenciais para dialogar com diferentes públicos e interpretar uma realidade sob a ótica de outras lentes. Nesse sentido, fazemos aquilo que Hayden White (1988) preconizou ao afirmar que toda história escrita é um produto resultante do processo de recriação da prática do historiador; através dela, a condensação, o deslocamento, a simbolização e a qualificação podem orientar a produção de uma representação filmada.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, a maioria das pesquisas que realizei associou o texto escrito à linguagem audiovisual como formas complementares de compreensão de uma determinada realidade. Meu interesse por essa abordagem surgiu durante o doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB), ao cursar uma disciplina com as professoras Márcia Kuyumjian e Nancy Aléssio Magalhães (*in memoriam*), cujo foco era narrativas audiovisuais. Naquele momento, também tive a oportunidade de participar de diversas atividades promovidas pelo Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória (NECOIM/CEAM/UnB), coordenadas pelo professor José Walter Nunes e pela professora Roberta Matsumoto.

Essa percepção abriu novos horizontes de expectativas, pois a questão que certamente me impulsionou a enveredar pela linguagem audiovisual foi a possibilidade de imersão em diferentes formas de representação da realidade. O historiador se vê imerso em um mar de informações, muitas das quais possuem contornos imagéticos que acabam por influenciar suas próprias narrativas.

Nesse sentido, fui despertado para a compreensão de que a imagética, os documentários e o cinema se apresentam como linguagens que possibilitam novas

leituras do mundo, permitindo-nos experimentar o cotidiano sob diferentes perspectivas e explorar a complexidade da realidade de maneira ampliada.

Para os historiadores, explorar novas linguagens narrativas é sempre uma aprendizagem e uma oportunidade de ampliar as formas de narrar histórias, para além dos métodos tradicionais do ofício, pois, ao utilizá-las, saímos de nossa zona de conforto de interpretação crítica, nos projetando para um universo em que a escrita e a imagem se condensam em uma linguagem múltipla. Esse processo nos leva ao âmbito da produção, da roteirização e da concepção do documentário, desenvolvido em um trabalho que, na maioria das vezes, exige um exercício coletivo, colaborativo e interdisciplinar.

Nos estudos e pesquisas já realizados, em que a linguagem escrita se ancora na fílmica e vice-versa, ambas produziram experiências significativas para a compreensão do cotidiano. A produção de documentários a partir de uma conexão com a história local, por exemplo, permitiu-me compreender como essa narrativa alternativa é capaz de reavivar memórias e lembranças, além de recriar entendimentos sobre os modos de viver, conectando-os aos enredos que ornaram a história oficial de um lugar, de uma prática cultural ou de um fenômeno religioso. Essa abordagem foi experimentada na produção dos documentários *Vértice Agridoce* (2014), *São Marcos do Sertão Goiano* (2016) e *Mulheres de fé* (2018).

Nesses documentários, procuramos exercitar uma narrativa em que os sujeitos envolvidos fossem, de fato, os protagonistas das histórias narradas. Isso porque entendemos que a recriação de sentidos ou dos modos de viver configura-se como um processo dialógico, no qual os personagens transitam por diversos enredos e cenários. O recurso audiovisual, nesse contexto, atua como uma ferramenta de mediação transformadora da escrita, possibilitando ao historiador exercitar sua criatividade na arte de narrar, interagindo, confrontando, revendo e reinterpretando falas e experiências sobre um mesmo acontecimento sob diferentes óticas, a fim de desvelar e questionar a escrita oficial da História.

A produção do documentário e seu uso como linguagem capaz de gerar conhecimento histórico permitem, também, desatar nós e realinhar os fios da história ancorada no viver e no atuar dos sujeitos sociais. A intenção de utilizar a linguagem audiovisual como narrativa para recontar histórias é um exercício complexo, que envolve técnicas e tecnologias nem sempre dominadas por nós, historiadores. No entanto, isso não se configura como um impeditivo para a

concretização de pesquisas cujo resultado culmine na produção audiovisual. Como mencionado, esse processo se sustenta no exercício de parcerias e colaborações, conduzido pela sensibilidade dos profissionais envolvidos, como os que participaram dessas produções, Flávio Citton Pasqua e Nara Sbreebow.

Em nenhum momento, ao optarmos pela linguagem audiovisual, buscamos construir uma nova narrativa que substituísse a já apropriada e oficializada sobre o tema pesquisado. Nossa intenção foi propiciar novas releituras dos lugares pesquisados, colocando como protagonistas aqueles que vivenciaram o passado, experimentam o presente e projetam o futuro. Cada um desses momentos é compreendido a partir de suas perspectivas, memórias, recordações e anseios pessoais e coletivos.

Nesse caso, são essas pessoas os verdadeiros sujeitos e narradores de suas histórias. São elas que, por meio da palavra, moldam conexões antes descompostas, transformam falas em textualidade, condicionam a viagem ao passado por meio de suas recordações, e sonorizam, com tom de verdade, os relatos da memória, dando a ela estatuto de uma outra versão. Nesse sentido, ao recorrermos à linguagem audiovisual e à construção de documentários, dimensionamos as possibilidades interpretativas da história de um lugar, criando espaços para múltiplas leituras e ressignificações.

Ao selecionarmos as narrativas dos protagonistas e ao escolhê-los para recontar as histórias, conferimos a elas um caráter que se contrapõe à oficialidade. No entanto, quem referenda esse papel é o próprio narrador, que, a seu modo, constrói e interpreta um dado fato ou acontecimento. Como aponta Piccinin (2012), dialogando com Paul Zumthor (1993), o narrador, quando habilidoso e astuto, impõe, por meio de sua voz e interpretação, um tom ao diálogo narrado que transfere credibilidade ao que (re)conta. Da mesma forma, ao atualizar o tempo e o espaço, insere neles elementos de seu cotidiano, sua trajetória de vida, seus traumas, seus silenciamentos e, ao mesmo tempo, poetiza a palavra falada por meio do corpo e dos gestos, como observa Walter Benjamin (1987).

Tendo como referência esse diálogo teórico, destaco três pesquisas desenvolvidas ao longo da minha trajetória acadêmica, nas quais busquei não apenas integrar pesquisa e extensão, mas também incorporar a linguagem fílmica como possibilidade de releitura da realidade. São elas: a) Caminhos de memórias, caminhos de muitas histórias; b) Releituras da cidade: memória, história e identidade; c)

Mulheres de fé; d) Centros Colaboradores de Apoio ao Monitoramento e à Gestão de Programas Educacionais – Cecampe

A pesquisa **Caminhos de memórias, caminhos de muitas histórias** foi financiada pela iniciativa privada por meio de um edital do qual participamos em 2007. Teve início em 2008 e se estendeu até 2011. A proposta de trabalho que apresentamos pautou-se no estabelecimento de um conjunto de ações educativas e patrimoniais alicerçadas nas discussões da História Cultural, a partir de um diálogo tecido com os municípios atingidos pela Usina Hidrelétrica Serra do Facão (Paracatu-MG, Catalão-GO, Campo Alegre-GO, Cristalina-GO, Davinópolis-GO e Ipameri-GO).

O projeto previa a implementação de ações patrimoniais, o mapeamento e o registro dos saberes, fazeres e práticas desses municípios, a produção de uma coletânea e de um documentário, além de inúmeros relatórios técnicos balizados pelas diretrizes do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural da empresa. O objetivo principal era valorizar o patrimônio cultural das localidades impactadas, reforçando os valores da cultura local, as crenças, os modos de vida, a culinária e tantos outros saberes e práticas reelaborados cotidianamente pelos sujeitos que habitam esses lugares.

Contávamos com uma equipe multidisciplinar composta por historiadores, geógrafos e biólogos da UFU, além de bolsistas de graduação desses cursos. O maior desafio não foi a realização do levantamento proposto, mas sim garantir a liberdade de condução da pesquisa, assegurando o protagonismo dos sujeitos envolvidos. Buscamos dar voz às suas angústias diante da perda de seus espaços de vivência, memórias e histórias, uma vez que grande parte da área, à época, seria inundada pela barragem em construção.

As dores, as perdas, os conflitos com a empresa eram falas recorrentes que emergiam durante as conversas da equipe com os moradores, nas entrevistas realizadas para a coletânea e o documentário a serem produzidos. Essas manifestações geravam um certo desconforto para a empresa, que desejava um material que valorizasse a política de atendimento aos atingidos e os processos indenizatórios, destacando a ausência de conflitos. No entanto, o material produzido refletia a realidade vivida pelos moradores dos municípios atingidos.

Houve a tentativa de controle sobre nossas ações e nossa escrita por parte da empresa, o que resultou em inúmeras reuniões com sua cúpula. No entanto, não cedemos. Tanto é que, ao final da pesquisa, já com a coletânea concluída e o

documentário finalizado e repassado à empresa para encerramento do projeto, notamos que nenhum morador dos municípios envolvidos havia tido acesso ao material. A empresa não fez a divulgação e nem distribuição desse material. Diante disso, a coordenação da pesquisa organizou uma força-tarefa para distribuir o material diretamente às comunidades, escolas e órgãos públicos, além de promover exposições do documentário. Essa iniciativa contrariava os interesses da empresa, pois o material produzido privilegiava o diálogo com os sujeitos sociais atingidos pela UHE Serra do Facão, enfatizando suas relações com seus “lugares de memória” e valorizando a oralidade, as crenças, os pensamentos e os costumes desses grupos, posto que esse conjunto de elementos “circula no grupo através da fala, e poucas vezes deixam registros escritos” (Raminelli, 1993, p.83).

A reescrita dessas narrativas, edificadas nos bens culturais materiais e imateriais, foi analisada e ancorada partir dessa perspectiva. No entanto, a empresa, enquanto mantenedora da pesquisa, pretendia que a história reverenciada fosse a sua própria, apresentando-se como benfeitora do lugar, o que não aconteceu.

Mesmo diante dos embates constantes, a equipe de pesquisadores não cedeu às pressões, conduzindo a pesquisa e a produção dos materiais como atividades de Educação Patrimonial, mapeamento de práticas e saberes da cultura local, a produção da coletânea, de relatórios e do documentário, entre outros registros. Todos os materiais foram publicados com a chancela da UFU.

As ações patrimoniais locais foram realizadas em parceria com as escolas dos municípios envolvidos. A culminância dessas ações tinha como objetivo promover o diálogo entre as escolas e a comunidade, a fim de que, juntos, identificassem os bens culturais locais, realizassem seu mapeamento e os apresentassem no formato de uma exposição temporária.

A seguir, apresento registros das ações desenvolvidas em Campo Alegre de Goiás.



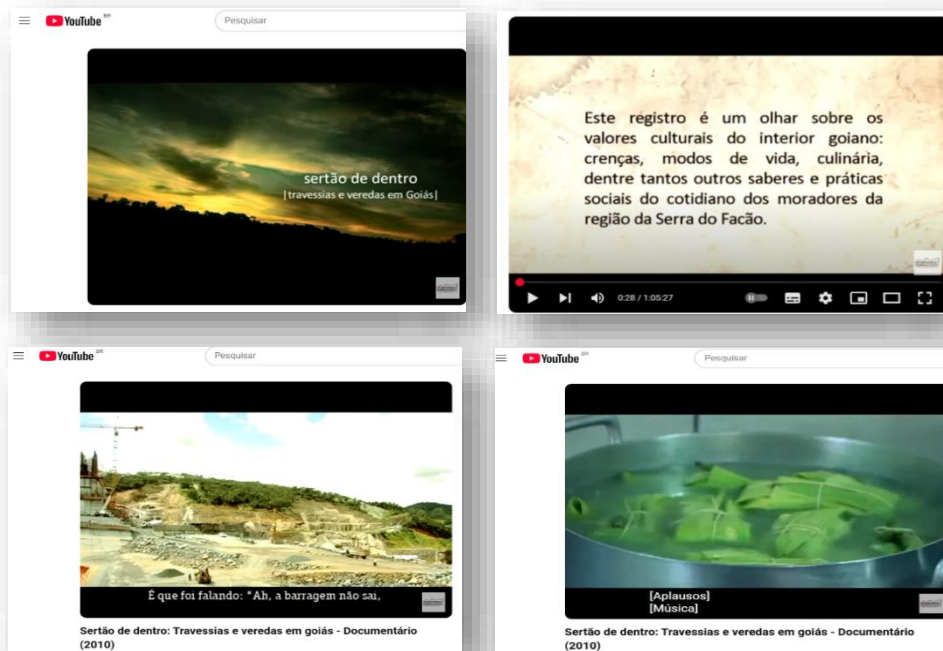


**Imagens 27, 28 e 29**

Ações de educação Patrimonial Serra do Facão  
Fonte: Acervo do Projeto Caminhos da Memória (2007)

Outra ação realizada foi o mapeamento e a coleta de utensílios, fotografias, documentos antigos, jornais, revistas, entre muitos materiais que foram catalogados e posteriormente repassados à Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Além disso, também foi entregue um acervo identificado com plantas do cerrado encontradas na região. Junto a esse material, encaminhamos a coletânea, o documentário e todos os relatórios produzidos, com o objetivo de subsidiar futuras pesquisas, estudos e ações.

O documentário foi exibido em diversas oportunidades, incluindo escolas e eventos acadêmicos, onde promovemos debates sobre o tema do audiovisual e o impacto das barragens no Brasil. Além disso, foi disponibilizado em uma plataforma de acesso livre na internet, ampliando seu alcance e permitindo que mais pessoas tivessem acesso ao conteúdo.



**Imagens 30, 31, 32 e 33**

Telas do documentário Projeto Serra do Facão

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=C6jPrXkosOk>



**Imagem 34**

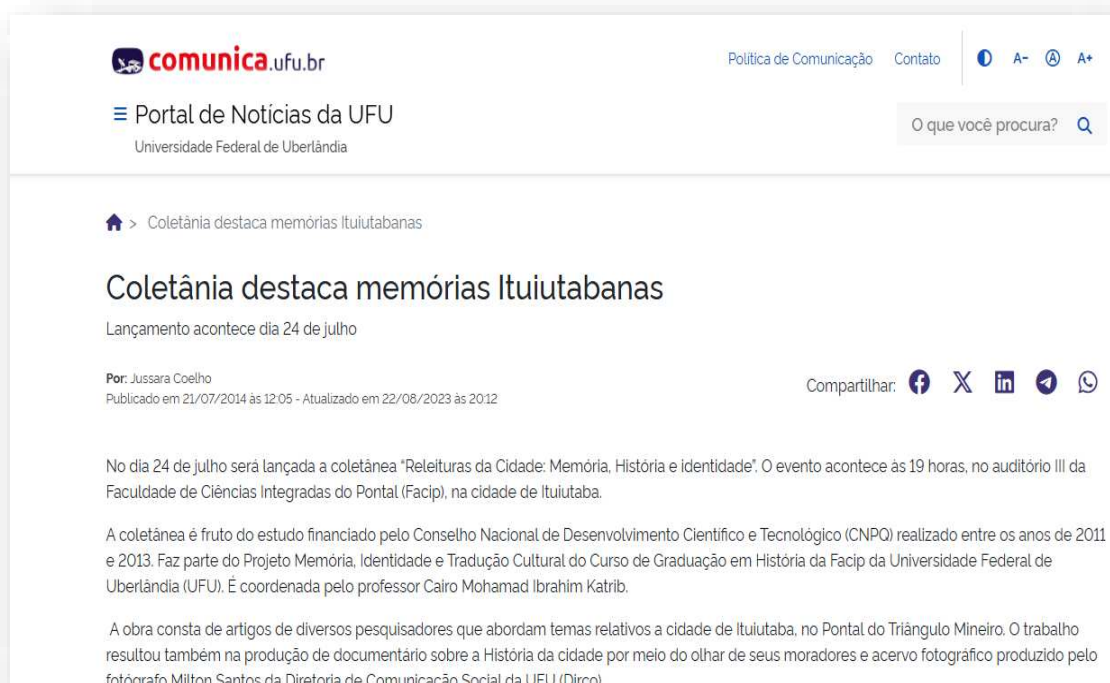
Site Edufu com destaque da obra Sertão de Dentro

Fonte: <https://edufu.ufu.br/catalogo/livros/sao-marcos-do-sertao-goiano-cidades-memoria-e-cultura>.



A pesquisa *Releituras da cidade* foi realizada entre 2012 e 2014, resultando na produção de um livro, um documentário e relatórios técnicos. O objetivo do estudo foi compreender o contexto histórico-cultural da cidade de Ituiutaba-MG a partir das imagens produzidas pela empresa Algar-Telecom em cartões telefônicos comemorativos do centenário da cidade. Buscamos refletir sobre a memória, a história e a identidade cultural do município por meio de uma abordagem patrimonial. Em outras, a pesquisa recontou a história de Ituiutaba pelas vozes dos seus moradores, contraponto essas falas às narrativas oficiais.

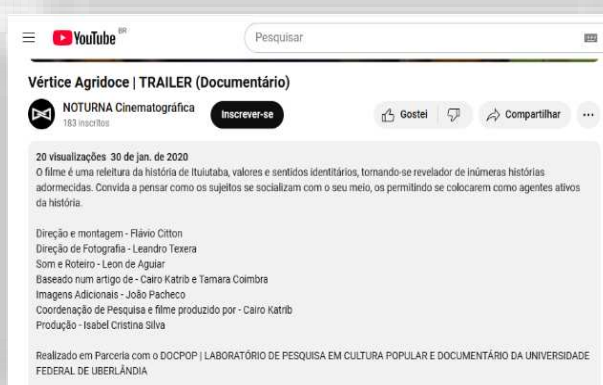
A preocupação central foi compreender como a cidade pode ser interpretada pelo olhar habitantes e como eles percebem a construção identitária da cidade. Além do texto escrito, produzimos um documentário sobre o tema. Nele, os personagens tidos como anônimos compartilham seus olhares sobre a cidade, abordando aspectos do mundo do trabalho e das relações sociais, políticas, culturais e religiosas. Na sequência, reportagem institucional sobre o lançamento do livro *Releituras da Cidade*.



**Imagem 35**

Portal Comunica

Fonte: <https://comunica.ufu.br/node/1361>



**Imagens 36, 37, 38, 39 e 40**

Documentário Vértice Agridoce

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Vj4DiPpH6YQ>.

**Mulheres de Fé** foi um projeto audacioso, pois associou extensão e pesquisa no campo das religiosidades afro-brasileiras em Uberlândia, enfrentando o desafio de mapear as casas religiosas da cidade. A tarefa não foi fácil, uma vez que não havia nenhuma fonte de dados disponível no contexto municipal, apenas uma listagem antiga que nos foi repassada sem endereços, contendo apenas os nomes dos dirigentes. Outro aspecto interessante foi o fluxo espacial dessas casas, que, em sua maioria, estavam situadas na residência dos dirigentes. Como muitos não possuíam imóvel próprio, os templos acompanhavam as mudanças de endereço dos responsáveis.

Diante dessa realidade, a equipe recorreu às redes sociais, criando um documento de acesso livre no qual as pessoas podiam informar, voluntariamente, os endereços, o nome da casa religiosa e o responsável. Com essa estratégia, conseguimos mapear mais de trezentas casas religiosas no primeiro ano do projeto, financiado com recursos federais repassados pelo Programa Nacional de Extensão (Proext/MEC).

Se a construção dessa rede de informações já representava um desafio, compreender as dimensões culturais e religiosas afro-brasileiras a partir da conexão entre a Umbanda, o Candomblé e as pertencas identitárias de cada sujeito envolvido, no contexto geográfico de Uberlândia, também nos levou a refletir sobre o lugar das manifestações afro-brasileiras nas políticas públicas nacionais e, em especial, no município.

As latências religiosas identificadas no mapeamento das casas nos permitiram compreender os sentidos e significados das práticas religiosas para as pessoas envolvidas. Por meio de diálogos, buscamos captar suas percepções sobre a relação com o sagrado, com a cidade e com o racismo religioso. Mais uma vez, as linguagens audiovisuais ancoraram a pesquisa. Além das ações de extensão realizadas com a população do axé nas dependências da UFU – incluindo um encontro para debater a religiosidade afro-brasileira –, tivemos a oportunidade, pela primeira vez na história da instituição, de reunir mais de quinhentas pessoas ligadas a essas práticas religiosas para o lançamento do documentário, da exposição fotográfica e da coletânea produzida, conforme reportagem institucional e imagens do acervo do projeto.



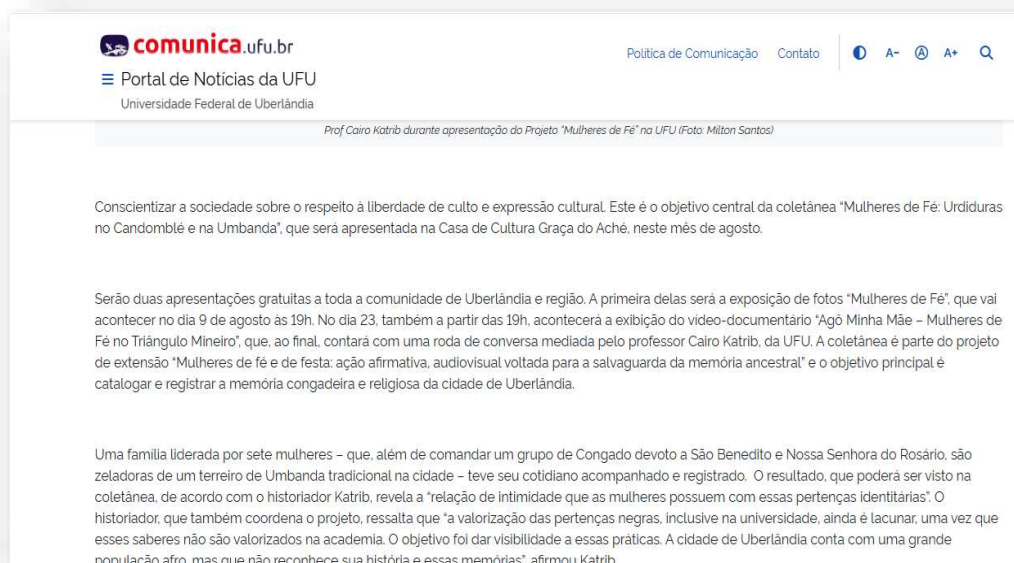
**Imagem 41**

Prof. Cairo Katrib, durante apresentação do Projeto “Mulheres de Fé” na UFU  
Fonte: Milton Santos



**Imagem 42**

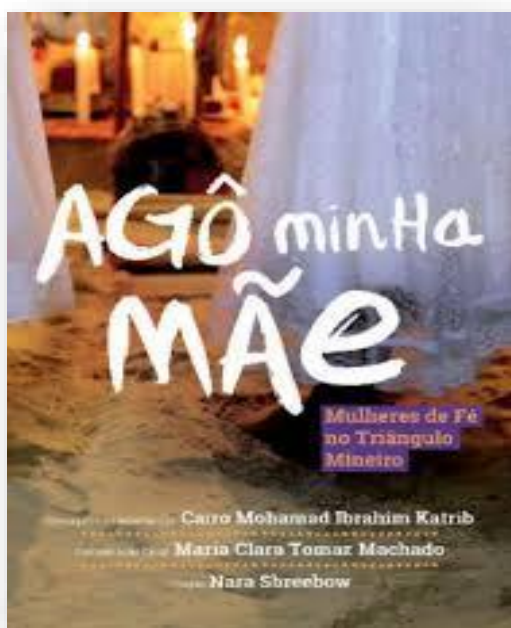
Reportagem Projeto Mulheres de Fé  
Fonte: <https://proexc.ufu.br/acontece/2018/04/projeto-de-extensao-mulheres-de-fe-promove-aceitacao-cultural-e-religiosa>



### Imagens 43 e 44

Reportagem Projeto Mulheres de Fé no Comunica UFU  
 Fonte: <https://comunica.ufu.br/noticias/2018/08/projeto-mulheres-de-fe-promove-e-valoriza-cultura-negra>





**Imagens 45 e 46**

Divulgação Projeto Mulheres de Fé

Fonte: [https://www.facebook.com/profile.php?id=100070140578359&locale=fy\\_NL#](https://www.facebook.com/profile.php?id=100070140578359&locale=fy_NL#)



**Imagens 47 e 48**

Divulgação Projeto Mulheres de Fé

Fonte: Acervo particular

**O Centro Colaborador de Apoio ao Monitoramento e à Gestão de Programas Educacionais (CECAMPE)**, na região Sudeste, foi uma proposta de extensão iniciada em 2018, com a elaboração do projeto encaminhado ao Ministério da Educação (MEC) por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). A UFU foi uma das cinco universidades públicas contempladas – e a única fora do eixo das capitais – aprovada para desenvolver ações de assistência técnica aos gestores educacionais no âmbito do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)..

O FNDE selecionou uma universidade por região, estabelecendo cada uma como centro colaborador de sua respectiva área geográfica. A partir dessa aprovação, passamos a desenvolver ações de formação e assistência técnica junto às escolas da região Sudeste, executando um conjunto de atividades voltadas para a implementação e o aprimoramento dos programas e iniciativas de apoio à manutenção e melhoria das escolas. O foco principal tem sido o PDDE, cujo objetivo é apoiar a gestão escolar e contribuir para o fortalecimento das políticas públicas voltadas à melhoria da educação básica no país.

Compreendendo que o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tem como finalidade prestar assistência financeira suplementar às escolas, visando à manutenção e ao aprimoramento da infraestrutura física e pedagógica, com impacto direto na elevação do desempenho escolar, nosso desafio foi – e continua sendo – fortalecer a participação social e a autogestão escolar, evidenciando o caráter colaborativo e democrático desse processo.

A atuação do CECAMPE está vinculada a ações específicas voltadas para a política pública de financiamento suplementar da educação, com ênfase no PDDE. Essas ações incluem a realização de um conjunto de atividades, dentre as quais se destacam:

1. Formação de gestores da educação básica.
2. Gestão do conhecimento.
3. Monitoramento e avaliação de políticas educacionais.
4. Métodos, técnicas e instrumentos aplicados à gestão de políticas públicas.
5. Controle social de políticas públicas.
6. Políticas de manutenção e melhoria das escolas (Guia..., 2020, p. 6).

O embrião do projeto começou a ser concebido em 2018 por um grupo de extensionistas que buscou apoio da Pró-reitoria de Extensão e Cultura para auxiliar nos trâmites legais da proposta. À época, o que foi solicitado inicialmente pelo MEC foi uma carta de intenções que evidenciasse a expertise da UFU na formação continuada de profissionais.

Os Cecampe foram habilitados conforme Resultado do Edital de Convocação de IFES/2018. O processo de habilitação das IFES foi conduzido pela Comissão Especial de Habilitação, instituída pela Portaria FNDE nº 230, de 29 de abril de 2019, nos termos do Edital de Convocação de IFES/2018, cujo extrato foi publicado no D.O.U de 03/10/2018, Seção 3, página 49. O resultado da seleção foi publicado no DOU em 03 de junho de 2019, Seção 3, página 55 (Guia..., 2020, p. 5).

A professora Sonia Santos, juntamente com um grupo de extensionistas e com a atuação direta do então pró-reitor de Extensão e Cultura (PROEXC), professor Helder Eterno da Silveira, adequou a documentação e aprimorou a proposta inicial no formato de carta de intenções, enviando-a ao MEC para apreciação. A resposta positiva só se concretizou no final de 2019.

Com a aposentadoria da professora Sonia Santos, assumi a coordenação institucional do projeto, enfrentando o desafio de elaborar um plano de trabalho com um conjunto de ações a serem desenvolvidas em parceria com o FNDE, agora com encaminhamentos mais objetivos sobre as atividades a serem realizadas.

A atuação da UFU abrangeria a região Sudeste e a proposta a ser apresentada ao FNDE deveria estar estruturada em três eixos: assistência técnica, por meio de formação continuada para gestores educacionais; monitoramento da política pública na qual o PDDE está inserido; e avaliação do processo de adesão, execução e prestação de contas do programa.

Alguns direcionamentos nos foram dados para atuação no campo da assistência técnica:

- a) realização de cursos de capacitação técnica *in loco*;
- b) realização de cursos à distância com ou sem tutoria;
- c) elaboração, produção e divulgação de materiais didáticos;
- d) realização de encontros presenciais;
- e) realização de encontros não presenciais, através de vídeo e web conferências (Guia..., 2020, p. 10).



No monitoramento e avaliação, as orientações incluíram:

- a) realização de levantamentos de dados, pesquisas, estudos e demais análises para monitoramento e avaliação, a fim de subsidiar a tomada de decisão para melhoria no desempenho dos programas e ações educacionais;
- b) desenvolvimento e aplicação de modelos, métodos, técnicas, instrumentos e tecnologias que contribuam para aperfeiçoamento da gestão dos programas/ações, contribuindo para elevar eficácia, eficiência, efetividade e sustentabilidade dessas políticas (Guia..., 2020, p. 11).

Foi então que tivemos a real dimensão do trabalho a ser executado e percebemos que a carta de intenções havia sido apenas nosso cartão de visitas diante do que ainda precisaríamos construir. Compreendendo a magnitude da proposta e com o aval da PROEXC, iniciamos o processo de seleção da equipe. Embora o projeto tivesse um caráter pedagógico, tínhamos a convicção da necessidade de profissionais de diferentes áreas e conhecimentos acadêmicos para a efetivação da proposta.

A equipe foi montada considerando suas experiências em ações extensionistas, alinhadas às especificidades e dimensões do projeto e às entregas estabelecidas. Assim, constituímos um grupo interdisciplinar, composto por docentes da educação superior da UFU e de outras instituições da região Sudeste, técnicos da UFU com conhecimentos voltados para as ações do projeto, profissionais da educação básica municipal e estadual, além de estudantes de graduação e pós-graduação.

De maneira colaborativa, começamos a dialogar com a equipe do FNDE, que nos orientou e capacitou para a execução do trabalho que nos foi designado. Apresentamos um conjunto de quase cinquenta ações de assistência técnica, monitoramento e avaliação do PDDE, a serem implementadas no prazo de dois anos (2020-2022).

Construímos um conjunto de ações validadas pelo FNDE, alinhadas às experiências e expertises da equipe em outras atividades de extensão e pesquisa. Com base nisso, planejamos nossa inserção na região Sudeste do país, mas fomos surpreendidos pela pandemia de Covid-19, o que nos levou a redimensionar todo o planejamento para essa nova realidade.

O primeiro ciclo de atividades correspondeu ao período de 2020 a 2022. Iniciamos os trabalhos em meio à pandemia, realizando diversas reuniões virtuais

para compreender melhor a política do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e elaborar o plano de trabalho. Em seguida, passamos à execução das ações virtuais de formação de gestores e, com o fim do lockdown, avançamos para a realização das ações formativas presenciais nos municípios da região Sudeste.

No Ano I do projeto (2022-2022), nossa atuação consistiu na execução de um conjunto de atividades integrando pesquisa, ensino e extensão. Além das formações presenciais, criamos um curso de formação na modalidade a distância, denominado “Trilhas no PDDE”, voltado para a capacitação de gestores escolares, no ano de 2021. Também estruturamos um grupo de estudos, que culminou na proposição de uma das atividades a serem desenvolvidas pela equipe do CECAMPE-Sudeste, funcionando como um eixo articulador entre pesquisa e extensão, com o objetivo de aprofundar o debate e o conhecimento sobre a política do PDDE.



**Imagem 49**

Sensibilização Cecampe Sudeste em Araguari-MG  
Fonte: <https://proexc.ufu.br/cecampesudeste>



**Imagem 50**

Sensibilização Cecampe Sudeste em Araguari-MG

Fonte: <https://proexc.ufu.br/cecampesudeste>

No Ano II, iniciado em setembro de 2023, apresentamos ao FNDE uma nova proposta, agora voltada exclusivamente para a assistência técnica aos gestores. Nossa experiência no primeiro ano nos permitiu avançar com propostas mais elaboradas e alinhadas a novas conexões, visando proporcionar aos gestores um entendimento coeso sobre as possibilidades de interlocução do Programa Dinheiro Direto na Escola com a construção e reconstrução da proposta pedagógica da escola, bem como com a melhoria da educação ofertada. A abordagem adotada buscou uma perspectiva pluriétnica e mais equânime, alinhada às políticas públicas educacionais, com ênfase nas ações afirmativas e na equidade, além de promover um entendimento mais aprofundado das demandas do PDDE.



**Imagens 51 e 52**

Abertura Cecampe Sudeste UFU 2ª edição  
Fonte: <https://proexc.ufu.br/cecampesudeste>

É importante registrar que no Ano I, o projeto esteve institucionalmente alocado na Faculdade de Educação, em razão da minha lotação nessa unidade. No entanto, toda a administração do projeto foi conduzida de forma coletiva, pelo mesmo grupo responsável pela elaboração da proposta validada pelo FNDE. Com a ampliação das atividades do projeto – grande parte delas inseridas dentro dos princípios extensionistas –, propusemos à vinculação do CECAMPE às linhas de extensão da UFU. Assim, o CECAMPE foi reconhecido como um programa institucional, e todas as suas ações passaram a ser registradas e certificadas pelo SIEX/PROEXC/UFU.

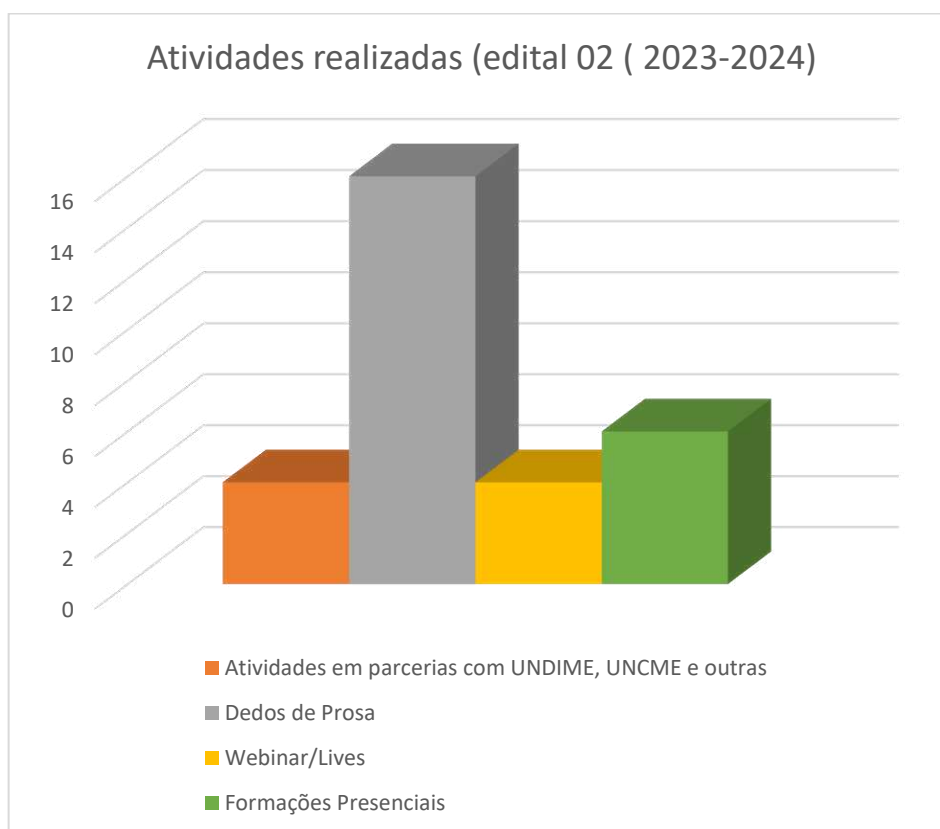
O trabalho do CECAMPE vai além da formação continuada de maneira isolada. Buscamos estruturar esse processo de forma integrada, articulando diferentes momentos – sejam eles formativos, informativos ou voltados à compreensão técnica da política pública. Para isso, utilizamos diferentes ferramentas, estabelecemos parcerias com entidades educacionais e diversificamos as formas de acesso, conforme pode ser observado nos gráficos abaixo:

**Gráfico 4**



Atividades realizadas no Cecampe (2020-2022)  
Fonte: Elaborado pelo autor (2025)



**Gráfico 5**

Atividades realizadas no Cecampe (2023-2024)

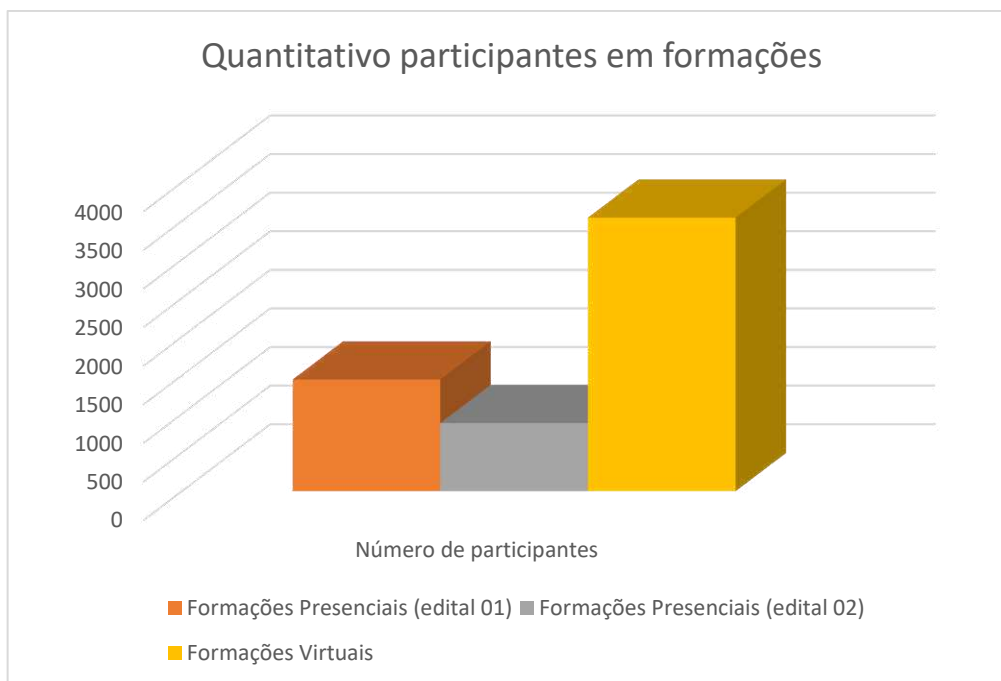
Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

**Tabela 1**

Quantitativo das formações realizadas

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Edital 01	
Ebook / Publicações	12
Atividades em parcerias com UNDIME, UNCME e outras	4
Dedos de Prosa	12
Webinar/Lives	14
Sensibilizações	27
Formações Presenciais	11 (1446 participantes)
Formações Virtuais	8 (3.543 participantes)
Edital 02	
Atividades em parcerias com UNDIME, UNCME e outras	4
Dedos de Prosa	16
Webinar/Lives	4
Formações Presenciais	6 (882 participantes)

**Gráfico 6**

Quantitativo das formações realizadas  
 Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O trabalho do CECAMPE é abrangente e atende uma extensa área geográfica, cobrindo 1.668 municípios distribuídos pelos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, além de mais de 40 mil estabelecimentos públicos de ensino.

Um dos aspectos mais marcantes do trabalho realizado no CECAMPE foi o reencontro com o PDDE. Em 1995, quando a política começou a ser implementada nas escolas públicas brasileiras, fui responsável, no colégio em que trabalhava, por realizar o diagnóstico inicial de implantação do programa. Acompanhei a execução dos recursos até os anos 2000, período em que ocupei a função de tesoureiro da Caixa Escolar, órgão interno responsável pela execução da política.

Ao assumir a coordenação institucional do CECAMPE, todo esse passado veio à tona, evidenciando que os caminhos trilhados nunca são lineares. Em vez disso, um grande espiral se forma, levando-nos a reencontrar nossas próprias histórias e a ressignificar constantemente os conhecimentos adquiridos.

Vale destacar que a memória, enquanto relembramento, é um ato solitário, individual. No entanto, a lembrança do vivido é mediada por histórias, experiências e acontecimentos que envolvem outras pessoas. Por isso, ao recordar essa época, vêm à minha mente as pessoas que fizeram parte desse processo, que me acolheram na escola, acreditaram no meu potencial e contribuíram para minha formação profissional e humana.

Participar da efetivação de uma política educacional com trinta anos de existência, como é o caso do PDDE, não significa referendar um modelo de gestão neoliberal, nem reforçar ideologias institucionais previamente estabelecidas. Pelo contrário, trata-se de contribuir para que o programa seja executado de forma sensível às realidades locais, regionais, culturais, étnicas e raciais.

O papel do CECAMPE é olhar para dentro da política pública de financiamento suplementar da educação e provocar mudanças para atender às especificidades educacionais de cada escola em seu contexto geográfico. O objetivo é garantir que todas as instituições tenham acesso aos recursos financeiros, exercitem a gestão colaborativa e promovam o princípio da equidade e da educação de qualidade. As políticas já estão instituídas, e os CECAMPES vêm desempenhando um papel fundamental na ressignificação dessas políticas.

### **3.5 Outros caminhos**

Nesse espiral que nos insere no contexto acadêmico, elegemos trilhas e compartilhamos caminhos. Dessa forma, lançamo-nos em novas trajetórias e percorremos estradas colaborativas, especialmente aquelas que nos desafiam e nos instigam a produzir conhecimentos significativos para nosso processo de feitura.

Esses olhares entrelaçados foram fundamentais para compreender meu lugar como extensionista-pesquisador, alguém que lida diretamente com o cerne dos grupos sociais. Para isso, o conhecimento dinâmico do social, acessado por meio da pesquisa, incita o exercício do confronto entre teoria e realidade, sem deixar de considerar as subjetividades desse processo.

Assim, destaco aqui outras pesquisas das quais participei, seja como responsável ou colaborador, ao longo da minha trajetória na UFU.



**Tabela 2**  
Outras ações de pesquisa  
Fonte: Currículo Lattes do autor (2025)

Ano	Pesquisa	Resumo	Participação
2022- Atual	<b>O lugar da educação para as relações étnico - raciais nos cursos de pedagogia das universidades federais de minas gerais:</b> o que dizem os documentos, as/os docentes formadoras/es e as/os egressas/os	Tem como objetivo geral identificar e analisar, por meio dos documentos (PPC e fichas de disciplinas), das vozes das(os) docentes e egressas(os) dos Cursos de Pedagogia, das Universidades Federais no estado de Minas Gerais, a fim de compreender qual o lugar das relações étnico-raciais na sua formação/atuação. bem como refletir sobre os saberes e as práticas das/os egressas/os, ao trabalhar com conteúdos relacionados à temática das relações étnico-raciais.	colaborador
2022- Atual	<b>Educação, Tecnologia e Comunicação:</b> articulações entre saberes e estudo do impacto das estratégias pedagógicas e midiáticas utilizadas pela UFU durante o período de aulas remotas	A pesquisa focaliza as dimensões educativa, tecnológica e comunicacional, no escopo específico das experiências de ensino remoto, realizadas durante o período de suspensão das atividades acadêmicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em cursos de graduação de diferentes áreas (humanas, exatas e biológicas), a fim de analisar as metodologias utilizadas e seu papel na efetivação da aprendizagem dos estudantes, durante a Pandemia.	colaborador
	<b>LABHIS_Experimental:</b> Ensino de História a partir de metodologias investigativas e pluriépistêmicas	Se propõe realizar pesquisas sobre o ensino e as aprendizagens históricas, a partir de metodologias investigativas e pluriépistêmicas. Especificamente, nos interessa tratar a história do Brasil, atentas às narrativas produzidas por povos indígenas, quilombolas, sujeitos de outras comunidades tradicionais e coletivos educadores informais ou não-formais. As leis 10639/2003 e 11645/2008 e as diretrizes para educação indígena, quilombola e do campo, foram conquistas importantes, mas ainda nos preocupa uma leitura conteudista, etapista e eurocentrada, mesmo ao	colaborador

		tratar temas da história africana, afro-brasileira e indígena. Grande parte dessas demandas envolvem a formação de professores, a produção de materiais didáticos e de produtos de divulgação histórica que possibilitem reconhecer narrativas contra-hegemônicas. A pesquisa acontece concomitantemente no Distrito Federal, Jataí-GO e UberlândiaMG.	
2017-2018	<b>Sentidos e significados da religiosidade afro-brasileira:</b> A Umbanda e os umbandistas em Uberlândia-MG (2000 a 2017)	A pesquisa foi parte das ações e estudos realizadas junto ao Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Estadual de Maringá-UEM e Laboratório de Religiões e Religiosidades, durante o processo de Pós-doutoramento e procurou entender as religiosidades afro-brasileiras em Uberlândia-MG, à luz da História das Religião e religiosidades objetivando, justamente, a compreensão de como essas práticas podem ser relidas pela ótica dos modos e formas de apropriação, das suas múltiplas representações e de seus processos de recriação.	pesquisador
2012-2014	<b>Incorporação de diferentes fontes e linguagens no ensino de história:</b> um estudo com professores de história e jovens estudantes do ensino fundamental	Este projeto de pesquisa procurou respostas para os seguintes questionamentos: Quais as fontes e linguagens mais interessam os pensam os jovens estudantes do ensino fundamental sobre o ensino de História? Como se efetiva jovens no processo do aprendizado em História? Quais as fontes e linguagens mais utilizadas pelos professores? A partir deste diagnóstico e do permanente diálogo com os professores, buscamos pensar em diferentes práticas e as diversas fontes e linguagens significativas para o processo de ensinar e aprender História. Outro aspecto, foi a de analisar os impactos dos usos de diferentes fontes e das diferentes linguagens da cultura contemporânea (filmes, canções, quadrinhos, obras de ficção, poesias, internet, documentos, história oral, dentre outras) no	colaborador

		processo de ensino e aprendizagem em História, particularmente, na formação cidadã de jovens estudantes que cursam os anos finais do ensino fundamental. Diagnosticar como os professores ensinam e como os jovens estudantes dos anos finais do ensino fundamental aprendem História no cotidiano da sala de aula.	
2010-2011	<b>Entre Fazeres, Saberes e Memórias:</b> Levantamento e mapeamento dos bens culturais materiais e imateriais do município de Ituiutaba-MG	Projeto de iniciação científica voltado para o levantamento e mapeamento dos bens culturais materiais e imateriais do município de Ituiutaba no pontal do Triângulo Mineiro-MG.	coordenador
2010-2011	<b>Religiosidade, Cultura Popular e Sociabilidades no universo rural das comunidades afetadas pela UHE Serra do Facão:</b> As festas aos santos padroeiros locais como veículo de sociabilidade das comunidades rurais.	Projeto de iniciação científica sobre as festas na região da Barragem Serra do Facão nos municípios de Catalão, Campo Alegre, Davinópolis e Cristalina em Goiás e Paracatu em MG.	coordenador

Percorrer esses caminhos, como já mencionei neste Memorial, permite-me exercitar a indissociabilidade entre pesquisa e extensão, pois ambas sempre estiveram presentes em minha trajetória profissional. Sempre se manifestaram como processos instigantes e criativos para refletir sobre a realidade vivenciada, justamente porque um fio condutor sempre leva a outro: uma pesquisa ou um projeto de extensão revelam inúmeras possibilidades de diálogo.

O leque de reflexões é plural, conduzindo-nos por veredas e fendas que nos desafiam a compreender como os percursos se formam, como podemos trilhá-los e como lidamos com os diversos percalços, a partir de alternativas e caminhos viáveis para transformar uma dada realidade.

## 4 - O CELEIRO, A BIGORNA E A FORJA: OCUPANDO OUTROS ESPAÇOS NO FAZER ACADÊMICO

### O celeiro do mundo<sup>5</sup>

Quando Deus criou a Terra, serviu-se de um punhado de argila que amassou muito bem antes de a lançar para o espaço, onde se espalhou de norte a sul e de leste a oeste. Deus utilizou a mesma técnica para criar as estrelas, servindo-se desta vez, de bolinhas menores, que começaram a cintilar quando as projetou em todas as direções. Depois, aperfeiçoou a sua arte para formar o Sol e a Lua, enormes bolas de argila envolvidas numa espiral de cobre vermelho ou branco incandescente. Terra era deserta e árida: Deus enviou-lhe a chuva para a tornar fértil. Em seguida, uniu-se ao novo planeta para gerar os seres vivos que o povoariam. O primeiro filho foi um chacal feroz e os seguintes foram gêmeos meio homem, meio serpentes. Decepcionado, Deus retomou a técnica da olaria e moldou quatro homens e quatro mulheres de argila, os quais foram enviados para a Terra. A missão dos oito primeiros seres humanos era simples: criar uma descendência numerosa e ensinar técnicas aos homens. A vida terrestre destes antepassados devia ter sido eterna, mas, passado algum tempo, Deus chamou-os para junto dele. Regressaram, pois, ao Céu, onde Deus os proibiu de se encontrarem, pois receava vê-los a discutir. A fim de poder matar a fome, deu a cada um deles sementes de oito plantas comestíveis, como o milho, o arroz e o feijão; a última planta, a digitária, era tão pequena e tão pouco prática de preparar que o primeiro dos oito antepassados jurou nunca comer. Ora, acontece que todas as sementes se esgotaram, exceto uma: a minúscula digitária. O primeiro antepassado decidiu-se, então, a consumir esta última semente. Tendo rompido o juramento, tornou-se indigno de permanecer no Céu. Preparou, pois, o regresso à Terra. O primeiro antepassado recordou-se então do estado miserável em que viviam os homens que abandonara à superfície da Terra: como formigas, habitavam galerias escavadas no chão; não possuíam nenhum utensílio, só conheciam o fogo e, além disso, teriam tido muita dificuldade em trabalhar, pois seus membros, como os dos antepassados, eram desprovidos de articulações e moles como serpentes. Antes de

---

<sup>5</sup> Mito africano de origem Dogon citado por Ragache em **A criação do mundo**: mitos e lendas (1997). Disponível em: <http://www.emack.com.br/sao/webquest/sp/2--4/africa/processo.htm>.

abandonar o Céu, reuniu, portanto, tudo o que considerou útil para os homens. Em primeiro lugar, um macho e uma fêmea de espécies desconhecidas na Terra: galinhas, galos, carneiros, cabras, gatos, cães e até mesmo ratos e ratazanas; entre os animais selvagens, escolheu os antílopes, as hienas, os gatos bravos, os macacos, os elefantes; pensou também nas aves, nos insetos e nos peixes. Ocupou-se igualmente do mundo vegetal, começando pelo baobá, e, naturalmente, não se esqueceu das oito sementes comestíveis que tão bem conhecia. Por fim, pretendia levar aos homens um fole, um martelo de madeira e uma bigorna, para os ensinar a fabricar instrumentos. Tudo isso era pesado e volumoso, mas ele teve uma ideia. Com "terra de céu", construiu uma pirâmide truncada, cuja base era circular e o topo quadrado. No interior, ordenou oito compartimentos, nos quais guardou as sementes comestíveis. Nas paredes do edifício, escavou quatro escadas, nas quais dispôs os animais e as plantas. Em seguida, espetou no cimo da pirâmide uma flecha, à volta da qual enrolou um fio. Prendeu a outra extremidade do fio a uma segunda flecha, que enviou para a abóboda celeste. Faltava-lhe fazer o mais perigoso: subtrair aos ferreiros do céu um pedaço de sol, a fim de levar o fogo aos homens. Introduziu-se na oficina dos ferreiros e, utilizando uma haste encurvada, apoderou-se de algumas brasas e de um fragmento de ferro incandescente, que ocultou no fole. Por fim, lançou seu curioso edifício para o vazio, ao longo de um arco-íris: enquanto o fio se desenrolava como uma serpentina, o antepassado mantinha-se de pé, pronto para se defender dos perigos do espaço. O ataque veio do céu. Furiosos, os dois ferreiros atiraram archotes acesos sobre o ladrão de fogo, obrigando-o a proteger-se com a pele de carneiro que envolvia o fole. Contudo, o edifício descia cada vez mais depressa, deixando no seu rastro um feixe de estrelas... A aterragem foi violenta: o antepassado perdeu o equilíbrio, a bigorna e o martelo quebraram-lhe os membros frágeis, criando as articulações de que tanto carecia. Observou-se imediatamente a mesma transformação no corpo de todos os homens. O antepassado delimitou então, o primeiro campo, construiu a primeira aldeia e a primeira forja. Em seguida, ensinou os homens a cavar com uma enxada. Os outros sete antepassados juntaram-se lhe, possuindo cada um deles o segredo de várias técnicas, como o fabrico de sapatos ou de instrumentos musicais.

#### **4.1 O labor universitário para além do ensino, da extensão e da pesquisa**

O fazer acadêmico não se restringe ao espaço da sala de aula, da pesquisa ou das ações extensionistas. Muitas vezes, ele se expande para a gestão, por meio da ocupação de cargos administrativos ao longo da carreira na educação superior. Assumir esses espaços implica um exercício contínuo de trocas, diálogo, tomada de decisões, posicionamento, escolhas e desenvolvimento de potencialidades que, por vezes, permanecem adormecidas.

Estar ali, exercendo concomitantemente a docência e funções administrativas, requer engajamento e desprendimento, uma vez que a universidade, diante das conjunturas políticas, econômicas e estruturais neoliberais, teve que assumir novas demandas no campo de sua própria administração e, por isso, recorre ao corpo docente para ocupar cargos de gestão.

Durante alguns momentos da minha trajetória profissional, tive a oportunidade de exercer funções administrativas que se somaram à minha prática docente. Na UFU, pude atuar como assessor em dois momentos distintos e em locais diferentes, ambos na gestão superior. O primeiro foi a assessoria no Campus de Ituiutaba, entre 2009 e 2012, onde atuei como coordenador de área das Ciências Humanas; o segundo momento ocorreu entre 2013 e 2017, na assessoria Diretoria de Comunicação (DIRCO).

Em Ituiutaba, o cargo de **coordenador de área** foi uma escolha dos pares, por meio de eleição. Fui escolhido por dois mandatos para coordenar a área de Ciências Humanas, atuando no acompanhamento das atividades docentes em pesquisa, organização de eventos, produção acadêmica e estudos de viabilidade para a criação ou separação de unidades acadêmicas. A função era mais administrativa do que pedagógica, pois nosso papel era assessorar a direção na tomada de decisões administrativas e burocráticas relacionadas aos cursos, atendendo às demandas da universidade.

Ocupar esse cargo me permitiu compreender a lógica organizacional da instituição, especialmente no que se refere aos trâmites documentais e ao papel de cada Pró-reitoria na tomada de decisões. O trabalho nessa coordenação foi desenvolvido de forma colaborativa, contando com um docente da área de Humanas e outro da área de Exatas, ambos responsáveis por refletir, discutir e dialogar com o coletivo sobre as demandas que surgiam.



Foi um cargo criado justamente no período de transição das atividades do *campus* Pontal para sua sede própria, no bairro Tupã, em Ituiutaba. Esse momento foi marcado por intensas disputas por espaço físico, e a Coordenação de Área teve o desafio de conduzir esse processo, construindo, em conjunto com a comunidade docente, a organização dos espaços e assessorando os processos de efetivação dos blocos de pesquisa colaborativos.

Em 2013, fui convidado pela professora Maria Clara Tomaz Machado, então diretora da DIRCO, a ocupar o cargo de **coordenador de conteúdos**. Foram quatro anos de muitos desafios: primeiro, por ser uma área nova dentro do meu campo de atuação e formação; segundo, pelo fato de lidar diretamente com administração de riscos na comunicação institucional da universidade; e, terceiro e mais complexo, pela necessidade de estabelecer uma relação de confiabilidade institucional para a Comunicação dentro da instituição.

Tivemos que reestruturar a diretoria, equipá-la com infraestrutura e recursos humanos, além de implementar formatos comunicacionais que atingissem tanto a comunidade acadêmica/universitária quanto à comunidade externa. Nessa gestão foram criados/implementados:

- a) o jornal da UFU edição impressa e virtual;
- b) o Portal Comunica, um site informativo sobre notícias da universidade e das atividades relevantes nas áreas de ensino, extensão e pesquisa;
- c) o jornal de portarias on-line, no qual todas as decisões internas da UFU em relação ao seu corpo técnico-administrativo e mudanças estruturais eram publicadas;
- d) o plano de comunicação da instituição, apesar de não ter sido implementado na gestão;
- e) jornal *UFU no Plural* exibido pela TVU, da Fundação Rádio e TV Universitária de Uberlândia.

O Jornal da UFU, por exemplo, tinha tiragem impressa mensal, com distribuição para toda a UFU e para órgãos públicos de Uberlândia. Simultaneamente, era disponibilizado no Portal Comunica.

Os assuntos abordados não se restringiam ao que acontecia na UFU. Sempre havia um tema de destaque na matéria de capa, tratando de assuntos de interesse da comunidade em geral. Muitas escolas utilizavam o jornal em atividades temáticas em sala de aula. Ao percebermos o papel pedagógico que o jornal estava vinha desempenhando, criamos uma outra ação: as visitas guiadas ao espaço da DIRCO, que abrigava a comunicação institucional e os estúdios de rádio e televisão da Fundação Rádio e TV Universitária (RTU).

Os estudantes conheciam esse espaço, conversavam com jornalistas e radialistas sobre o funcionamento da TV e da rádio universitárias. Hoje, muitos daqueles que nos visitaram durante seu tempo de educação básica atuam na área, o que reafirma a importância dessa ação no processo formativo dos alunos.

Como coordenador de conteúdos, minha responsabilidade era definir, juntamente com a equipe de profissionais, as pautas a serem incluídas no Portal Comunica e no jornal mensal. Todos os envolvidos apresentavam suas propostas, que discutíamos coletivamente para decidir quais seriam publicadas na edição do mês e quais seriam destinadas ao portal. Dessa forma, tive a oportunidade de produzir diversas matérias para o Jornal da UFU.



**Tabela 03**  
 Produção em jornais e revistas  
 Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

<b>Produção em jornais e revistas</b>			
<b>Autor</b>	<b>Título do Texto</b>	<b>Local de Publicação</b>	<b>Ano</b>
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Diversidade e Universidade: uma relação possível?	Pensar a Educação - em pauta, Belo Horizonte	2016
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Maria das Dores Campos: professora, memorialista e narradora de muitas histórias...	Pensar a Educação, Belo Horizonte - UFMG	2016
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Enfim, 2016: o que esperar desse ano?	Jornal da UFU, Uberlândia	2016
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	AÇÕES AFIRMATIVAS NA UFU: um caminho	Jornal da UFU, Uberlândia	2016
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Uberlândia sedia uma das maiores festas populares do país	Jornal da UFU, Uberlândia	2013
<b>TOMAZ, S.; KATRIB, C. M. I.</b>	Dirco Prepara guia de pesquisadores	Jornal da UFU, Uberlândia	2013
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Ufu na cor da cultura	Jornal da UFU, Uberlândia	2013
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Religiosidade brasileira	IHU On-Line (UNISINOS), São Leopoldo	2012
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	A cidade da festa: múltiplos olhares	Diário de Catalão, Catalão - GO	2004
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Entre cacos e imagens: um espelho chamado Catalão	Diário de Catalão, Catalão - GO	2004
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Nas contas do Rosário: festa, vida e fé	Fundação Cultural Maria das Dores Campos	2002
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Catalão: Uma nova visão	Jornal da Fundação Cultural, Catalão - GO	2002
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Catalão é assim	Fundação Cultural Maria das Dores Campos, Catalão - GO	2002
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Catalão: Uma nova visão	Jornal da Fundação Cultural, Catalão - GO	2002
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Folia de Reis - representação e simbolismo	Fundação Cultural Maria das Dores Campos, Catalão - GO	2002
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Refazendo caminhos, revivendo memórias, (re)contando sua história	Jornal da Fundação Cultural, Catalão - GO	2001

O programa televisivo “UFU no Plural” era exibido semanalmente e dividido em dois blocos: um informativo e outro dedicado a entrevistas com pesquisadores, gestores e estudiosos de diferentes áreas, convidados para discutir um tema específico. Durante três anos, foi o carro-chefe da programação da TVU e teve como apresentadora a jornalista Frineia Chaves. Toda a concepção do programa foi elaborada pela DIRCO, em colaboração com a TVU.



**Imagem 55**  
Jornal UFU no Plural  
Fonte: <https://rtu.org.br/>

Experimentar esses espaços me levou a percorrer caminhos outros, em especial, no campo da comunicação. Fui desafiado e me desafiei a seguir adiante, aproveitando essas oportunidades, admirando o bordado feito, mas não esquecendo a importância de se atentar para seu avesso, pois é nele que reside a parte mais importante do nosso processo de transformação pessoal e profissional. Cada aprendizado, fruto dessas andanças, contribui para os percursos trilhados na produção de documentários, na escrita de textos e na trajetória em Comunicação, Educação e Tecnologias.

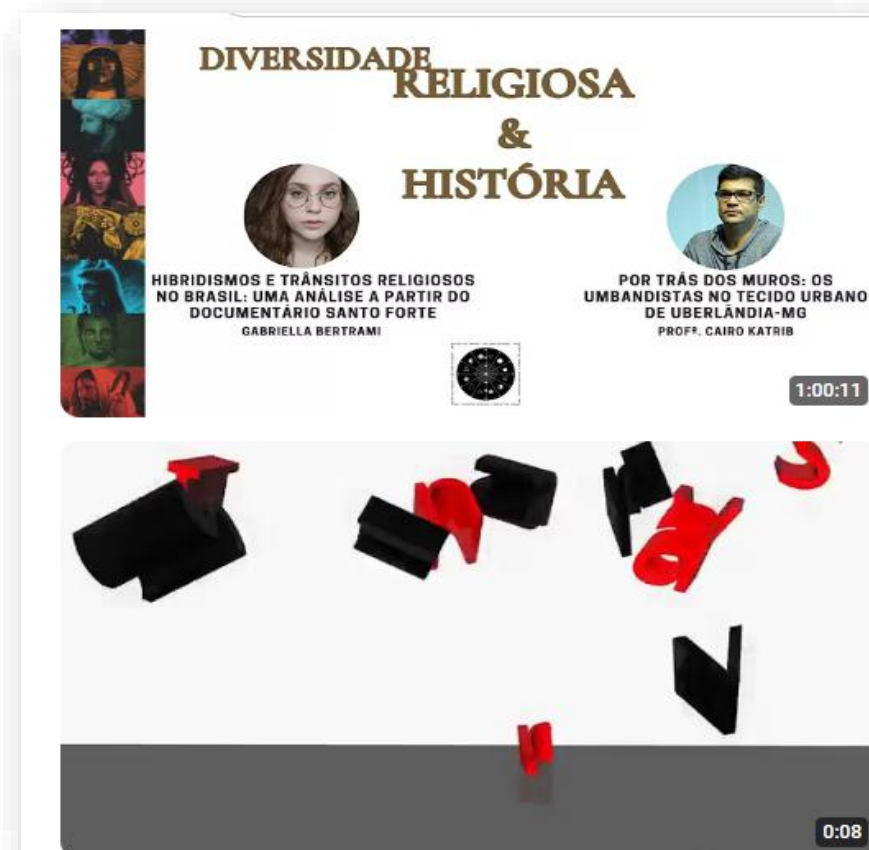
A seguir, alguns registros de entrevistas concedidas, de *podcasts* e documentários realizados: **entrevistas concedidas, podcasts e documentários.**



**Imagens 56 e 57**

Canal Fique por Dentro

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0lhCKCKzYTc>



**Imagens 58**

Diversidade Religiosa & História

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pyFVdFLqbVI>

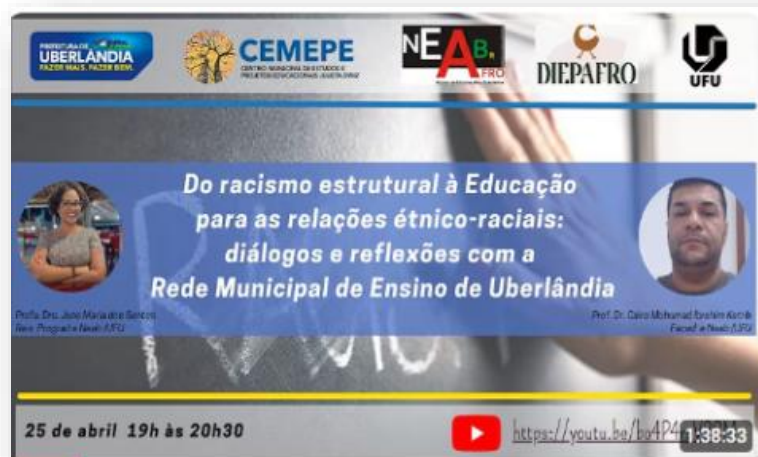




**Imagens 59 e 60**

Entrevista TVU

Fonte: <https://www.youtube.com/@tvu.uberlandia>



**Imagem 61**

Atividade CEMEPE Uberlândia-MG

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bo4P4rsV2CM>



**Imagem 62**

Matutando pela Ciência

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bV3ChEW0ySM>



**Imagem 63**

Matutando pela Ciência

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bV3ChEW0ySM&list=PLz->



**Imagem 64**

PodCast Alegria Agora, Agora e Amanhã

Fonte: [https://open.spotify.com/episode/0MLV8CvXgxfGn36Uq2nKu?\\_authfailed=1](https://open.spotify.com/episode/0MLV8CvXgxfGn36Uq2nKu?_authfailed=1)



**Imagem 65**

Divulgação do Curso Trilhas no PDDE

Fonte: <https://proexc.ufu.br/central-de-conteudos/videos/2022/03/chamada-integracao-noticias-inicio-do-curso-trilhas-do-pdde>



**Imagem 66**

Apresentação do Curso Trilhas no PDDE  
 Fonte: [www.youtube.com/cecampesudeste](http://www.youtube.com/cecampesudeste)



**Imagem 67**

Atividade apresentada no III Colóquio Internacional  
 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=7eOPAX0abOY>

## 4.2 Molduras do exercício uma escrita inacabada

Afirmo que a Escrivivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrivivência, é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e Iemanjá. [...]. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além do nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza do que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (Evaristo, 2020, p. 38)

A escrita está sempre em processo de lapidação. Nós a forjamos na tentativa de lhe dar contornos que facilitem nossa comunicação com o leitor, proporcionando, para além do entendimento, a criticidade necessária a mudança de olhares acerca de uma dada realidade.

Portanto, a escrita é um ato coletivo, que permite a sinfonia de palavras, verbos e conjunções. Ela não se constrói sozinha, pois é fruto das intencionalidades e tonalidades que damos à palavra falada e à palavra escrita. Molda-se pelas expressões daquilo que nossos olhares são capazes de capturar, formando a organicidade da lapidação das palavras no texto escrito.

A narrativa escrita não se concatena linearmente apenas pelo entendimento acerca de uma teoria ou do conhecimento aplicado a uma realidade. Ela representa e referenda valores, pontos de vistas e impressões colhidas no ato da pesquisa e da escrita, marcadas por uma miríade de significados fincados nas representações que



construímos a partir do nosso contato com aquilo que pesquisamos e registramos, sempre em consonância com quem somos e no que acreditamos.

Para Barbato (2004, p. 104), os limites espaciais e temporais que organizam a memória e a própria forma de rememorar são determinados por fatores pessoais e socioculturais. O que será lembrado é determinado pelo jogo estabelecido entre sentimentos, emoções e o ato de lembrar, influenciado pela forma como nós, enquanto sujeitos, percebemos e absorvemos um acontecimento, seja no plano pessoal ou coletivo. Assim, podemos afirmar que o formato que imprimimos ao texto por meio das palavras é uma ação viva.

Minhas construções textuais foram e continuam sendo colaborativas, seja pelas parcerias, seja pelas conexões estabelecidas com os outros sujeitos que me fornecem subsídios para o exercício da escrita viva.

Dessa forma, essas construções expressam as vozes dos muitos sujeitos pesquisados, vozes materializadas em narrativas que me permitem enveredar pelos meandros de determinadas temáticas, sem a preocupação exclusiva de atender simplesmente ao crivo teórico, posto que mais importante que isso é compreender como os sujeitos pesquisados se veem e se inserem no contexto pesquisado, bem como perceber de que maneira atuam nesses ambientes, transformando-os ou provocando mudanças. Por outro lado, a escrita é fundamental porque exprime nossas escolhas e o nosso olhar caleidoscópico sobre aquilo que nos propomos reler.

O ato de escrever pode ser solitário, mas a dinâmica com que as palavras tomam corpo e externalizam aquilo que se deseja exprimir revela a presença de outros sujeitos que, junto com o autor, participam da tessitura da escrita. O texto pode refletir a autonomia do autor, que define os protagonistas das narrativas, mas o essencial está nas entrelinhas. São elas que nos levam a refletir sobre o que, de fato, essa escrita, em constante construção e carregada de intencionalidades, nos revela como um momento vivo, mutável... Assim, nos instigam a questionar se, de fato, aquela escrita transmite credibilidade.

Esse é o meu olhar sobre a escrita, muito guiado pela forma como, desde o início do meu processo formativo, conduzo minhas narrativas. Sempre escrevo guiado por histórias contadas, e meu ato de escrever tem o compromisso de evidenciar o protagonismo dos sujeitos que comigo escrevem.

Quando convido os diversos personagens a estarem comigo, quero incitá-los ao diálogo, às tensões e ao exercício de outros olhares sobre as tramas reveladas ou

silenciadas no ato de contar e recontar suas histórias. Assim, nesse jogo de representações, os grupos sociais se fazem presentes em si mesmos, uns com os outros e comigo, pois é por meio da escrita que nos conectamos.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, recontei muitas histórias: relatos de congadeiros, festas religiosas, trajetórias de sujeitos negros silenciados, narrativas que evidenciam o divino e o Sagrado. E essas vozes não oferecem tão somente elementos para serem teorizados, mas expressam vivências e experiências que nem sempre apresentadas exclusivamente pela oralidade. Suas palavras, frequentemente envoltas em lágrimas, carregam sentimentos e ressentimentos que lhes permitem transpor o tempo presente, materializando o passado no agora, como um feixe de luz que indica a saída.

A voz desses sujeitos é o veículo da conexão com seus antepassados, pois nela reside a fala do outro. Quando exercitamos esse diálogo e os discursos fluem, neles se encontram as vozes de quem fala e de quem não pode falar. Tudo vêm no gargalo, fazendo da narrativa uma prática comunicacional capaz de manter vivas todas as simbologias imbrincadas na palavra.

Ao exercer a interlocução e materializar as vozes desses sujeitos em palavras escritas, percebo ser capaz de contribuir para o registro e a preservação de histórias que, de outra forma, se perderiam no tempo e no espaço, permanecendo apenas nas memórias de quem as vivenciou. Corroboro, assim, com Magalhães e Litwinczik (2000, p. 13) quando afirmam:

Fazer-se lembrar, ter sua imagem preservada para a eternidade, é uma dimensão da experiência humana em diferentes historicidades. Mas o que se silencia, o que se relega ao esquecimento, o que se escolhe para guardar ou registrar, como, com quem e para quem se produzem e se preservam as diferentes memórias sociais é um processo mediatizado por relações de poder; sejam estas formalizadas, institucionalmente ou não.

Diante disso, destaco que a forma de escrever sobre as temáticas eleitas por mim no meu fazer universitário permite-me cumprir o compromisso social firmado de tornar meus interlocutores protagonistas de suas próprias histórias.

Tendo como referência as latências desses fazeres e o contato com os muitos saberes e práticas que encontrei na minha caminhada profissional, reconheço que minhas produções são construídas pela interação com diferentes sujeitos. São eles



que me fazem pesquisador, que me transformam e me instigam, a cada dia, a ver além daquilo que meus olhos insistem em me fazer enxergar.

Dito isso, elenco a seguir um pouco de minha produção acadêmica escrita:

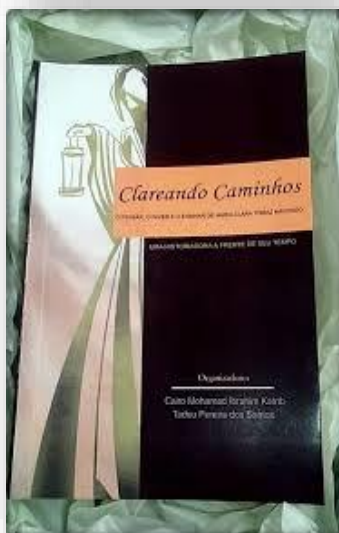
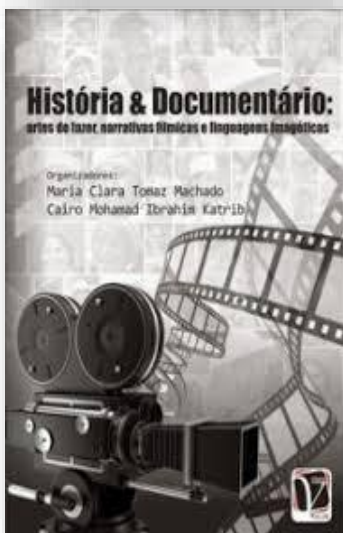


Imagem 68, 69, 70, 71, 72 e 73

Obras publicadas

Fonte: Acervo pessoal

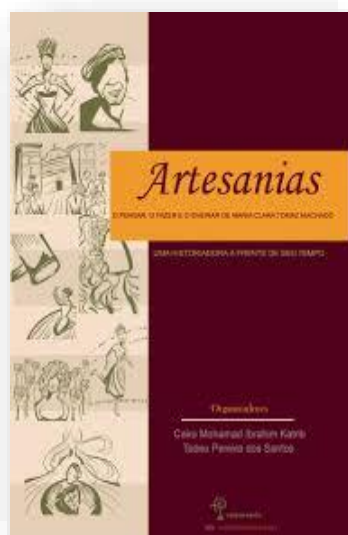


Imagem 74, 75, 76, 77 e 78  
Obras publicadas  
Fonte: Acervo pessoal

**Tabela 4**  
 Produção acadêmica do autor  
 Fonte: Currículo Lattes do autor (2025).

<b>Produção acadêmica do autor</b>				
<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Cidade</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano</b>
<b>OLIVEIRA, C. C.; SANTOS, Y. M.; KATRIB, C. M. I.</b>	Vivências, experiências e diálogos com a educação antirracista	Juiz de Fora	Siano	2024
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS</b>	Diálogos com as Unidades Executoras	Uberlândia	Culturatrix	2022
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS</b>	Diálogos com a Execução do PDDE	Uberlândia	Culturatrix	2022
<b>SANTOS, A. P. S.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS; KATRIB, C. M. I.</b>	Diálogos com pós execução do PDDE	Uberlândia	Editora Culturatrix	2022
<b>GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS; KATRIB, C. M. I.</b>	Diálogos sobre Orientações	Uberlândia	Editora Culturatrix	2022
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS</b>	Diálogos com a Diversidade PDDE	Uberlândia	Editora Culturatrix	2022
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS</b>	Diálogos sobre as ações integradas	Uberlândia	Editora Culturatrix	2022
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS</b>	Diálogos sobre a dialogicidade com o PDDE	Uberlândia	Editora Culturatrix	2022
<b>KATRIB, C. M. I.; SANTOS, Tadeu P.; OLIVEIRA, R. N.</b>	A pedagogia do sagrado: a reinvenção da religiosidade afro-brasileira na Umbanda	Uberlândia	Cultura Trix	2020
<b>KATRIB, C. M. I.; SANTOS, Tadeu P.</b>	Diversidade Étnico-Cultural e Ensino de História: resignificando saberes e sujeitos	Curitiba	CRV	2019
<b>KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T.; PUGA, V. L.</b>	Mulheres de fé: Urdidura no Candomblé e na Umbanda	Uberlândia	Composer	2018
<b>KATRIB, C. M. I.; SANTOS, Tadeu P.</b>	Artesanias: o pensar, o fazer e o ensinar de Maria Clara Tomaz Machado	Uberlândia	Cultura Trix Editora	2018

<b>KATRIB, C. M. I.; SANTOS, Tadeu P.</b>	Clareando caminhos: o pensar, o fazer e o ensinar de Maria Clara Tomaz Machado	Uberlândia	Cultura Trix Editora	2018
<b>DILLMANN, Mauro; KATRIB, C. M. I.</b>	História & religiosidades no Brasil: a produção de um campo a partir de narrativas de historiadores	Curitiba	CRV	2017
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Nos mistérios do rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário Catalão-GO (1936-2003)	Curitiba	Editora Prismas	2016
<b>KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T.</b>	História & documentário: artes de fazer, narrativas fílmicas e linguagens imagéticas	São Paulo	Verona	2015
<b>OLIVEIRA, C. C.; KATRIB, C. M. I.</b>	Valores Civilizatórios afro-brasileiros-tecendo diálogos pedagógicos	Uberlândia	EDUFU	2013
<b>KATRIB, C. M. I.; COIMBRA, T.C.</b>	Releituras da cidade: Memória, História e Identidade	Uberlândia	Assis Editora	2013
<b>KATRIB, C. M. I.; ABDALA, M. C.; MACHADO, M. C. T.</b>	São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memórias e cultura	Uberlândia	EDUFU	2010
<b>BERNARDES, V. A.; KATRIB, C. M. I.</b>	Educação à distância	Uberlândia	Lops	2010
<b>BERNARDES, V. A.; KATRIB, C. M. I.</b>	O ensino de História da África em debate	Uberlândia	Lops	2010
<b>BERNARDES, V. A.; KATRIB, C. M. I.</b>	História e cultura Afro-brasileira	Uberlândia	Lops	2010
<b>BERNARDES, V. A.; KATRIB, C. M. I.</b>	Histórico do Movimento negro no Brasil	Uberlândia	Lops	2010

**Tabela 05**  
 Publicações de artigos  
 Fonte: Currículo Lattes do autor (2025).

<b>Autor(es)</b>	<b>Título do Texto</b>	<b>Local de Publicação</b>	<b>Ano</b>
<b>IBRAHIM KATRIB, CAIRO MOHAMAD; COSTA, I. C.; MANUEL, P. F. R.; GONÇALVES, E. M. S.; ARAÚJO, M. O. G.</b>	Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE): diálogos e perspectivas	Caderno Pedagógico (Lajeado. Online)	2024
<b>SOUZA, VILMA APARECIDA DE; ARAÚJO, MICHELE DE OLIVEIRA GONÇALVES; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; GONÇALVES, EMANUELE MARIA SILVA; SILVA, LUCIANE MÁRCIA DE OLIVEIRA TEODORO</b>	PDDE como política pública de financiamento da educação: origem, objetivos e base legal	Caderno Pedagógico (Lajeado. Online)	2024
<b>RODRIGUES, V. F.; KATRIB, C. M. I.</b>	A lei 10.639/03 no âmbito das instituições de ensino superior: fios e tramas de múltiplos desafios	Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM)	2023
<b>KATRIB, C. M. I.; PEIXOTO, J. C. G.; SILVA, L. M. O. T.; AMARAL, F. D.</b>	Formação continuada e o exercício da diversidade na Universidade como diferença	Revista Mais Educação	2023
<b>KATRIB, C. M. I.; SOUZA, E. M.</b>	Cultura afro-brasileira e educação antirracista e equipamentos culturais	Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM)	2023
<b>SOUZA, VILMA APARECIDA DE; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; NUNES, KLÍVIA DE CÁSSIA SILVA; REZENDE, VALÉRIA MOREIRA</b>	Alfabetização e (pós-)pandemia	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	2023

<b>IBRAHIM KATRIB, CAIRO MOHAMAD; DIAS GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO</b>	Pandemia da COVID-19 e a história da educação da população negra	Revista INTEREDU	2021
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Mesa dos Orixás: experiências do ofertar e do receber na Umbanda	Diálogos (On-line)	2021
<b>KATRIB, C. M. I.; SILVA JR. A.F.</b>	Políticas educacionais de igualdade racial: concepções, reflexões e pluralidades – APRESENTAÇÃO	Educação e Políticas em Debate	2020
<b>KATRIB, C. M. I.; SILVA JR. A.F.</b>	Os desafios da superação do racismo no Brasil: considerações a partir do lugar de fala – Entrevista	Educação e Políticas em Debate	2020
<b>SILVA JR. A.F.; KATRIB, C. M. I.</b>	Outros olhares e possibilidades para pensarem políticas educacionais de igualdade racial	Educação e Políticas em Debate	2020
<b>SILVA JR. A.F.; KATRIB, C. M. I.</b>	Políticas de superação do racismo: As leis 10.639/2005 e 11.645/2008 e políticas de saúde pública em foco	Educação e Políticas em Debate	2020
<b>KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; SANTOS, Tadeu P.</b>	O aprender-ensinar na umbanda: desconstruindo olhares, abrindo possibilidades	Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM)	2020
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	SABERES E PRÁTICAS ANCESTRAIS: caminhos para se pensar a cultura afro-brasileira	CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedade da Universidade de Évora	2020
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Reencontros com a religiosidade brasileira: sujeitos, memórias e narrativas	Revista Brasileira de História das Religiões	2019
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS</b>	Pós-colonialismo, relações étnico-raciais e universidade	<a href="http://dx.doi.org/10.29181/2594-6463.2018.v2.n2">http://dx.doi.org/10.29181/2594-6463.2018.v2.n2</a>	2018
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Nas encruzilhadas do Humano: a figura de Exu na Umbanda	<a href="http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i28">http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i28</a>	2017



<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS</b>	Religiosidade e devoção: caminhos para pensar a cidade	Esboços	2017
<b>BORGES, A. F.; ENOQUE, A. G.; GONÇALVES, LUCIANE RIBEIRO DIAS; KATRIB, C. M. I.</b>	Práticas Organizativas: um estudo sobre o Congado na Região do Triângulo Mineiro	Revista Interdisciplinar de Gestão Social	2016
<b>KATRIB, C. M. I.; TEIXEIRA, A. M. N.</b>	Cultura Afro-brasileira e Educação: Conexões e desafios entre o Ensino Religioso e a Lei 10.639/03 no Município de Uberlândia	Cadernos de Pesquisa do CDHIS (UFU. Impresso)	2016
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Cenários de fé e de festa: levantamento patrimonial das práticas festivo-devocionais na área de abrangência da Usina Serra do Facão- Goiás/Minas Gerais	Revista Brasileira de História das Religiões	2016
<b>KATRIB, C. M. I.; SANTANA, W. E. P.</b>	TEXTURAS RACIAIS: O cabelo e suas múltiplas significações	Horizontes - Revista de Educação	2015
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Quando vida, fé e festa se mesclam: Sentidos mais que sagrados de se comemorar Nossa Senhora do Rosário em Goiás	Revista Brasileira de História das Religiões	2015
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Reencontros com a religiosidade brasileira: sujeitos, memórias e narrativas	Revista Brasileira de História das Religiões	2013
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Narrativas audiovisuais e formação de professores: exercitando olhares	Opsis (UFG)	2013
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	DIÁLOGOS ENTRECRUZADOS: CIDADANIA, CULTURA AFRO-BRASILEIRA E OS 10 ANOS DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI N. 10.639/2003	Educação e Políticas em Debate	2013
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Catalão (GO): cidade em transformação	Emblemas (UFG. Catalão)	2013
<b>KATRIB, C. M. I.; LIMONTA, F. S.</b>	Patrimônio cultural: as ações de salvaguarda em Ituiutaba, Pontal do Triângulo Mineiro	Museologia e Patrimônio	2013

<b>KATRIB, C. M. I.; SILVA, I. C. C.</b>	SABERES EM (RE) CONSTRUÇÃO: OS SESENTA ANOS DO TERNO DE MOÇAMBIQUE CAMISA ROSA? DE ITUIUTABA, MG	Revista de Educação Popular	2013
<b>KATRIB, C. M. I.; NAVES, F. D.</b>	VOZES EM FESTA: MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NOS FESTEJOS DE SÃO BENEDITO	Horizonte Científico (Uberlândia)	2013
<b>Jéssica Garcia; KATRIB, C. M. I.</b>	Refletindo sobre a importância da História local no ensino de História: Ituiutaba - uma cidade, múltiplas narrativas	Revista de Educação Popular (Impresso)	2010
<b>KATRIB, C. M. I.; GANDOLFI, Peterson E.; ENOQUE, Alessandro G.</b>	Memória de Fórum de Educação, Saúde e Cultura Populares do Pontal: a continuidade de uma proposta de gestão para projetos sociais	Revista de Educação Popular (Impresso)	2010
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Espaços desvelados: a dinamicidade dos festejos do Rosário na cidade de Catalão-GO	Espaço e Cultura (UERJ)	2007
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Entre o Sagrado e o profano: a costura festiva	CEPPG Revista (Catalão)	2007
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	No batuque das caixas: histórias de vida, fé e da festa em louvor a Senhora do Rosário de Catalão-GO	CD rom do II International Symposium on Religions, Religiosities and Cultures	2006
<b>KATRIB, C. M. I.; GONCALVES, G. P.</b>	O 'ser' professor: falar de mim, falar com os outros - caminhos e identidades	CEPPG Revista (Catalão)	2006
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Olhares Desvelados: Palimpsesto de tramas e histórias	CEPPG Revista (Catalão)	2006
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	No (des)compasso da festa: o reencontro de muitas histórias	História & Perspectivas	2006
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Entre espacialidades, temporalidades e imagens: a dinâmica do olhar na construção das narrativas	Espaço em Revista	2006

<b>KATRIB, C. M. I.</b>	História Cultural e Cultura popular: Uma reflexão necessária	CEPPG Revista (Catalão)	2005
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Nos Limites do Urbano: a Reelaboração do Cotidiano através da Festa (em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO)	Cadernos de Pesquisa do CDHIS (Online)	2005
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Caminhando pela Festa	CEPPG Revista (Catalão)	2004

**Tabela 06**

Capítulos publicados  
Fonte: Currículo Lattes do autor (2025).

<b>Autores</b>	<b>Título do Capítulo</b>	<b>Título do Livro</b>	<b>Ano</b>
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Batuques da memória: reencontro com os valores civilizatórios afro-brasileiros através do congado	Vivências, experiências e diálogos com a educação antirracista	2024
<b>KATRIB, C. M. I.; REIS, J. M. S.</b>	Os Diferentes não são Iguais: Por uma Universidade Equânime e Plural	Ações para a Equidade na Universidade Federal de Uberlândia: Ensino, Extensão, Pesquisa e o Debate Étnico-racial	2024
<b>KATRIB, C. M. I.; SANTIAGO, S. G.</b>	O que a Pandemia Covid 19 descortinou sobre a Educação da população preta no Brasil?	Cultura e Escrita em Movimento: sociedade, patrimônio e religiosidade	2024
<b>KATRIB, C. M. I.; OLIVEIRA, C. C.; REIS, J. M. S.</b>	Lacunas abertas... as políticas de ações afirmativas no ensino superior no Brasil	Sociedade, Patrimônio e Religião: cultura e história nas mudanças sociais	2023
<b>GONÇALVES, L. R. D.; KATRIB, C. M. I.</b>	Apresentação	Diálogos com as Unidades Executoras - UEX	2022
<b>GONÇALVES, L. R. D.; KATRIB, C. M. I.</b>	Apresentação	Apresentação	2022
<b>GONÇALVES, L. R. D.; KATRIB, C. M. I.</b>	Apresentação	Diálogos com pós execução do PDDE	2022

<b>SANTOS, A. P. S.; KATRIB, C. M. I.</b>	Repensando o PDDE: a importância dos pós execução dos recursos como processo de ressignificação do olhar acerca dos recursos financeiros	Diálogos com pós execução do PDDE	2022
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Carpintarias étnico-raciais: o Congado na sala de aula	Ensino de História em Perspectiva Decolonial	2022
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, L. R. D.</b>	Apresentação	Diálogos com a Diversidade PDDE	2022
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, L. R. D.</b>	Apresentação	Diálogos sobre as ações integradas	2022
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, L. R. D.</b>	Apresentação	Diálogos sobre a dialogicidade com o PDDE	2022
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Saberes e Práticas Ancestrais: Caminhos para se Pensar a Cultura Afro-brasileira	África e Américas: Culturas, Histórias e Narrativas	2022
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Por trás dos muros: os umbandistas no tecido urbano de Uberlândia-MG	Diversidade Religiosa e História	2021
<b>KATRIB, C. M. I.; SANTOS, Tadeu P.</b>	No balanço das águas: Preservação culturas e práticas festivo-devocionais no contexto da usina Serra do Facão	Cultura, Arte & Religiosidade: História, Memória, Sociedades & Patrimônio	2021
<b>KATRIB, C. M. I.; MENDONÇA, A. B. F.; MEDEIROS, M. A.</b>	Residência Pedagógica: contribuições para a formação inicial de uma pedagoga	Formação e Trabalho Docente: das Políticas Públicas ao Cotidiano Escolar	2021
<b>KATRIB, C. M. I.; SILVA, V. J.; SILVA, G. S.</b>	Formação de Professores e a Lei 10.639/2003: Debates sobre Educação Étnico-Racial	Educação no Cerrado e na Amazônia: História, Memória e Cultura em Diferentes Espaços Sociais	2021
<b>KATRIB, C. M. I.; SALES, A. L. A.</b>	Diálogos com a diversidade étnico-racial: as políticas afirmativas na Universidade Federal de Uberlândia	Educação e Diversidade: desafios contemporâneos e perspectivas para um futuro incerto	2020
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	As festas na Umbanda: A valorização patrimonial da religiosidade afro-brasileira no Triângulo Mineiro	Patrimônio Cultural e Espaços Sociais	2020
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, L. R. D.</b>	Tambor, Tambor vai buscar quem mora longe - ancestralidade, memórias e histórias do Congado em Goiás	Brasi(s) & África(s): Educação Plural, Culturas de Resistência e Emancipações Humanas	2020

<b>KATRIB, C. M. I.</b>	O Congado na escola - Repensando a valorização da diversidade etnicorracial	Diálogos com a Educação do Campo: as experiências do Programa Escola da Terra	2019
<b>KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T.; PUGA, V. L.</b>	Encontros, Percursos e Chamados	Mulheres de Fé: Urdidura no Candomblé e na Umbanda	2018
<b>ELISIO, R. R.; KATRIB, C. M. I.</b>	O Candomblé me chamou, eu respondi... Iyá Cristina, uma mulher de fé	Mulheres de Fé: Urdidura no Candomblé e na Umbanda	2018
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Mulheres do Axé: Testemunhas do Tempo e da Memória	Mulheres de Fé: Urdidura no Candomblé e na Umbanda	2018
<b>KATRIB, C. M. I.; PALHARES, R. F.</b>	Entre Guias, Patuás e Pontos Riscados: O Processo de Aprendizagem na Umbanda	Mulheres de Fé: Urdidura no Candomblé e na Umbanda	2018
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Festas e Comemorações Festivo-Devocionais: nos Caminhos de São Marcos	Clareando Caminhos: o pensar, o fazer e o ensinar de Maria Clara Tomaz Machado, uma historiadora à frente do seu tempo	2018
<b>KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, L. R. D.</b>	Vozes dos Negros na Educação Brasileira: Sonantes de uma História	A Formação de Professores - Um Olhar Multidimensional	2017
<b>KATRIB, C. M. I.; RAFEAL, Luana R. M.</b>	Lugares de Fé e de Festa: Sentidos, Pertencimentos e Vivências na Festa do Congado no Pontal do Triângulo Mineiro	Territórios de Tradições e de Festas	2017
<b>KATRIB, C. M. I.; COIMBRA, T. C.</b>	Rendados do Tempo e da Memória: Uma Cidade que Eu (Não) Conheço	Fronteiras Móveis: Territorialidades, Migrações	2016
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	O Rezar e o Festar nos Caminhos do São Marcos: Levantamento Patrimonial das Práticas Festivo-Devocionais	Índios no Triângulo Mineiro	2015
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Molduras de uma cidade: Narrativas, História e Documentário	História & Documentário: Artes de Fazer, Narrativas Fílmicas e Linguagens Imagéticas	2015
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	O Congado me chamou: trajetórias e memórias das mulheres congadeiras de Ituiutaba-MG	História das Mulheres e do Gênero em Minas Gerais	2014
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Diálogos entrecruzados: Cidadania, Cultura Afro-Brasileira e os 10 anos de implementação da Lei 10639	A Lei 10639-2003 em Foco: Balanços Multidisciplinares sobre uma Década de Vigência	2014

<b>KATRIB, C. M. I.; OLIVEIRA, C. C.</b>	Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros - Tecendo Diálogos Pedagógicos	Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros - Tecendo Diálogos Pedagógicos	2013
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Batuques da memória: Reencontro com os valores civilizatórios afro-brasileiros através do Congado	Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros - Tecendo Diálogos Pedagógicos	2013
<b>KATRIB, C. M. I.; COIMBRA, T.C.</b>	Ituiutaba: Várias Histórias	Releituras da Cidade: Memória, História e Identidade	2013
<b>KATRIB, C. M. I.; LIMONTA, F. S.</b>	Patrimônio Cultural e Memória: Um Olhar sobre a Preservação Patrimonial em Ituiutaba-MG	Releituras da Cidade: Memória, História e Identidade	2013
<b>KATRIB, C. M. I.; COIMBRA, T.C.</b>	A Congada em Ituiutaba: Múltiplos Olhares em Construção	Releituras da Cidade: Memória, História e Identidade	2013
<b>KATRIB, C. M. I.; NOGUEIRA, R. R.</b>	Relações Raciais e Educação em Ituiutaba: Cenários e Releituras	Releituras da Cidade: Memória, História e Identidade	2013
<b>OLIVEIRA, L. S.; KATRIB, C. M. I.</b>	A Imagem do Negro na Mídia Brasileira: Descortinando Olhares	Formação Inicial, História e Cultura Africana e Afrobrasileira: Desafios e Perspectivas na Implementação da Lei Federal 10.639/2003	2012
<b>COSTA, I. C.; KATRIB, C. M. I.; RIBEIRO, B. O. L.</b>	Mulheres Negras na Universidade Federal de Uberlândia/Pontal: trajetórias da carreira docente	Formação Inicial, História e Cultura Africana e Afrobrasileira: Desafios e Perspectivas na Implementação da Lei Federal 10.639/2003	2012
<b>OLIVEIRA, A. A. G.; KATRIB, C. M. I.</b>	Diálogos extensionistas para a implementação da Lei 10.639/03 em Ituiutaba-MG: a parceria UFU-FACIP-FUNZUP	Formação Inicial, História e Cultura Africana e Afrobrasileira: Desafios e Perspectivas na Implementação da Lei Federal 10.639/2003	2012
<b>RAFEAL, Luana R. M.; KATRIB, C. M. I.</b>	Um olhar sobre a pluralidade e diversidade cultural na escola: repensando a importância da efetivação da Lei N. 10639/03	Formação Inicial, História e Cultura Africana e Afrobrasileira: Desafios e Perspectivas na Implementação da Lei Federal 10.639/2003	2012
<b>SANTOS, K. A.; KATRIB, C. M. I.</b>	Retratos do Negro na Mídia Brasileira: O Histórico e o trabalho com a mídia em sala de aula	Educação para as Relações Étnico-Raciais: Outras Perspectivas para o Brasil	2012
<b>EUGENIO, L. B.; KATRIB, C. M. I.</b>	História em Transformação: A Representação do Negro na Obra Clara dos Anjos de Lima Barreto	Educação para as Relações Étnico-Raciais: Outras Perspectivas para o Brasil	2012



<b>SILVA, M. G.; KATRIB, C. M. I.</b>	Diversidade e Pluralidade Cultural no Espaço Escolar: A Capoeira como Proposta de Implantação da Lei 10.639/03	Educação para as Relações Étnico-Raciais: Outras Perspectivas para o Brasil	2012
<b>BEZERRA, N. L.; KATRIB, C. M. I.</b>	Saberes Indígenas e Africanos nas Práticas de Cura na Umbanda	Educação para as Relações Étnico-Raciais: Outras Perspectivas para o Brasil	2012
<b>JESUS, R. M.; KATRIB, C. M. I.</b>	Nós da Memória: Saberes Africanos, Vivências e (Re)Significação Identitária	Educação para as Relações Étnico-Raciais: Outras Perspectivas para o Brasil	2012
<b>PONCHIO, M. M.; KATRIB, C. M. I.</b>	Utilização e Produção de História em Quadrinhos em Sala de Aula: Uma Ferramenta Interdisciplinar na Aprendizagem das Relações Étnico-Raciais	Educação para as Relações Étnico-Raciais: Outras Perspectivas para o Brasil	2012
<b>KATRIB, C. M. I.; ABDALA, M. C.</b>	Histórias em Transformação: Experiências e Tensões na Pesquisa sobre Empreendimento Hidrelétrico	Nas Veredas da História: Itinerários e Transversalidades da Cultura	2012
<b>KATRIB, C. M. I.</b>	Banquete da Vida: Sabores e Saberes no Congado Mineiro	Prosas & Sabores	2011
<b>ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T.</b>	Um Mosaico Chamado Catalão: Histórias Vividas e Recriadas	São Marcos do Sertão Goiano: Cidades, Memórias e Cultura	2010
<b>KATRIB, C. M. I.; FERREIRA FILHO, A. J.</b>	A Congada no Contexto da Cultura Popular	História e Cultura Afro-Brasileira	2010
<b>CARMO, LUIZ DO; BENTO, E. P. S.; PRADO, P.; MENDONÇA, M. R.; GARCINDO, L.; SANTOS, M. P.; QUIRINO, A. M.; COSTA, C. L.; BORGES, S. R.; KATRIB, C. M. I.</b>	Rosário Compartilhado: Narrativas de Vida, de Fé e de Festa	As Congadas de Catalão - As Relações, os Sentidos e Valores de uma Tradição Centenária	2008

## AVESSOS

O mais importante do bordado  
 É o avesso é o avesso  
 O mais importante em mim  
 É o que eu não conheço  
 Eu não conheço

O que de mim aparece  
 É o que dentro de mim  
 Deus tece  
 Quando te espero chegar  
 Eu me enfeito eu me enfeito  
 Jogo perfume no ar

Enfeito meu pensamento  
 Às vezes quando lhe encontro  
 Eu mesma nem me conheço  
 Descubro novos limites  
 Eu perco o meu endereço

É o segredo do ponto  
 É o rendado do tempo  
 Como me foi passado  
 O ensinamento

(Jorge Vercillo e Jota Veloso, 2009)

Ingressei na UFU em 2006. Vinha de uma caminhada de quatorze doze anos de educação básica e cinco anos no ensino superior, uma trajetória alinhavada por retalhos que compunham uma certa realidade, a qual pude desalinhavar e alinhavar, inserindo outros retalhos no *patchwork* das minhas histórias.

Na tessitura urdida no experimentar desses processos possíveis, novos contornos foram ganhando significados. Os alinhavos, ora compassados, ora descompassados, permitiam-me examinar os lugares ocupados e desejados, estabelecer trampolinagens para escapar dos emaranhados de situações que, em certos momentos, me fascinavam e, em outros, incitavam a me desprender dali.

Com isso, aprendi que a vida é um grande tabuleiro, onde um jogo sem regras se alimenta de nossas (in)certezas e de nossos sonhos. Nossas fraquezas, nossa dor e nosso cansaço aguçam a movimentação das peças, transformando continuamente as regras do jogo.

Mudar exige desatar nós ou intensificá-los até o momento de não serem facilmente desfeitos. Não sei até que ponto consegui atar e desatar esses nós, nem se ainda estou jogando o jogo com as mesmas regras e no mesmo tabuleiro, pois, às vezes, me sinto o bordado; outras o avesso.

Se me conheço? Não sei. Só sei que me reconheço quando as palavras pedem passagem para desvendar os segredos arquivados em minhas recordações. Elas parecem estraçalhar os subterrâneos da minha memória, fazendo vazar as lembranças mais íntimas e secretas do meu corpo-sujeito. Por mais que eu insista em aprisionar minhas lembranças, algumas escapam, e são elas que se encarregam de buscar, no reino das palavras, a tessitura deste Memorial.

Por várias vezes, acreditei que o tempo fosse gratuito, uma constante. Mas o tempo é capitalista. Ele transforma a memória em uma espécie de parada obrigatória: ora a contemplamos, ora tentamos esquecê-la, mas ela não se desprende. No máximo, conseguimos deixá-la adormecida. No entanto, soberana, ela reaparece sem freios, como uma epifania de celebração, um rito de passagem.

A certeza que tenho é que nossas memórias são janelas em movimento, repletas de inconstâncias que nos permitem, ora contemplar as cenas descortinas, ora interagir com elas, ora tentar esquecê-las. Mas são essas inconstâncias que nos permitem interagir com essa bricolagem de incertezas, colocando-nos na posição de sujeitos e objetos da nossa própria história. Vivemos as tensões, os embates, as interações e as forças de tudo aquilo que ferve quando nossas memórias assumem o protagonismo de nossas narrativas.

Toda história é retirada do redemoinho da memória e, com os fios da escrita, tentamos oficializá-la, emoldurá-la, estabelecer sentidos a fatos, acontecimentos e trajetórias que arrematam essa narrativa representada. As representações que dão vida a essas histórias estão conectadas ao passa-presente-agora, já que assumem o estatuto de verdade.

Aqui, a intenção não foi construir verdades, mas possibilidades de diálogos e entendimentos sobre a seleção de fatos e acontecimentos vividos ao longo da minha trajetória até este momento. Muitas imagens vieram à tona durante o processo de construção narrativa: algumas tentando enquadrar-se à moldura dos meus relembramentos cronológicos; outras, rígidas, recusando-se a ser tocadas; e aquelas mais fluidas, permitindo uma conexão constante na montanha russa do passado-presente, em que reencontrei personagens da minha história. Algumas lembranças

surgiram opacas, sem brilho, essas me permitiram exercitar o entendimento do porquê assumirem essa condição.

Sob outra perspectiva, rememorar e tecer as narrativas explicitadas neste Memorial me projetaram para um novo universo: o do conhecimento em movimento. O conhecimento não está pronto ou acabado; requer constante ressignificação para que possamos compreender seus múltiplos diálogos e as diversas possibilidades de (re)leituras do mundo vivenciado.

Nesse sentido, ao longo das últimas décadas, experimentando a educação superior, vi seu público se transformar. Vi a universidade ganhar mais cor, representadas pelas pessoas, suas raças, suas identidades e suas escolhas. Entretanto, também percebi que a instituição ainda enfrenta dificuldades para promover a equidade entre os diferentes que dela fazem parte, mesmo sendo esse um de seus papéis sociais.

A produção do conhecimento não liberta quem a busca; pelo contrário, muitas vezes, insiste em aprisioná-los em caixas lacradas, como se os sujeitos que chegam à universidade não trouxessem consigo suas bagagens. Políticas de permanência sequer têm sido efetivamente implementadas, e a diversidade ainda não é prioridade na gestão. A universidade é um terreno movediço. No entanto, a universidade somos nós e, por meio de nossas atitudes e inquietações, podemos transformar o trajeto e o formato da produção do conhecimento, bem como a forma como ele é disseminado.

É evidente que a universidade traz arraigada na sua concepção a produção científica como o pilar principal de sua atuação, porém o tripé universitário – ensino, pesquisa e extensão – é o balizador que movimenta a pluralidade no espaço acadêmico. Por isso, devemos conceber as instituições de ensino superior não apenas como lugares de produção científica, mas também como espaços de vivência, experiência e alteridade, comprometidos com a transformação social, política e cultural da sociedade na qual estão inseridos. Esse compromisso não pode se perder ao longo do processo.

Se a universidade é movida pela ressignificação de saberes e pelo reconhecimento das diferenças como alicerce de suas ações educativas – seja no ensino, na extensão ou na pesquisa –, equiparar as condições de acesso e permanência torna-se fundamental para o exercício da autonomia e para a formação crítica e consciente de seus egressos, em especial daqueles em condições socioeconômicas e culturais adversas.

É preciso pensar o ensino superior como um campo de produção e de ressignificação do conhecimento, assegurando seu acesso a todos. É preciso reivindicar, coletivamente, a efetivação de ações institucionais e pedagógicas que combatam o racismo e o preconceito, que validem as cotas e as questões de gênero e que abominem a intolerância, seja religiosa, de gênero ou sexual, como premissa fundamental do fazer pedagógico e da gestão institucional.

Além disso, a universidade precisa incentivar a valorização da conexão entre ensino, extensão e pesquisa na produção do conhecimento, garantindo que ele seja compartilhado coletivamente e reafirmando a função social da universidade pública: a de produção de saberes capazes de, por meio da diversidade, contribuir para a superação das desigualdades sociais, culturais e outras. Sendo a UFU um centro de excelência na produção do conhecimento, é essencial que as licenciaturas sejam priorizadas nesse processo.

A feitura deste Memorial também representa um rito de passagem, cuja simbologia referenda a chegada ao cume da carreira docente, mas não o fim de uma trajetória ou da defesa das minhas convicções. Ele evidencia meu amadurecimento e a necessidade de aprofundar ainda mais a interação com a docência, a extensão e a pesquisa.

Entre as pegadas que se firmam nesse caminhar, guiado pelos fios das minhas recordações, novos e velhos contornos permanecem vivos, redesenhando e colorindo minhas andanças. Portanto, o mais importante é reinterpretar o traçado; é desvelá-lo para além do aparente, do que (des)conhecemos; é (re)descobrir novos limites para compreender as encruzilhadas dos nossos caminhos. Nesse sentido, como um sujeito inacabado, dou-me o direito de romper com minhas amarras e reinventar, por meio de fragmentos do meu avesso, a minha história!

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. Do recordar e do esquecer: a questão da memória em Agostinho, Nietzsche e Freud. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 253-264, set./dez. 2011. DOI: 10.4013/fsu.2011.123.05. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/fsu.2011.123.05>. Acesso em: 13 mar. 2025.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Tradução de José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lucia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel Raposo. São Paulo: DIFEL, 1986.

BARBATO, S. História oral-história de vida: a relação entre memória pessoal e coletiva. **Cadernos do CEAM (UnB)**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 103-113, dez. 2004.

BARROS, M. de. **O livro das Ignorâncias**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1993.

BENJAMIN, W. O Narrador. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197-221.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BOBBIO, N. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Tao, 1979.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê. 2003.

BRANT, F.; NASCIMENTO, M. **Encontros e despedidas**. Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Polygram, 1985, 1 CD.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia de Atuação do Centro Colaborador de Apoio ao Monitoramento e à Gestão de Programas Educacionais CECAMPE**. Brasília, DF:

FNDE, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pdde/manuais/GuiaadeatuaoCentroColaboradorCECAMPE.pdf>. Acesso: 24 jan. 2025.



BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm). Acesso em: 15 jan. 2025.

BUÑUEL, L. **Meu último suspiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CAFFÉ, E. **Narradores de Javé**. Produção de Eliane Caffé. Rio de Janeiro: Riofilme, 2003. Filme.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CONTOS AFRICANOS. Todos dependem da boca. Disponível em: [https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/CONTOS\\_AFRICANOS.pdf](https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/CONTOS_AFRICANOS.pdf). Acesso em: 16 maio 2025.

CRAVEIRINHA, José. Quero ser Tambor. *In: O Tambor Africano*. 1982. Disponível em: <http://edigaralves.blogspot.com/2014/04/craveirinha-o-tambor-africano.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CRAVEIRINHA, J. **Karingana ua Karingana**. Lisboa: Edições 70, 1982.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). Escrevivência: a escrita de nós reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, A. **Eu conto, tu contas, ele conta... estórias africanas**. Lisboa: Mar Além, 1999. (Coleção Espuma do Mar n. 1). Disponível em: <http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto5.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INOCÊNCIO, N. O. Sujeito, corpo e memória. *In*: BRANDÃO, A. P. **Saberes e fazeres**: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. p. 53-59. (A Cor da Cultura v. 1).

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522>. Acesso em: 15 maio 2025.

MAGALHÃES, N. A.; LITWINCZIK, V. Vozes vivas ou congeladas? **Cadernos do CEAM** (UnB), Brasília, v. 2, p. 13-23, 2000.

MAGALHÃES, N. A. Narrativas em vídeo oral e visual como experiência de criação de sentidos e temporalidades na memória e na história. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL: TEMPO E NARRATIVA, 6., 2002, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: ABHO/CNPQ/FFCH-USP-HIS-USP/ANPUH, 2002. CD-ROM.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória**: o reinado do rosário no jatobá. Belo Horizonte: Mazza, 1997.

MASCARELLO, L. J. Somos o que lembramos e também o que resolvemos esquecer. **Psicologia & Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 187-189, dez. 2012. DOI 10.5327/Z1982-12472012000200012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472012000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472012000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 4 mar. 2025.

MOEHLECKE, S. As políticas de diversidade na educação no governo Lula. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n.137, p. 461-487, maio-ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/6sqK6cXTNSSdGNVCRxzHmML/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2025. PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995. Disponível em: [https://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/download/1245524369\\_ARQUIVO\\_sandrajatahy.pdf](https://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/download/1245524369_ARQUIVO_sandrajatahy.pdf). Acesso em: 15 maio 2025.

PICCININ, F. **O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos**: para pensar a narrativa no contemporâneo. Narrativas comunicacionais complexificadas. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

PIZZIMENT, C. Uma pitada de encanto. **Facebook**, 10 jun. 2013. Disponível em: <https://web.facebook.com/UmaPitadaDeEncantoByCrisPizzimenti>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RAMINELLI, R. Compor e decompor: ensaio sobre a história em Ginzburg. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p.81-96, set. 1992- ago. 1993. Disponível em: [https://www.pr.anpuh.org/resources/download/1423519613\\_ARQUIVO\\_6\\_composedecompor.pdf](https://www.pr.anpuh.org/resources/download/1423519613_ARQUIVO_6_composedecompor.pdf). Acesso em: 15 maio 2025.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, P. **La memoria, la historia, el olvido**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

TRINDADE, L M S. Exu: símbolo e função. São Paulo: Ffich-Usp/Cer. 1985. Acesso em: 1 mar. 2025.

UFU. Faculdades de Ciências Integradas do Pontal. **Projeto Pedagógico do Curso de Serviço Social**. 2010. Disponível em: [https://faces.ufu.br/system/files/conteudo/ss\\_projetopedagogico\\_0.pdf](https://faces.ufu.br/system/files/conteudo/ss_projetopedagogico_0.pdf). Acesso em: 10 jan. 2025.

VERCILLO, J.; VELOSO, J. O que eu não conheço. Jorge Vercillo. **D.N.A.** Rio de Janeiro: EMI Music, 2010. 1 CD.

WHITE, H. Teoria literária e escrita da história. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1991.

ZALUAR, A. E. Quem sou eu? *In*: **Literafro**, Belo Horizonte, mar. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/647-luiz-gama-quem-sou-eu>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.